

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

ASPECTOS DO CONTO DE VIRGÍLIO VÁRZEA:
O TEMPO, O MITO E A METÁFORA

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA PARA OBTENÇÃO
DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS - LITERATURA BRASILEIRA.



0.265.014-6

UFSC-BU

MARITA DEEKE SASSE

CONSULTA LOCAL

SETEMBRO - 1980

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Letras - Opção Literatura Brasileira e aprovada em sua forma final pelo programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina.

Celestino Sachet

Professor Celestino Sachet
Coordenador de Pós Graduação
em Literatura Brasileira

Apresentada perante a banca examinadora composta dos Professores:

Celestino Sachet
orientador

José Curi

Olivo Pedron

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao professor Dr. CELESTINO SACHET, prezado mestre, pela confiança estimuladora e segurança na orientação.

Aos insígnies filhos do escritor em estudo, professores AFFONSO VÁRZEA e GEORGE VÁRZEA, pela pronta disponibilidade em prestar esclarecimentos e indicar caminhos.

AGRADECIMENTOS

Aos que me auxiliaram e incentivaram neste trabalho:

Frei Odorico Durieux o.f.m. - vice-diretor e professor do Colégio Franciscano Santo Antônio.

Walter Fernando Piazza - professor e coordenador do Curso de Pós-Graduação em História da UFSC e membro da Academia Catarinense de Letras.

Nereu Correa - presidente da Academia Catarinense de Letras, Florianópolis.

Theobaldo Costa Jamundá - do Conselho Estadual de Cultura de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras, Florianópolis.

Janice de Melo Monte-Mor - ex-Diretora da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Hugo di Domenico - Diretor do Centro de Saúde de Taubaté.

Clara Sílvia Brand Antunes - professora e crítica literária do Rio de Janeiro.

Maria de Souza Ribeiro - Chefe de Departamento de Comunicação e Expressão do C. E. Pedro II de Blumenau e professora do Colégio Franciscano Santo Antônio.

Christa Karin Siebert - professora da Universidade Santa Úrsula do Rio de Janeiro.

Direção e funcionários do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Ao Victor, meu esposo

A Fernando, Luciana, Ângela, Cristina e
André, meus filhos

A Udo e Olga, meus pais

pelo amor, pela compreensão e pelo
apoio.

Ao Henrique, meu irmão que compartilhou
comigo a infância na terra de Virgí-
lio Várzea.

S U M Á R I O

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
INTRODUÇÃO	1
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	9
1.1. Em busca de um tema	10
1.1.1. O autor e a crítica	10
1.1.2 O levantamento dos motivos	27
1.2. Em busca de uma teoria	29
1.2.1. Os três níveis da narrativa	29
1.2.2. O mito e a metáfora	32
2. ASPECTOS DO CONTO DE VIRGÍLIO VÁRZEA	45
2.1. As funções e o tempo	46
2.1.1. A terrível blasfêmia	47
2.1.2. O mestre das redes	53
2.1.3. A filha do faroleiro	56
2.1.4. Painel medieval	58
2.1.5. Considerações	60
2.2. O mito e a metáfora	67
2.2.1. O homem e o mar	67
2.2.2. A mulher e a terra	74
2.2.3. A mulher e o mar - o mito dentro do mito	76
2.2.4. As forças transcendentais	79
2.2.5. Metáfora e mito - a solidificação da relação homem/natureza	81
CONCLUSÕES	94
BIBLIOGRAFIA	97
APÊNDICE	107
1. Lista dos textos analisados, com resumo	108
2. Textos de crítica a Virgílio Várzea	134
3. Cronografia do autor	194
GRÁFICOS:	
1. Caminhos apontados pela crítica	26
2. Quadro comparativo do conto de V.V. - Temas predominantes	28
3. Estrutura do conto de V.V.	64
4. O mito em V.V.	93

RESUMO

Uma crítica abundante, mas menos especializada, vê em Virgílio Várzea o escritor marinhista que se impressionou também com os valores primitivos de sua terra.

Até do ponto de vista estatístico, a observação superficial de seus temas denuncia igual preferência por cenas marítimas e cenas rústicas.

Por outro lado, a análise científica, globalizante e reflexiva de seus livros de contos evidencia as técnicas com que o autor maneja esses conteúdos, a profundidade de seus motivos, a unidade e a coerência dos valores observados por ele no decorrer da narrativa. Como se tivesse delineado previamente modelos e padrões, Virgílio Várzea desenvolve seu assunto sem pressa, qualidade que lhe favorece a sensibilidade na observação do meio ambiente, o gosto pela recordação e a valorização do universo íntimo de seu personagem - o homem guiado pelas forças da natureza.

O mito, em sua obra, caracteriza a autenticidade de um povo rústico, carregado de tradições, e a metáfora insinua a íntima relação lingüística com conteúdos e referentes.

O estudo do tempo, do mito e da metáfora em Mares e campos, Nas Ondas, Histórias rústicas e Contos de Amor abre caminhos para um confronto com a tradição açoriana do povo catarinense.

ABSTRACT

A profuse, but less specialized critique, sees in Virgílio Várzea the marine writer who was also impressed with the primitive values of his country.

A superficial reading of this themes, from the statistical point of view, reveals also his predilection for marine and rustic sights.

Otherwise, the scientific analysis, overall and reflective of his tales, shows the technique which the author handles these contents, the depth of his reasons, the unity and the coherence of values observed by him during his account. How it was outlined previously model and pattern, Virgílio Várzea develops his topic without hurry, a quality that favors his sensitivity of the milieu, the taste for the memory and valorization of his inner soul - the guided man by the force of nature.

The myth, in his work, defines the genuineness of a rustic people surrounded by traditions and the metaphor reveals the close linguistic relation with contents and bearings.

The study of time, of myth and the metaphor in Mares e campos, Nas ondas, Histórias rústicas and Contos de amor, opens ways to a confront with the Açorian tradition of the people of Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

A interpretação, nos dias de hoje, de uma obra como a de Virgílio Várzea, torna-se um desafio para o crítico, por dois motivos:

- 1º - suas edições esgotadas, resumem-se em raros exemplares;
- 2º - sua distância no tempo dificulta o estabelecimento de critérios de avaliação e julgamento.

A leitura dos livros que estudamos, só foi possível depois do contacto com a família do autor, que nos cedeu para cópias xerox os originais, considerados verdadeiras relíquias. Nas bibliotecas, onde são encontrados apenas dois dos volumes analisados, sua classificação entre as obras raras impede empréstimos para pesquisa.

Afrânio Coutinho, verificando a opinião dos críticos a respeito da literatura do passado, emite um posicionamento que revela o problema essencial, diante da análise de um autor de uma época anterior:

"(...) é um erro de perspectiva crítica e histórica, exigir que uma época estética se exprima segundo cânones de outra mais moderna. Não é possível exigir do passado que pense e sinta de acordo com os estilos posteriores. Não é leal julgar uma época passada, à luz de padrões estéticos presentes transferindo a ela o nosso critério de gosto e de realização artística"1.

Com o pensamento sempre atento a esta verdade, examinamos a crítica ao autor, desde a mais distante, quase que exclusivamente laudatória, que lhe acompanhou os lançamentos, até a dos dias de hoje, quando às vezes, o radicalismo de alguns teóricos modernos não lhe reconhece valores. A leitura exhaustiva de todos os textos, cujo comentário apresentaremos como primeira parte deste trabalho, fez com que nossa atenção se voltasse para os seus quatro volumes de contos. Pela sua qualidade de pioneiro do conto catarinense, V.V.² justamente nesta parte de sua obra, provoca a curiosidade do leitor e do crítico. Tanto mais que se anuncia seu gosto pelos temas da terra e da gente catarinense. Decidimo-nos, portanto, pelo estudo de Mares e campos, Contos de amor, Histórias rústicas e Nas ondas³.

A primeira idéia foi a de verificar em que medida o conto do autor se prendia aos motivos barriga-verdes. Antes de tudo, teríamos que veri-

ficar que temas verdadeiramente catarinenses esperávamos encontrar em suas páginas. Quais seriam realmente nossos motivos?

Celestino Sachet, em seu trabalho para os Fundamentos da cultura catarinense, refere-se ao nosso espaço físico, que é bastante diversificado, desde o seu contorno irregular ao seu relevo. Por outro lado, o conceito de homem catarinense sofre as mesmas restrições. Também se chegou à conclusão de que não "existe o espírito catarinense" assim como existe o gaúcho, o paulista, o amazonense⁴. E tal idéia, também justifica Nereu Correa:

*"Vejo, aliás, nesta falta de personalidade do nosso tipo social e humano, um fenômeno natural num meio que interrompe e discrimina os caracteres pela descontinuidade geográfica"*⁵.

O fato é que, acompanhando a história da colonização de nossa terra, verificamos que grupos humanos de diversas etnias se espalharam em algumas povoações insuladas entre si, sem nenhum traço de união, fazendo com que esta diversidade ainda se verifique até nossos dias, quando as distâncias se encurtaram a tal ponto, que a ausência de comunicação deixou de ser o principal motivo desse fenômeno.

Uma tentativa de caracterizar a literatura catarinense a partir destas verdades levou os literatos da terra a traçar algumas coordenadas tidas já como oficiais. Etribados em trabalhos relativos ao Brasil e à Literatura Brasileira, estabeleceram uma teoria similar, com base na divisão do Estado em "ilhas culturais", teoria cuja logicidade e simplicidade imediatamente a legitimou.

Vianna Moog, em divulgado ensaio, concorda com a dificuldade em indicar as características fundamentais da literatura brasileira, suas tendências, seus valores estáveis e permanentes e sua constituição como unidade homogênea⁶. Também afirma, falando de outras literaturas como a francesa, a alemã, a espanhola e a inglesa, que sua definição seria bem mais simples, do que a relativa a nossos próprios valores literários. Não seria possível recolher, do nosso conjunto, nenhuma verdade particular, nenhuma grande síntese ajustável aos rigores de uma definição. Colocando de lado o processo cronológico como inadequado ao estudo de nossa história literária, uma vez que ele apenas daria uma relação mais ou menos longa de nomes sacramentados, Vianna Moog procura outro sistema interpretativo. Como Roger Bastide⁷, em sua perspectiva sociológica, de núcleos culturais, indica uma possível e evidente divisão do Brasil em "ilhas culturais" mais ou menos autônomas e diferenciadas, constituindo em seu conjunto, este país singular, não como "con-

tinente" mas como "arquipélago"⁸. Mas, onde neste esquema, deveria aparecer Santa Catarina? Estaria englobada no núcleo gaúcho? Realmente, alguns de nossos autores, principalmente os considerados regionalistas, ou estudados como tais, a exemplo de Tito Carvalho e Guido W. Sassi, poderiam filiar-se à literatura dos campos gaúchos. E os outros? Como classificar a literatura do Vale do Itajaí, como classificar enfim, a literatura do nosso litoral, principalmente aquela ligada aos valores primitivos da terra?

O fato de se trazer também para Santa Catarina um critério interpretativo baseado no conceito de "ilha" foi a solução encontrada por nossos estudiosos, tanto em relação à Literatura⁹ quanto à cultura geral¹⁰.

No entanto, sabemos que toda esta teorização não nos permite falar em regionalismo catarinense, ainda.

Poderíamos, porém, a esta altura, tentar pelo menos traçar um perfil da "ilha" do litoral. Sem nos aprofundarmos em estudo exaustivo, tomamos alguns apontamentos sobre pormenores históricos que nos levaram à realidade da colonização açoriana¹¹. A Língua e a Religião seriam os mais significativos traços culturais. Walter Piazza enfatiza que a mais esplêndida vitória da colonização açoriana, foi no campo espiritual, atestada nos contextos lúdico e social¹². E este autor indica numerosa bibliografia a respeito da colonização açoriana que poderia abrir caminhos e delimitar teorias¹³. Um trabalho recentíssimo de Adalice M. de Araújo estuda, no setor artístico, uma contribuição da cultura dos Açores, abordando um aspecto capaz de estabelecer pontes entre os motivos que estudaremos neste trabalho e a "ilha" litorânea. Muito feliz, esta autora cria a imagem "Desterro/onde céu e terra se encontram"¹⁴. De fato, usando suas palavras, sente-se nas criações de seus intérpretes (nós o sentimos em Virgílio Várzea) que houve uma simbiose do fantástico local e do mitológico: a própria natureza, de uma beleza particular, é fonte narrativa espontânea que se funde às tradições sobrenaturais, como o mito dos açorianos e o mito dos marinheiros entre outros, acrescidos do "Pathos" germânico¹⁵.

Se, partindo de conceitos oficiais de região¹⁶ e de delimitações regionais baseadas nos critérios citados, fosse possível encontrarmos escritores regionalistas catarinenses, ainda teríamos o problema de definir as características de um autêntico Regionalismo.

Afrânio Coutinho concebe que haja vários modos de se interpretar o Regionalismo¹⁷. Existiria o provincianismo de mau sentido confinante, que provoca a rivalidade entre regiões, como também o localismo literário, a ex-

ploração do pitoresco, das formas típicas, que ele classifica como escapismo romântico. Para este crítico, em sentido restrito, a obra para ser regionalista, não deve apenas ser localizada numa região, senão também deve retirar dela sua substância real¹⁸.

Se Virgílio Várzea retira, de fato, a substância real da sua terra, apresentando tanto o pano de fundo - a natureza, como as condições típicas da sociedade humana, poderemos então afirmar que ele estreou na Literatura numa época em que estava a se desenvolver o regionalismo brasileiro (1895/1910) na valorização dos traços típicos de nosso povo rústico, nosso regionalismo catarinense.

Será nossa meta examinar, através de um estudo científico, globalizante e reflexivo do tempo, do mito e da metáfora no conto deste autor, algumas peculiaridades identificadoras do homem que ele retrata, e verificar se seu conteúdo depende intimamente destas peculiaridades¹⁹.

Iniciaremos o trabalho, apresentando uma resenha do que, de 1884 a 1980, diz a crítica sobre o autor, conforme já anunciamos. Logo após, baseados numa leitura rápida da obra em questão, verificaremos os temas predominantes. A linha teórica a ser seguida, determinada pela própria obra será exposta em traços gerais, sem nos determos em levantamento de problemas²⁰.

A leitura dos contos, propriamente dita, envolverá dois aspectos. O primeiro estudarã a maneira com que o autor trabalha com o tempo. Pela interpretação das estruturas, teremos uma visão geral do seu universo. Em seguida, estudaremos as personagens como actantes, o que nos levarã ao desvendamento dos mitos. Finalmente, serão enfocados alguns aspectos da linguagem figurada, o que solidificarã conceitos determinados anteriormente.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COUTINHO, Afrânio. A tradição afortunada. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.
2. As iniciais V.V. referem-se ao autor Virgílio Várzea.
3. Estas obras estão assinaladas com asterisco na bibliografia do autor à página
4. SACHET, Celestino. Fundamentos da literatura catarinense. In: SILVA, Jalee dyr B. F. da et alii. Fundamentos da cultura catarinense. Rio, Laudes, 1970.
5. CORREA, Nereu. O back-ground das letras catarinenses. In: _____
Temas do nosso tempo. Rio de Janeiro, A Noite, 1953.
6. VIANNA MOGG, (Clodomir). Uma interpretação da literatura brasileira e outros escritos. Rio, Delta, 1966, v. 10
7. BASTIDE, Roger. Brasil: terra de contrastes. 6. ed. São Paulo, DIFEL, s/d.
8. Assim, temos os seguintes núcleos: Amazonas, Nordeste, Bahia, Minas, São Paulo, Rio Grande do Sul e Metrópole, como ele mesmo fala, as sete chaves da literatura brasileira, as sete ilhas do nosso arquipélago cultural, cada uma com seus legítimos representantes dentro da literatura.
9. Nereu Correa, já em 1953, com base na teoria de Vianna Moog, dividiu a Literatura Catarinense, relacionando-a a três áreas culturais:
A REGIÃO SERRANA (a civilização do couro) com costumes semelhantes aos do Rio Grande do Sul, com o folclore rico e abundante, tendo o já mencionado Tito Carvalho como principal representante.
O VALE DO ITAJAÍ (a civilização da máquina) em que o elemento nórdico ergue parque industrial e sua arquitetura típica. São citados como representantes da Literatura de então José Ferreira da Silva, Carlos Fouquet, Theobaldo C. Jamundá entre outros.
O LITORAL - a terceira área em que o madeirense e o açoriano desenvolvem um estilo de vida bem diferente dos dois anteriores: a vida praieira, a presença do mar, reveladas em primeiro lugar por Virgílio Várzea e mais tarde por Othon Gama D'Eça.

(CORREA, Nereu op. cit)
10. Dentro dos limites políticos do Estado, "ilhas geográficas" aguardam as

pontes das BRs para se comunicarem. Temos primeiro a "ilha" da planície litorânea. Ao seu lado a "ilha" das serras. Logo depois a "ilha" dos campos gerais, cortados por um vale, o Vale do Rio do Peixe. Depois, ao norte, temos novamente a "ilha" das serras. E novamente a "ilha" do Vale do Itajaí. No extremo sudoeste, a "ilha" da Serra Geral".

(SACHET, *Celestino op. cit.*)

11. O litoral catarinense e principalmente a Ilha de Santa Catarina, graças à sua privilegiada situação geográfica, à suavidade de seu clima, seus convidativos ancoradouros, seus variados e abundantes recursos naturais, era no séc. XVIII, base invejável de repouso e recuperação de toda a navegação comercial ou de guerra de todas as nacionalidades que, procedentes da Europa, se destinavam ao estuário da Prata ou ao Oceano Pacífico. Todas estas vantagens aguçavam a cobiça das potências marítimas que viam antes de tudo a importância bélica do território. Região de população escassa e humilde, sua posse e conservação preocupava a coroa lusitana. Oficializou-se, então a imigração de grupos populacionais excedentes das ilhas Açores e Madeira. Foram portanto motivos estratégicos de ocupação da área que trouxeram para cá açorianos, fazendo com que se dobrasse o número de habitantes já existentes, começando então a firmar-se a feição característica da gente ilhoa, projetando-se na arquitetura e nos costumes da terra. Feição esta pertencente a um contingente que por sua vez já era fruto do caldeamento de muitas etnias e portanto de riquíssima e variada tradição. Por outro lado, o isolamento das ilhas de origem, seu parco relacionamento com Portugal, fazia com que o povo conservasse muitos aspectos interessantes que o progresso só fazer desaparecer.
12. PIAZZA, Walter Fernando. A vitória da cultura açoriana em Santa Catarina. Florianópolis, 1959. Separata do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, v. 6 p. 4.
13. _____ . Nota prévia à bibliografia para o estudo do litoral catarinense. Publicação da Academia Catarinense de Letras. Florianópolis, 1960.
14. ARAÚJO, Adalice Maria de. O mito e a magia na arte catarinense. Curitiba. p. 45.
15. Idem, *ibidem*. p. 45.
16. Região "é um espaço terrestre onde os fatores físicos e humanos se apresentam com caráter constante(...)" KELLER, Elza Coelho de Souza. Evolução do conceito de região. In: OLIVE, Léa Salomão et alii. Curso para professores de Geografia, Guanabara, 1969. p. 106.

17. COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 7. ed. Rio de Janeiro, Distribuidora de Livros Escolares, 1972. p. 200.
18. Afrânio Coutinho define aquela "substância real": "Essa substância decorre, primeiramente do fundo natural: clima, topografia, flora, fauna, etc - como elementos que afetam a vida da região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este último é o sentido do regionalismo autêntico".
(op. cit. p. 202)
19. O conceito de regionalismo de Lúcia Miguel Pereira também vem ao encontro desta linha: "... são obras regionais aquelas cujo fim primordial é a fixação de tipos e costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores e que se passem em ambiente onde os hábitos e os estilos de vida sejam peculiares".
(PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de Ficção: 1870, 1920. 3. ed. José Olympio, 1973)
20. O estudo do tempo só será realizado segundo Barthes, porque a maneira peculiar de V.V. poderia ser melhor enfatizada através de seus estemas. O mito e a metáfora serão analisados naquilo que nos parece mais evidente. Em geral, estuda-se a metáfora e dela se detectam os mitos. No nosso trabalho, a metáfora funcionará como fechamento, apenas comprovando o mito, cuja dimensão particular ultrapassa a linguagem figurada.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1. Em Busca de Um Tema

1.1.1. O Autor e a Crítica

Afirmar que Virgílio Várzea foi um escritor esquecido pela crítica, após uma pesquisa um pouco mais acurada, já não é possível. Embora ele não tenha tido - usando palavras de Othon D'Eça - "o seu exegeta, paciente e enternecido, que não só interpretasse, como também ouvisse a íntima sonoridade pessoal que ressoa de sua arte cheirando à maresia"¹, mereceu a atenção da crítica de seu tempo e até os nossos dias tem recebido o destaque dos estudiosos, conforme mostraremos a seguir.

Muitos de seus admiradores, porém se ressentem do esquecimento do público. Seus livros não foram reeditados, as antologias e as histórias literárias não lhe emprestam as glórias de um Coelho Neto, por exemplo, para não falar de Cruz e Souza, seu conterrâneo e melhor amigo. Talvez se possa atribuir à falta de sorte a ausência de uma ênfase maior. A mesma falta de sorte que o impediu de tomar lugar na Academia Brasileira de Letras, segundo comentam seus biógrafos².

Temos a impressão, porém, de que a partir da comemoração de seu centenário de nascimento em 1963, seu nome começa a chamar mais atenção. E nestes momentos atuais, em que a cultura e as coisas catarinenses logram merecer interesse especial, Virgílio Várzea principia a conquistar a posição que merece. O Concurso Estadual de Contos, por exemplo, leva o seu nome. E agora que os exames vestibulares da região estão exigindo conhecimento sobre os seus próprios motivos, o Marinista terá seu lugar na bagagem cultural do catarinense, na qualidade de pioneiro do conto barriga-verde.

Nossa presente dissertação já não será reflexo dessa tomada de consciência coletiva?

Começando por ordem cronológica verificamos que os textos críticos que acompanharam o escritor em vida, são na sua maioria pequenos artigos de jornal, publicados à medida que ele ia editando ou reeditando seus livros. São comentários não muito profundos, mas o gabarito de seus autores atesta a sua seriedade. Na sua maioria laudatórios, houve todavia também quem lhe apontasse defeitos.

A mais antiga manifestação crítica que conseguimos anotar a respeito de V. V. data de junho de 1884. O recorte do arquivo particular do autor não traz o dia da publicação do "Jornal do Comércio" em que sai a palavra de Achilles Porto Alegre, louvando seu talento, sem entrar em detalhes

quanto a temas e estilos³.

De Araripe Júnior, em 1885, a propósito de Tropos e fantasias, obra escrita por V.V. de parceria com Cruz e Sousa, já encontramos um artigo de duas páginas, ao qual poderíamos chamar de primeira crítica propriamente dita. Ele elogia o pequeno livro pelo seu trabalho colorido, pela sua forma, até certo ponto nova, pelo seu entusiasmo frenético, admira o rendilhado trabalho do estilo, a audácia Naturalista. Frases dele:

*"Período completo e afinado mas falta algo essencial: complemento de vida na frase. (...)
Um ensaio colorido, de tintas acres, em uma palheta empunhada por mão nervosa."* 4

Já em abril de 1887, o "Regeneração" do Desterro publicava de Cruz e Sousa um pequeno texto sobre Miudeza⁵. E ele conta de uma obra alegre, otimista, nova. Mas não fala em pormenores, não comenta temas ou estilos⁶.

Olavo Bilac, oito anos depois, inicia a crítica sobre o marinheirismo. A propósito de Mares e campos, menciona o autor como escritor profundo, com notável poder de imaginação, compara suas marinhas a telas vastíssimas e admira suas qualidades de historiador da sua terra, dos usos e costumes de seu povo⁷.

Jornais da época, ainda sobre a mesma obra publicam artigos extensos. Na "Gazeta da Tarde" lemos um texto que enfatiza sua qualidade de livro profundamente brasileiro, sua composição trabalhada com vigor, mestria e originalidade, sua capacidade em delinear os lobos do mar⁸.

Eduardo Salamonde, na mesma ocasião, cita suas páginas como portadoras de saboroso travo de naturalidade e sentimento. Vê em V.V. um artista primoroso, de grande talento de factura, com aptidão pouco vulgar de dramatizador e colorista⁹.

Leopoldo de Freitas deve ter acompanhado a obra de V.V. por muitos anos. Em 1895 já lhe louva as qualidades de observador na representação colorida dos tipos humanos e vulgares¹⁰. No "Correio Mercantil" em 1900 ele o compara a Pierre Loti e diz:

"Sua frase leve e singela, se desdobra em estilo para descrever a florescência das ilhas, a rigidez dos penhascos, o fulgor dourado de um chão de areia, a flutuação das algas e a ma estade da ondulação das vagas." 11

Ele chama ainda a atenção para a fidelidade com que o autor des-

creve as impressões de sua terra.

Em 1903 no "Diário Popular" de São Paulo, mais uma vez, Leopoldo louva seu estilo original e lhe coloca outros adjetivos ainda: brilhante, ameno e comunicativo¹². Em 1904, na "Comarca" de Mogy-Mirim comenta então o impressionismo - a tonalidade pitoresca do colorido das bizarras paisagens, derivada da índole do autor - o gosto pelos motivos marinhos¹³.

Já em 1907 este crítico anuncia que V.V. está trazendo um gênero novo para a nossa literatura. Qualifica os contos de "emotivamente nostálgicos da grande poesia do mar". Identifica a prosa como colorida e paisagista¹⁴.

Voltando à ordem cronológica de antes de Leopoldo, temos em 1900, por ocasião na edição de Santa Catarina, a Ilha, Jaime Séguier nomeando-o observador erudito e sagaz que, sem pretensões à altiloquência, sabe descrever o que vê, em linguagem correta e límpida¹⁵.

O Correio Paulistano, ainda nes e mesmo ano, fala do seu estilo ameno e loução de novelista, senhor de todos os segredos da forma, o que lhe permitiria colorir brilhantemente a paisagem - compara-o ao pintor Castagnetto, especialista em telas com paisagens marinhas¹⁶.

"A Página" o qualifica como autor de livros de verdadeira arte e menciona sua força de observação e a atualidade de seu trabalho¹⁷.

Alcides Cruz vê em V.V. um historiógrafo de competência, com estilo fremente pelos nervos e pelo sangue¹⁸.

Aníbal Freyre, em 1901 está comentando suas qualidades de romancista. Reconhecendo em George Marcial figuras políticas da época, compreende nesta obra o resultado de um esforço contínuo e sério¹⁹.

Getúlio dos Santos, na "Gazeta do Comércio", ainda no mesmo ano, não só elogia, como também encontra alguns senões. Chama-o de profissional, senhor da técnica marítima e discorre sobre sua perfeição como marinheiro. No entanto, acusa-o de bairrista inveterado:

*"Nada mais lhe apraz senão o torrão catarinense e os seus barcos de pesca"*²⁰.

E critica o abuso de galicismos, como o acusa de monótono e fastidioso.

Maria Amélia Vaz Carvalho louva a sua linguagem agradável e seus quadros luminosos da sua bela paisagem, da agricultura florescente, da pesca, da lide afanosa e pitoresca de seus engenhos, dos seus costumes sim-

ples e bons, das aldeias felizes, das alegres festas populares²¹.

O "Diário Ilustrado", ainda em 1901, a propósito dos Contos de amor faz uma análise em que procura, com justiça, não apenas engrandecer. Da sua linguagem, crítica algumas irreverências sintáticas, os neologismos que chama de dissonantes mas mesmo assim cognomina-o de prosador seguro. Não aprova sua efabulação dramática e queixa-se de sua paisagem única - o mar. Critica também suas personagens uniformes, formadas de uma só alma. Aprova, no entanto, a riqueza das molduras²².

Veiga Miranda, em 1903 é outro que vê em V.V. "um dos nossos escritores mais genuinamente brasileiros". Compara seu marinheiro ao do francês Loti e fala de seus quadros como telas adoráveis²³.

Medeiros e Albuquerque, também em 1903, louva seu senso de observação e sua poesia em Mares e campos²⁴.

"O Fluminense" de Niterói, na mesma época frisa sua "nota brasileira". E admira suas iluminadas paisagens e sua linguagem com todas as influências da vida rústica, viva e primorosa²⁵.

"A Gazeta de Notícias" critica mordazmente:

"Para alguns pode ser defeito e até pedantismo essa "coquetterie" náutica do escritor que só salta de bordo entre ingleses e excêntricos para pintar o campo de sua terra como "touriste"26.

"A Tribuna" enfatiza mais uma vez o seu gosto por coisas e gentes do Brasil. Chama-o de nativista²⁷.

Em 1904 Walfrido Ribeiro, a respeito de Histórias Rústicas, numa exposição longa e cuidadosa, não vê defeitos, mas suas observações são seguras e autênticas. Ele admira a honestidade do trabalho do marinheiro, sua índole e seu gênio que ele sente apurar-se e retificar-se. Vê em V.V. alguém que iniciou e firmou um gênero: o marinheiro, naturalmente²⁸.

José Veríssimo, também em 1904, reconhece em V.V., sem poupar censura, conforme diz, talento, estudo, honestidade e bons dotes literários. Incita-o a continuar trabalhando a despeito da falta de reconhecimento dos críticos²⁹.

De Portugal, João Grave, no "Diário da Tarde" do Porto, também fala do marinheiro. E menciona: sua capacidade subjetiva, suas qualidades de observador, suas faculdades criadoras, sua alma de poeta, a criação de seus tipos, suas belas páginas descritivas e suas marinhas marulhantes³⁰.

Ainda em 1904 Julio Brito leu O brigue flibusteiro. Cita suas qualidades de paisagista, comparando-o a um pintor³¹. Américo Facó ressalta a independência de V.V.. Fala do livro de George Marcial como precioso diamante e chama atenção para o fetichismo presente em Mares e campos³².

Liberato Bittencourt, no jornal "A Tribuna" afirma que V.V. jamais será um romancista como Alencar ou Aluísio. No entanto, louva suas descrições, seu estilo rendilhado, suas cenas naturais e históricas³³.

"A Tribuna" ainda em 1904, compara-o novamente ao pintor Castagnetto³⁴ e "A Notícia" através de J. dos Santos chama a atenção para o seu intenso colorido e para seu estilo de escritor primoroso.³⁵

Outra vez em Portugal, através do jornal "A Província", fala-se da sua aceitação ali e menciona-se sua obra O brigue flibusteiro como livro ardentemente patriótico³⁶.

Max Nordau, conhecido pensador alemão da época, em carta publicada em "A Tribuna" fala de Mares e campos. Embora julgasse os contos desiguais em valor, achava alguns deles verdadeiras obras de arte. Qualificativos que usou: particularmente brasileiros, humanos, vibrantes, de cor local. E finaliza: "Um volume destinado a ficar"³⁷.

Gama Rosa, na "Folha do Dia" de 1910, a respeito de Nas ondas, ressalta o realismo intenso, suas descrições coloridas, sua inexcedível superioridade técnica³⁸. Ainda no mesmo jornal, sobre o mesmo livro, comparam V.V. a Guerra Junqueiro em Os simples e comentam a colocação do elemento feminino em sua obra³⁹.

Almachio Diniz no "Diário da Bahia" traça um paralelo entre Virgílio e Loti, mas anota também as grandes diferenças entre um e outro. Em ambos vê a paixão pelo mar. No entanto, em V.V. percebe uma superioridade que principia no estilo (Loti teria uma preocupação com o magnificentismo estilístico) e se estende pela psicologia. Para o francês, o mar é meio. Para o brasileiro, o mar é tudo, também agente. Enfim, para Almachio, V.V. é vibrante e intenso, o outro desesperançado e queixoso⁴⁰.

Ainda em 1910, a propósito de Nas ondas o jornal "O Subúrbio" fala de sua originalidade e de seu trabalho infatigável⁴¹.

Eugène Hollender do "Messenger de São Paulo", compara-o também a Loti e a Ivan de Karmor. Louva o vigor de suas descrições e o vê como único no gênero no Brasil⁴².

Com Hollender termina praticamente a crítica jornalística que acompanhou de perto seu trabalho de ficcionista. Seu último livro Nas on-

das" tinha sido escrito em 1910 e novas edições não deram motivos a novos comentários.

Em 1939, porém, de Curitiba, Jaime Balão Júnior publica um artigo em jornal local. E vê no marinheiro um portador de ideal, que permaneceu livre de contágios de Escola. Uma opinião completamente contrária da que surgirá mais tarde, conforme mostraremos. Emociona-se com sua obra:

*"Um artista assim tocado da santidade da vida e da criação, da natureza e da graça - fica como índice de emoção e pureza"*⁴³.

O que aparece depois disto já não é mais do seu tempo, pois falece em 29/12/41.

Em 1945, o professor Silveira Bueno profere em Florianópolis conferências cuja conclusão "O Estado de São Paulo" publica. Ele faz confronto entre o marinheiro de V.V. e o de dois brasileiros: Xavier Marques e Vicente de Carvalho. Muito feliz nas comparações, vê no catarinense um traço mais vigoroso e autêntico. Vale a pena citar dois parágrafos:

*"O mar de Virgílio Várzea é o mar de quem nele lutou, é o mar do marinheiro que nele amou e sofreu. O mar de Vicente de Carvalho é o mar de um poeta que em suas ondas se debruçou para contemplá-las, para confiar-lhes as suas máguas e ver-lhes no espelho verde das águas os seus sonhos e as suas miragens, para depois transformá-las em poesia"*⁴⁴.

V.: Em Xavier Marques, Silveira Bueno também não sente a força de V.

*"Entre a maneira de escrever de Xavier Marques e a de Virgílio Várzea há a grande distância do flagrante e do tecnicamente conseguido. As inspirações marítimas do primeiro são velhas recordações passadas pela inventiva acadêmica. (...) As inspirações do autor catarinense, ainda quando já datam de velhas lembranças, apresentam-se em toda a sua realidade natural e tosca, nas suas cores reais, sem artifícios, nem amaneiramentos acadêmicos"*⁴⁵.

A comemoração do centenário de nascimento do Marinheiro foi oportunidade para muitos estudiosos dedicarem sua atenção a V.V.. Pequenos artigos, longas palestras e conferências foram acontecendo.

Um estudo maior dedicou-lhe Joaquim Ribeiro. Em conferência no Centro Catarinense do Rio de Janeiro, em vinte páginas, ele analisa os contos de V.V., examinando sua técnica (conto cristalizado, simples, global, aglutinado e coeso - narrativa nem fragmentária, nem exaustiva); seu paisagismo (uma preocupação original que nem subverte o elemento e nem é apenas ornamental); sua tipologia humana (definição bem clara da personalidade de cada um - autenticidade); seu Marinismo (um espírito substancialmente ligado ao mar); os padrões da vida social de seus personagens (coordenação das peculiaridades do indivíduo e do grupo, sem excessos e sem minúcias dispensáveis). Louva sua índole folclorista. E conclui:

*"O que Virgílio Várzea trouxe para nossa literatura foi profundamente significativo. Deu ao conto uma feição própria e consistente. Atribuiu ao nosso paisagismo uma nota singular e original. Enriqueceu a estilística brasileira com novos impulsos de colorido e musicalidade. Fixou caracteres humanos com acuidade de psicólogo. Pintou usos e costumes com alto poder pictórico. E conseguiu, transportar para suas páginas o clima cultural da ecologia sulina"*⁴⁶.

Barbosa Lima Sobrinho, igualmente em conferência comemorativa, apresenta outro estudo de cerca de vinte páginas. Fala da vida de V.V., da sua formação e da sua obra. Traça paralelos com Pierre Loti e Xavier Marques. Como todos, encontra no catarinense mais força e autenticidade:

*"É a diferença que vai de um marinista episódico de um marinista, por assim dizer, estrutural (...). Um considera as coisas do mar com a mentalidade formada na vida da terra; o outro é visceralmente um marinha, que em terra não se liberta nunca da nostalgia dos que se sentem de alguma forma exilados"*⁴⁷.

Este crítico é mais um que o iguala a um pintor paisagista e chama a atenção para a personalidade criada para os navios e embarcações em geral.

Também nesta época podem ser encontrados artigos esparsos em jornais.

Cesídio Ambrogi, por exemplo, reconhece em V.V. o trabalhador infatigável, um espírito polimorfo, um talento variado que além de fazer ficção e poesia também se dedicou à história e à geografia, ao desenho e à pintura⁴⁸.

Florianos de Lemos, em artigo também comemorativo, lembra outra

vez, sua autenticidade de marinheiro, seu espírito de legítimo barriga-verde, sua descrição correta dos tipos rústicos - os marítimos e os roceiros⁴⁹.

Eidorfe Moreira, professor paraense, em interessante ensaio sobre marinheiros brasileiros, revela uma leitura atenta das obras de V.V.. Embora ele veja o autor com olhos de uma crítica apoiada em valores dos nossos dias, cita como qualidades positivas: seu rigoroso enquadramento geográfico, seu autêntico enquadramento marinho, sua feição descritiva apoiada em rara sensibilidade visual. Numa comparação com o baiano Xavier Marques, porém, não lhe dá a preferência. Embora reconheça em V.V. certo valor e o cite como iniciador do marinheiro na prosa de ficção, reclama seus enredos, sua preocupação poetizante, sua função lusitanizante da linguagem⁵⁰.

Não poderíamos deixar de anotar a presença de Tito Carvalho e Othon D'Eça, cujo reconhecido valor alcançado em nossos dias lhes conferem peso maior.

Tito comenta seu espírito aberto para a luta por horizontes mais largos em nossa estreiteza provinciana. Ele cita V.V. como responsável pela transformação do "facies" literário ilhéu. Em seu entender, a obra do marinheiro jamais foi imitada ou ultrapassada. Comenta sua precisão de aquarelista:

"Para quem não havia segredo nos valores quentes, nos meios tons, na translucidez, das pinceladas, nem vacilações de minúcias, na maestria das composições pictóricas"51.

Othon D'Eça via em V.V. o insular de Canasvieiras, que tinha a correr-lhe nas artérias o sangue ilhéu do avô açoriano e o calor de uma raça aventureira. Ele sentia em sua obra a vibração de sua autenticidade:

"O escritor insigne, apesar de um artista de incansável fantasia e um espírito inquieto e polifônico, foi sempre o marinheiro dominado, fascinado pelos aspectos largos e frementes do oceano - onde encontrou as tintas vigorosas e naturais dos seus panoramas e que tão bem se misturavam ao seu temperamento e à alma dos seus personagens"52.

Nereu Correa também profere conferência comemorativa. Este é um trabalho dos mais completos sobre V.V. que conhecemos. Este crítico antes já se ocupara com estudos sobre o marinheiro⁵³.

Nereu Correa, por ocasião de sua posse de cadeira na Academia

Catarinense de Letras, cujo patrono é Virgílio Várzea, elabora um discurso, abordando aspectos da obra do marinheiro. São quarenta páginas nas quais ele demonstra uma leitura atenta de alguns contos e uma observação ligeira sobre a crítica ao autor⁵⁴.

Apresenta então algumas particularidades de estilo, de temas, estuda sua biografia e seu papel nas Letras catarinenses nos últimos anos do século XIX. Conclui, sugerindo um estudo sobre o folclore e afirma:

*"Numa época em que ainda não se falava de folclore entre nós, o escritor catarinense transpôs, para esses contos, um regionalismo que vale, não pelo caráter documental, mas pelas notações colhidas ao natural"*⁵⁵.

Mais tarde, por ocasião da comemoração do centenário do nascimento do escritor, enfoca A técnica do conto em Virgílio Várzea, frisando uma característica predominante - a paisagem cultural. Demonstrando conhecimento da questão, aborda todas as dificuldades em se determinar um tipo cultural característico catarinense. E procura justificar suas afirmações quanto ao aspecto regional do conto de Virgílio Várzea. Baseando-se em alguns estudos, ele mesmo afirma:

*"Um dos traços mais típicos deste arquipélago cultural - se é possível falar-se de tipicidade, em se tratando de Santa Catarina - é a vida à beira mar. Toda a nossa história, desde as suas origens, está ligada ao oceano (...) a vida transcorreu, mansa e tranqüila no litoral catarinense. Decorre daí a nossa tradição marinheira, desse amoroso e por vezes áspero convívio com o mar, ao longo de nossa história. (...) É aí, nesse cenário, que vive um dos grupos sociais mais pobres da nossa comunidade - toda essa população que reparte a sua atividade entre a pesca e a lavoura, tirando do mar o prato de cada dia..."*⁵⁶.

Comprovando esta afirmação quanto à história, ele traz exemplos, citando a primeira procissão em 1504, que desce de navio na baía de Babitonga e depois as fundações de nossas primeiras cidades, sempre no litoral com todos seus problemas de guerrilhas, revoluções, marcadas pela presença do mar.

Em estudo exaustivo, cuidadoso, divide os textos de V.V. em: "conto documentário": tipos, cenas, paisagens e "conto marinheiro". No primeiro tipo ele enquadrou os contos em que os personagens são surpreendidos "na faina cotidiana - na praia, puxando as redes, no interior dos engenhos, fa-

bricando farinha, nas lidas domésticas, na lavoura, no artesanato das redes, na salga do peixe...".

No segundo, retratando naturalmente a vida de bordo, ele percebe muito bem o elemento dramático destas narrativas, em que a "tragédia nasce do encontro do homem com o mar".

Chama atenção para o aspecto realista da sua criação, identificando o autor como um espírito vinculado aos fatos normais que não deformou a verdade. E observou em seus personagens o caráter popular autêntico, "que nada exprimem singularmente senão apenas os traços característicos e comuns à sua classe". Mas é então que, surpreendentemente, desmente o caráter popular e regionalista de V.V.. E assim justifica sua afirmação:

*"Isso não quer dizer que Virgílio Várzea tenha sido como esses artistas populares ou que pertença à galeria dos escritores regionalistas. A sua obra é regional, mas não é regionalista, no sentido em que foram Afonso Arinos, Simões Lopes Neto e Alcides Maya. (...) Mas era um escritor que, a despeito de trabalhar um material tão simples e primitivo, fazia-o com o gosto e a sensibilidade de um esteta, não se afastando nunca dos cânones universais. Eis porque jamais se deixou seduzir pelos aspectos puramente folclóricos ou pelas peculiaridades da linguagem regional"*57.

Podemos afirmar com certeza, que Nereu Correa foi o crítico que mais minuciosamente se ocupou de V.V.

Hugo di Domenico, talvez motivado por todo este movimento, um ano mais tarde, em palestra, apresenta muito bom trabalho e comenta a vida e os mais belos contos de V.V.. Admira-lhe a harmonia, o equilíbrio e a funcionalidade:

*"No recesso natural das coisas, ele encontrou a beleza inerente à inspiração criadora de Deus"*58.

Publicado pela Revista Paulista de Medicina, o texto desta conferência pode ser encontrada apenas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O que apresentamos a seguir, são menções ao marinheiro aparecidas em obras de crítica e história da Literatura. Se nem todas demonstram a profundidade e a atenção de que julgamos merecedor nosso autor, mesmo assim elas servem para demonstrar a marca que V.V. deixou através dos anos nas le-

tras brasileiras.

Silvio Romero faz apenas uma referência. Compara o autor de Mares e campos a Coelho Neto e caracteriza com uma tendência geral a obra dos dois, que ele chama de ecletismo universalista, com produção abundante em todos os gêneros⁵⁹.

Agripino Grieco, em capítulo sobre Realismo, fala da autenticidade de V.V.. Eis o que diz:

*"O Sr. Virgílio Várzea conhece realmente o mar. Foi marujo e não sendo desses Lotis de praia que enjoam a bordo, faz-se ler, nas suas narrações marítimas, sem que o entusiasmo se manifeste através de bocejos"*⁶⁰.

Em 1948, Liberato Bittencourt, na sua Nova história da literatura brasileira, em seus sete volumes, dedica uma página a V.V.⁶¹. Classifica-o como o maior prosador catarinense do seu tempo. Características que anotou a respeito de sua narrativa: simplicidade, clareza e correção. Em outra ocasião⁶² refere-se ao autor como o Pierre Loti brasileiro.

Andrade Murici, em seu volumoso trabalho sobre o Simbolismo brasileiro, dedica a V.V. doze páginas. Vê como o principal de sua obra, a produção marinheira, admirando seu conhecimento da vida do mar, seu sentimento poético, sua capacidade evocatória e sua sólida base técnica. Nota no nosso autor também uma tendência para o Naturalismo. Embora afirme que V.V. não tenha tomado parte no movimento simbolista, encontra características desta Escola em sua temática, em seu vocabulário e principalmente na sua produção inicial que ele denomina juvenil⁶³.

Nelson Werneck Sodré também faz apenas uma menção à sua originalidade como marinheira, embora concorde que os contos do autor não mereçam o esquecimento em que jazem⁶⁴.

Arnaldo S. Thiago dedica-lhe duas páginas da sua História da literatura catarinense. Ele vê suas páginas descritivas como modelos, louva sua fecundidade como romancista e fala de seu destaque na Literatura Regional⁶⁵.

O Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira de Jacinto Prado Coelho, pela palavra de Massaud Moisés, Heron de Alencar e José Osório de Oliveira, cita diversas vezes V.V.⁶⁶.

Massaud Moisés o coloca ao lado dos realistas que não seguiram Machado de Assis. Liga-o ao francês Loti e junta-o também aos romancistas do

Simbolismo: Gonzaga Duque, Graça Aranha e Lima Barreto⁶⁷.

Heron de Alencar coloca V.V. entre os que se preocuparam com o mito da terra e a aventura da penetração e do povoamento do território. Este mesmo autor também o situa entre os que valorizaram o que é tipicamente brasileiro entre o final do Século XIX e o começo do Século XX que seriam: Oliveira Paiva, Domingos Olímpio, Afonso Arinos, Waldomiro Silveira, Coelho Neto, Graça Aranha e Monteiro Lobato. É ainda Heron de Alencar que menciona a importância de V.V. dentro dos movimentos anti-românticos⁶⁸.

José Osório de Oliveira, por sua vez, fala do Marinismo. Comenta e explica as razões que levam os brasileiros a se ocuparem tão pouco do mar em suas obras. Mas, eis o que diz de Virgílio:

*"Nascido junto ao mar, numa povoação da Ilha de Santa Catarina, no Estado do mesmo nome, fez-se piloto da marinha mercante, correu mundo e deixou vários livros novelescos sobre temas marítimos, impregnados de paixão marinheira: Mares e Campos, O Brigue Flibusteiro, Os Argonautas, Nas Ondas, além de outras obras sobre outros motivos. A falta de renome desse escritor deve-se, sem dúvida, a ter tratado de preferência temas que os brasileiros, em geral, não sentem"*⁶⁹.

Em obra da maior importância para a cultura catarinense, a História de Santa Catarina em quatro volumes, editada em 1970, o autor tem o seu lugar de destaque. O professor Celestino Sachet o cita como "Marinhista dos mais famosos do mundo". E destaca o seu forte nas passagens descritivas⁷⁰.

Alfredo Bosi apenas fala de Tropos e fantasias ressaltando suas características sentimentais e sociais (anti-escravistas)⁷¹.

Walter Piazza ocupa-se do aspecto folclórico da sua obra. Falando de "Santa Catarina - a Ilha", assim se exprime:

*"É um acervo inesgotável de belas páginas escritas por uma pena enamorada mais de poeta que, como seria de esperar, de um cientista. Entretanto, ao observar, nada escapou"*⁷².

Oswaldo Ferreira de Mello, na sua Introdução da literatura catarinense com primeira edição em 1958 e a segunda em 1980, em obra de apenas 107 páginas, dedica cinco ao Marinhista. Ele menciona o fato de V.V. nunca ter tido a crítica que mereceu. Enfatiza sua qualidade de autodidata. Observa seu traço de paisagista e de cronista mas ressalta uma ausência de en-

redos e uma vacilação nos tipos criados, como falhas técnicas que lhe impediram grandes realizações⁷³.

Lúcia Miguel Pereira junta V.V. a um grupo de escritores que não se congregam em torno de nenhuma Escola. Segundo a autora, o que os poderia aproximar seria uma concepção semelhante de literatura, uma atitude em face das relações entre a vida e a sua expressão literária - a ficção. Lúcia acusa estes autores de não se preocuparem com as grandes questões do destino humano.

Segundo sua concepção, havia no princípio do século três correntes bem marcadas na nossa ficção: a psicológica de Machado de Assis, a social, iniciada por Graça Aranha e a regionalista com Afonso Arinos e Valdomiro Silveira. V.V. não teria pertencido a nenhuma destas correntes, bem como Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Arthur Azevedo, Afrânio Peixoto, Xavier Marques, João do Rio, Mário de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Domício da Gama, Valentim Magalhães, Magalhães de Azeredo, Garcia Redondo. Segundo sua teoria, tais autores, formados antes da guerra de 1914, numa época de paz, eles próprios, em regra contentes com sua sorte, pertencentes à classe dominante, teriam escrito para distrair-se e distrair os leitores. Ela não nega, porém a V.V. sensibilidade, talento de narrador e o valor de suas evocações marinhas. Mas nem fala dos contos de V.V.. Menciona apenas as novelas⁷⁴.

Wilson Martins, um dos nossos mais modernos, não simpatiza com o nosso marinheiro e se expressa com dureza a respeito de seus Mares e campos. Todas as características da época, vistas por outros críticos como qualidades, este autor as tem como defeitos:

*"Os Mares e Campos" inauguram na ficção, a linha da temática marítima, na qual por paradoxo, esse autêntico marinheiro, excessivamente preocupado com a frase, perde boa parte da autenticidade que dele esperaríamos; ele não vê o mar e os personagens diretamente do convés dos navios ou dos pequenos portos de pesca, mas através de livros escritos sobre o mesmo assunto: descritivo, palavroso, literário no mau sentido da palavra (nomeadamente nos diálogos) dominado pela obsessão do pitoresco, esse volume exemplifica todos os defeitos do nosso regionalismo convencional"*⁷⁵.

Também, quanto à sua posição dentro de uma corrente literária, usa um tom depreciativo:

"Virgílio Várzea é um romântico retardado, escrevendo nu-

*ma época realista, sem poder libertar-se das fórmulas que o Realismo idealizante dos ingleses identificou para sempre com as narrativas da "aventura colonial"*⁷⁶.

Raimundo Magalhães Júnior, apresentando a Poesia e a vida de Cruz e Sousa, também se ocupa de Virgílio Várzea. Chegamos a enumerar quase cinquenta citações, com biografia, inclusive. É um estudo minucioso e exaustivo como todos os outros do mesmo crítico. No entanto pouco se refere às qualidades de sua obra, a não ser em sentido negativo. Critica sua ambição em vencer e seu tom em relação a V.V. é sempre sarcástico:

*"Virgílio Várzea mereceu de "O Moleque", a mesma adjetivação habitualmente consagrada a Cruz e Sousa. Era também um "luminoso". Os dois, considerados iguais no plano intelectual, eram as duas "luminosidades" de maior vulto e que mais rutilam entre nós, revolucionando, com seu talento exuberante e com uma pujança atlética, a moderna escola realista"*⁷⁷.

A mais recente História da literatura de Santa Catarina de Celestino Sachet, dedica a V.V. três páginas⁷⁸ e coloca deste modo para as gerações futuras, numa obra de maior importância para a cultura catarinense, o fato de V.V. ter sido o mais autêntico retratista dos costumes da gente e da paisagem de sua terra, o introdutor do gênero marinhista na Literatura Brasileira e o criador do conto catarinense. E nesta obra também registra a opinião crítica de Aníbal Nunes Pires:

*"O meio, a educação que teve, antes das primeiras letras, a profissão do pai, a vida praieira, sempre olhando as distâncias e o longe, todas as relações atávicas nunca impulsionaram tanto um escritor para um gênero de literatura como no caso de Virgílio Várzea, para o gênero marinhista(...) A particularidade, no seu gênero literário e o estilo impressionista delicado, eivado de saudade e de sabor melancólico que só o binômio, mar imenso e céu limpo sabe provocar nas almas simples, dão direito a Virgílio Várzea de viver com os tempos"*⁷⁹.

Quanto à sua colocação na literatura universal, registram seus biógrafos o fato de ter sido incluído seu conto Natal no mar do volume Histórias rústicas, no exemplar de dezembro de 1905 da revista "Mill Nouvelles", publicação francesa que se destinava a divulgar autores célebres contemporâneos de todos os países do mundo⁸⁰.

Não poderíamos deixar de mencionar igualmente o lugar que V.V. tem na enciclopédia LELLO⁸¹ como escritor e paisagista.

O exame dos noventa e cinco anos de crítica ao marinhista catarinense nos leva obrigatoriamente a fatos, a partir dos quais deveremos desenvolver nosso trabalho dissertativo.

Tornou-se óbvio que Virgílio Várzea foi um escritor ligado ao mar e às coisas do litoral catarinense. Ele inspirou-se no ambiente em que se criou. E se conseguiu ser tão autêntico, foi porque não lhe faltaram, além da experiência, o necessário senso de observação e o talento de escritor. E se seu estilo é elaborado, é porque se aliou ao seu entusiasmo pelas coisas simples, uma formação mais aprimorada, segundo os moldes da época. É o que se depreende das opiniões dos seus críticos.

A exceção de alguns autores mais modernos, a maioria julga positivamente as qualidades que envolvem seu marinheiro. Vale a pena lembrar justamente alguns que lhe viram os aspectos negativos. Começamos com Wilson Martins. Com todo respeito que se deve a um crítico de sua envergadura, cuja autoridade pode ser comprovada pelo alcance dos volumes da sua História da inteligência do Brasil⁸² ousamos questionar a validade de algumas de suas radicais afirmações embora muito bem colocadas.

Este autor acusa Virgílio Várzea de ter sido "descritivo, palavroso, literário no mau sentido"⁸³.

Descritivo, de fato o foi. Todos os seus críticos atestam seu paisagismo. Mas também não o foram os regionalistas da época?⁸⁴ Quanto às outras menções sobre seu estilo também nos perguntamos: Aluz dos dias atuais, o nosso jovem moderno não afirma a mesma coisa de qualquer autor que fuja da linha de 22? Será justo exigir que um representante de uma época estética se exprima segundo os cânones de outra mais moderna?

Wilson Martins como já frisamos, também o vê bitolado pelas fórmulas do Realismo idealizante dos ingleses⁸⁵. De fato, com orgulho e respeito, seus herdeiros conservam os livros prediletos da juventude de V.V.. E muitos são ingleses. Estes livros certamente terão contribuído para a formação literária do Marinhista. Mas tanto a prejudicar sua espontaneidade, é fato que a maioria de sua crítica não comprova. Como se pôde constatar durante a nossa pesquisa, ele nunca se deixou influenciar por qualquer escola. Quantos o viram como prosador autêntico e muito pessoal?

A leitura rápida da obra do marinhista nos poderá levar à conclusão de que ele foi, à sua maneira, romântico, realista e regionalista. Wilson Martins também percebeu isto e não é possível discutir a veracidade do fato. Apenas se poderia discordar do tom depreciativo das colocações "român-

tico retardado" e "regionalista convencional"⁸⁶.

Conforme se conclui dos textos de seus exegetas, V.V. embora produto de todas as correntes de sua época, soube representá-las honestamente.

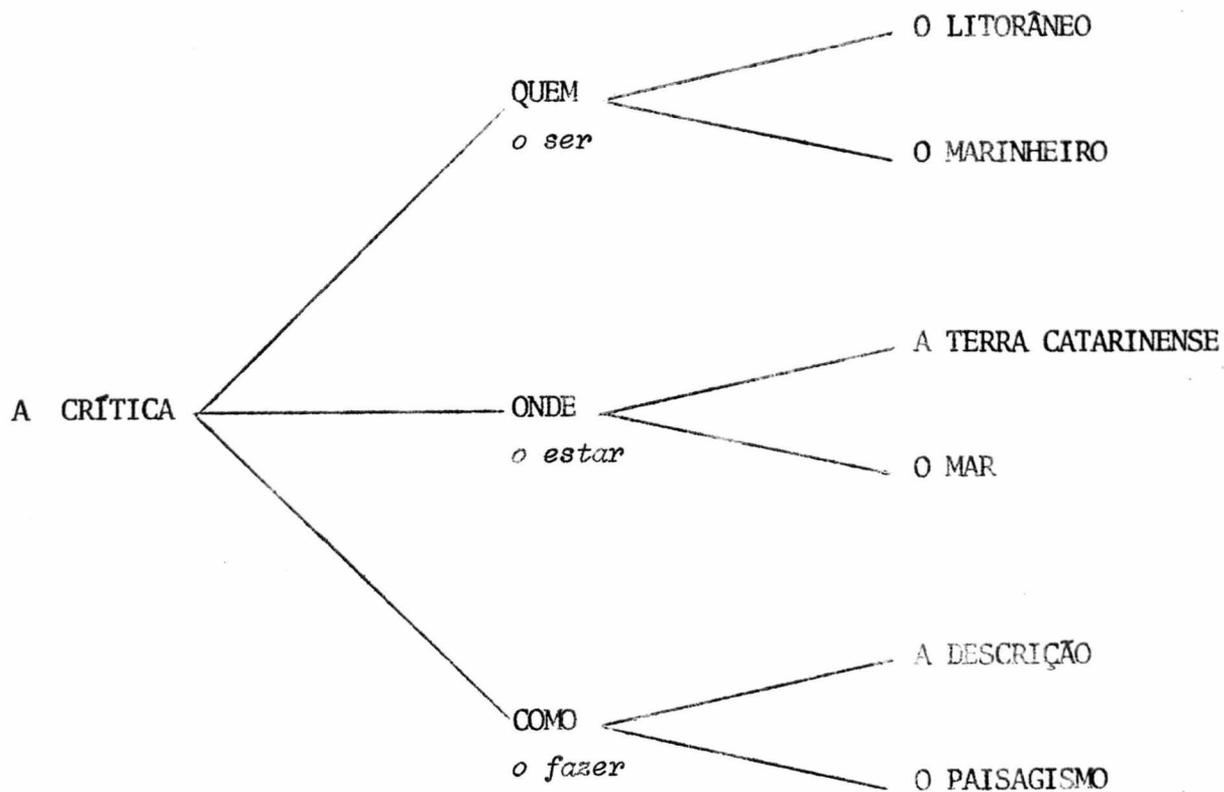
A opinião de Lúcia Miguel Pereira é mais coerente com os demais críticos. Ela não aprecia as novelas românticas mas não minimiza sua feição marinheira.⁸⁷

Magalhaes Júnior desmereceu a obra, desmitificando a personalidade do autor. Mas pouco se refere a aspectos desta obra. Não consegue por este motivo contribuir com algum problema que pudesse ser discutido a base de teorias literárias⁸⁸.

Nereu Correa de fato, por ter sido o que mais profundamente se tem dedicado ao marinheira, conseguiu chegar a conclusões mais interessantes. Sem ser laudatória sua crítica pretendeu pelo menos ser imparcial e indica alguns pontos negativos, como o manejo do tempo e a imaginativa dos enredos⁸⁹.

O que pretendemos fazer, em vista de tanta opinião formada, é tentar, à luz de algumas teorias, verificar como, de fato, V.V. manejou seu tempo, seu paisagismo, seu personagem, sua linguagem. E agora que já temos os pontos principais a serem abordados fornecidos pela crítica, antes de traçar nossas linhas teóricas, fazemos um levantamento dos temas.

1. CAMINHOS APONTADOS PELA CRÍTICA A VIRGÍLIO VÁRZEA



1.1.2. O levantamento dos temas

Um exame inicial das quatro obras de V.V. (cujo resumo colocamos em apêndice, devidamente assinalada para exame comparativo durante a leitura do presente trabalho), possibilitou a classificação dos seus noventa e um contos por temas. Numa listagem geral usamos os seguintes itens: mar, campo, misto e outros (Dentro da classificação *misto* colocamos aqueles contos que envolvem aspectos marítimos e campestres ao mesmo tempo).

O quadro revela a presença flagrante do mar, embora o campo tenha seu lugar destacado também. Se, no volume Nas ondas, todos os contos são marinhistas, pela imperiosidade do título, já em Mares e campos o desequilíbrio a favor do *campo* é mínimo (nove para dez). Em Contos de amor, a diferença em favor dos marinhistas é de quatorze para dez. Em Histórias rústicas é de nove para onze. O cálculo final dará 50 contos marinhistas, 19 campestres, 9 mistos e 13 variados. Isto em percentagem revela:

TEMA PREDOMINANTE	mar	54,94%
	campo	20,87%
	misto	9,89%
	outros	14,28%

Considerando que sob a indicação *misto*, também encontramos contos em que se registra a presença do mar, a percentagem em favor do marinhisto eleva-se a 64,83%.

Por outro lado, se fizermos a mesma compensação em relação aos contos campestres, a percentagem em relação à presença do ambiente catariense sobe a 30,76%.

Voltando ao cálculo inicial, a ocorrência de outros motivos revela-se insignificante em relação ao *mar* e ao *campo*, em seu conjunto: 14,28%.

Este quadro geral não revela novidade quanto à característica marinhistas do escritor ou à sua qualidade de retratista dos costumes das gentes, das terras litorâneas. Apenas coloca os fatos óbvios dentro de uma medida definida que, alida à crítica anterior, forma a base para uma nova tentativa de interpretação do conto de Virgílio Várzea.

2. QUADRO COMPARATIVO DO CONTO DE VIRGÍLIO VÁRZEA

TEMAS PREDOMINANTES

	1. Mares e Campos (1895)				2. Contos de Amor (1901)				2. Histórias Rústicas (1904)				4. Nas Ondas (1910)				TOTAL
	CAMPO	MAR	MISTO	OUTROS	CAMPO	MAR	MISTO	OUTROS	CAMPO	MAR	MISTO	OUTROS	CAMPO	MAR	MISTO	OUTROS	
	2 ML	3 PT	1 MR	20 RR	12 PE	1 M		8 PR	6 CN	3 CM	1 VL	21 NB		1 TB	2 CG		
	4 UF	7 VN	5 NI			2 SA		10 SL	10 MSN	4 M	2 BO	22 VP		3 MO			
	6 BC	9 VS	11 AC			3 PM		11 N	12 ON	5 FF	8 DSJ			4 NB			
	8 CC	15 BM	13 MS			4 VC		13 T	14 LE	7 VV				5 TI			
	10 HR	19 NM	14 S			5 NM		15 AH	16 ES	9 TC				6 AB			
	12 PS	17 MG				6 G		18 N	18 VP	11 PB				7 MC			
	16 NR	21 BS				7 P		19 AC	20 CF	13 NM				8 BL			
	18 AD	23 CS				9 CA		21 HG	24 CA	15 NN				9 DB			
	22 MR					14 A		23 GD	25 MD	17 PM				10 MO			
						16 V		24 T		19 LC				11 MM			
						17 UL				23 AM				12 AB			
						20 IM								13 FM			
						22 OM								14 SO			
						25 EV								15 PE			
														16 WN			
														17 AG			
														18 MR			
	9	8	5	1	1	14	0	10	9	11	3	2	0	17	1	0	91
CAMPO	9				1				9				0				19
MAR		8				14				11				17			50
MISTO			5				0				3				1		9
OUTROS				1				10				2				0	13

1.2. Em busca de uma teoria

Partindo de uma linha de Roland Barthes, que perfará o substrato de nossas tomadas de posição, desenvolveremos algumas idéias a respeito do tempo, do mito e da metáfora, tomadas em fontes diversas. Sem nos determos em questionamentos, procuramos atermos a um conteúdo concentrado e coeso, pretendendo apenas estabelecer conceitos para fins de aplicação. Não é nossa intenção, portanto, discutir todos os problemas vinculados aos temas em estudo.

Tentamos montar com este apoio teórico, um modelo particular que se adaptasse ao conto de V.V. e possibilitasse o levantamento científico de alguns aspectos discutidos de sua obra, durante quase cem anos de crítica, impressionista na sua maior expressão.

Convém frisar que de Barthes utilizamos apenas um direcionamento geral. Aproveitando embora, para o estudo do tempo, seu método de desestruturação da narrativa em seqüências (nível das funções), não usamos na íntegra seu vocabulário próprio e tomamos outras linhas ao nível das ações e da narração.

1.2.1. Os três níveis da narrativa

Nossa linha geral, portanto, está presente no artigo "Introdução à Análise Estrutural da Narrativa"⁹⁰. Seu autor percebe uma relação homológica entre a Frase e o Discurso. O Discurso (parole = fala individual) tem todos os elementos da frase e assim:

- uma frase é um pequeno discurso;
- um discurso é uma grande frase⁹¹.

Partindo destas conclusões, chega-se a uma elementar verdade: A NARRATIVA É UMA GRANDE FRASE como toda frase constativa é o esboço de uma pequena narrativa.

Na narrativa são encontrados, aumentados e transformados à sua medida, os elementos essenciais (sujeito e predicado), os elementos integrantes (complementos) e os elementos acessórios (adjuntos) de uma frase, bem como as principais categorias do verbo: os tempos, os aspectos, os modos e as pessoas.

Esta visão homológica não apenas teria validade no desenvolvimento de uma análise de estrutura, como traçaria um paralelo entre o estudo da

Linguagem e da Literatura. A Literatura, como arte, não se pode desinteressar pela linguagem, desde que a usa como instrumento⁹². A frase pode ser descrita lingüisticamente em muitos níveis: fonético, fonológico, gramatical e contextual. Nenhum nível pode por si só produzir significação. Portanto, para se realizar uma análise crítica é necessário, em primeiro lugar, estabelecer alguns níveis e colocá-los numa perspectiva hierárquica, o que faz R.B., afirmando, porém, que seu esquema não é perfeito. Sua classificação em três níveis, teria, antes de tudo uma vantagem didática:

- a - nível das funções - estudo da seqüência narrativa
(sintaxe narrativa)
- b - nível das ações - estudo das personagens enquanto actantes
(ações antropomorfizadas)
- c - nível da narração (retórica do discurso)⁹³.

* * * * *

O primeiro passo para o estudo da narrativa seria definir as unidades mínimas. Unidade, aqui, seria todo segmento da história que se apresenta como termo de uma correlação. As funções podem ser representadas por unidades superiores à frase (grupos de frases) ou inferiores (o sintagma, a palavra).

Abandonamos o estudo mais profundo destas funções que fala ainda em duas classes: distribucionais e integrativas. Partimos de seu plano funcional da classificação das unidades da narrativa, em seqüências. Seqüência seria um agrupamento de funções, uma série de núcleos por relações lógicas. Abre-se uma seqüência quando um de seus termos não tem antecedentes afins e se fecha logo que um de seus termos não tenha mais consequentes lógicos⁹⁴. Uma seqüência pode ser sempre nomeável (pelo crítico ou leitor comum) por conceitos como: fraude, sedução, traição, redenção, etc. Microseqüências são as seqüências fúteis ou de importância menor da história que R.B. chama de "grão mais fino do tecido narrativo". Uma seqüência inteira pode constituir uma unidade nova, prestes a funcionar como simples elemento de uma seqüência maior. Conjuntos de microseqüências, podem formar seqüências maiores, estabelecendo hierarquias, formando pirâmides de muitos degraus. O que acontece também, é o embricamento das seqüências: uma seqüência, antes de terminada, é intercalada pelo início de outra. Isto, de fato é o que de ordinário ocorre, pois uma ruptura radical de seqüências dentro de uma mesma

narrativa só poderá ser recuperada ao nível superior das ações⁹⁵.

Nesta teoria basearemos o nosso estudo do tempo.

* * * * *

Para o estudo das ações, voltamos aos remotos moldes aristotélicos e clássicos, analisando o personagem da narrativa como atuante (actante), longe de considerar suas essências psicológicas, atitude que os estruturalistas relegam ao teatro burguês. Modernamente, os críticos se têm preocupado em definir o personagem, não como um ser pensante, mas participante da história. Em suma, é antes agente do que pessoa. Interessa enquanto age, engana, chora, grita, abençoa, maldiz, etc. Cada personagem, mesmo pouco relevante, é o herói de sua seqüência. Abandonando a classificação e nomenclatura básica dos teóricos modernos (sujeito/objeto) (doador/destinatário) adjuvante/oponente) julgamos essencial definir apenas o sujeito pela sua participação em uma esfera de ações, saber quem ele é, o que, afinal não deixa de ser exatamente o que propõe Barthes⁹⁶.

Ele também afirma que os personagens, como unidades do nível acional, só encontram sua significação, sua identidade, sua inteligibilidade se são integrados ao terceiro nível - o da narração⁹⁷.

* * * * *

O terceiro nível é ocupado pelos signos da narratividade, a forma, a escritura que irá reintegrar os dois primeiros: funções e ações. Seu papel é mostrar a narrativa.

Barthes afirma que é comum que se considere "bom" o autor que saiba usar bem o código, os signos da narratividade, independente de conteúdos⁹⁸. Nas sociedades antigas, os códigos eram de uma rigidez extrema. Nos tempos de Malarmé, inaugurou-se uma simbologia que se prolonga até nossos dias, em muitos autores que enxergam uma intimidade muito profunda entre a palavra e o som, como objeto e o seu significante. Relaciona-se o aspecto semântico com o fonético e o fonológico. Nestes dois últimos níveis introduziremos o estudo do mito e da metáfora.

1.2.2. O mito e a metáfora

O termo MITO⁹⁹ possui referentes numa amplíssima área de significação. A Religião, o Folclore, a Antropologia, a Sociologia, a Psicanálise, o Marxismo, a Psicologia social, fazem uso constante dele. Opõe-se muitas vezes à História, Ciência, Filosofia. Tinha, de início, conotação pejorativa em que se confundia com ficção. Sob a influência de Jean B. Vico, dos romancista alemães e ainda de Coleridge, Emerson e Nietzsche, começou a concepção de Mito a deslocar-se, sendo ele definido como uma espécie de verdade.

* * * * *

Segundo Wellek e Warren¹⁰⁰ o MITO que é um dos termos favoritos do criticismo moderno, aponta para uma importante zona do significado e assim não seria visto como um concorrente da verdade histórica ou científica e sim, um complemento destas. De acordo com Mircea Eliade¹⁰¹ é um ingrediente vital da civilização humana. Longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva, a qual se recorre incessantemente. Não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática que nos pode revelar aspectos importantes de comportamento coletivo em qualquer espaço ou tempo.

É significativo para nós constatar uma certa identidade e continuidade do comportamento humano no que concerne ao tempo, através das idades e nas múltiplas culturas¹⁰².

Destes fatos tiramos duas conclusões importantes para a LITERATURA:

- 1^a - o inconsciente apresenta estrutura de mitologia privada;
- 2^a - os conteúdos do inconsciente estão carregados de valores cósmicos.

O mito, segundo Lévi-Strauss¹⁰³, é ao mesmo tempo uma história contada e um esquema lógico que o homem cria para resolver problemas que se apresentam sob planos diferentes, integrando-os numa construção sistemática. É uma criação, ao mesmo tempo, inconsciente e lógica, o que nos poderia parecer absurdo.

Para Wellek e Warren¹⁰⁴, modernamente, o termo MITO, não é fácil de precisar. Ouve-se falar de pintores e poetas em busca de uma mitologia. Ouve-se falar do mito no progresso e na democracia. Ouve-se falar do regresso do mito na literatura.

Alguns escritores acreditam que o homem moderno tem mitos superficiais, inadequados ou talvez falsos, tais como os mitos do "progresso", da "igualdade", da "instrução universal", do "bem estar higiênico" ou da "moda". Isto é explicado pelo fato de que, quando modos de vida antigos sentidos há muito tempo e em si coerentes (rituais com seus mitos acompanhantes) são atravessados pelo modernismo, a maioria (ou totalidade) dos homens fica com a mentalidade empobrecida. Como eles não vivem só de abstrações, têm de preencher os vácuos com mitos grosseiros.

No caso do escritor de literatura criadora, falar da necessidade do MITO, é sinal da necessidade que sente de uma comunhão com a sociedade, do reconhecimento da sua situação de artista desempenhando uma função dentro da sociedade.

Segundo Lévi-Strauss¹⁰⁵, o pensamento mítico e o pensamento positivo sempre coexistiram e continuarão a coexistir no espírito humano.

O pensamento mítico se manifesta na nossa sociedade civilizada, em primeiro lugar, através da arte. A arte, como o mito, responde a uma necessidade de coerência e consiste em construir objetos por meio de uma combinação de cores e de formas ou de contornos melódicos e de ritmos.

* * * * *

O mito, para o filólogo Max Müller¹⁰⁶ não é nem a transformação da história em lenda fabulosa, nem uma fábula aceita como história e também não surge diretamente da contemplação das grandes configurações e poderes da natureza. Para ele, tudo o que chamamos de mito é, segundo seu parecer, algo condicionado e mediado pela atividade da linguagem. É, na verdade, o resultado de uma deficiência lingüística ordinária, de uma debilidade inerente da linguagem. Toda designação lingüística é essencialmente ambígua e, nesta ambigüidade, nesta "paronímia" das palavras, estaria a fonte primeira de todos os mitos.

A mitologia, ainda segundo Müller é inevitável, é uma necessidade inerente à linguagem, se reconhecermos nesta a forma externa do pensamento. A mitologia é, em suma, a obscura sombra que a linguagem projeta sobre o pensamento e que não desaparecerá enquanto o pensamento e a linguagem

não se superpuserem completamente - o que nunca será o caso.

Cassirer¹⁰⁷ afirma que nos tempos antigos a mitologia teve maior força na história do pensamento humano, mas hoje ela não desapareceu, de maneira nenhuma.

Mitologia para ele, no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento e isto em todas as esferas possíveis da atividade espiritual.

* * * * *

Segundo ainda Cassirer¹⁰⁸, a estrutura do mundo mítico e do lingüístico em largos segmentos é determinada pelos mesmos motivos espirituais. E para se compreender verdadeiramente este fato teríamos que apontar uma raiz comum, possível origem de ambos, pois neles atuaria a mesma forma de concepção mental. Partindo da natureza e do sentido da Metáfora é que compreenderíamos, por um lado, a unidade dos mundos mítico e lingüístico e, por outro lado, sua diferença.

Muitas teorias afirmam que a metáfora seria o vínculo espiritual entre a linguagem e o Mito.

A autêntica fonte da metáfora é procurada nas construções da linguagem e na fantasia mítica.

A palavra, por seu caráter originariamente metafórico, deve gerar a metáfora mítica e provê-la constantemente de novos elementos.

Cassirer cita que Herder, em sua obra sobre a origem da linguagem, sublinhou o caráter mítico de todos os conceitos verbais e lingüísticos. Afirma ele "visto que toda natureza ressoa, nada mais natural para o homem sensível, que ela viva, fale, atue"¹⁰⁹.

Lê-se em Cassirer¹¹⁰ que o homem, querendo ou não, foi forçado a falar metaforicamente e isto, não porque lhe fosse impossível frear sua fantasia poética, mas antes porque devia esforçar-se ao máximo para dar expressão adequada às necessidades sempre crescentes de seu espírito.

O que chamamos comumente de MITOLOGIA nada mais seria que o resquício de uma fase muito mais geral do desenvolvimento do nosso pensar e apenas um débil remanescente daquilo que antes constituía todo um reino do pensamento e da linguagem. Mas Müller¹¹¹ afirma que jamais se conseguirá compreender a mitologia, enquanto não se souber que aquilo que chamamos antro-

pomorfismo, personificação ou animismo foi, há muitíssimos séculos algo absolutamente necessário para a nossa linguagem e nossa razão.

Seria inteiramente impossível apreender e reter o mundo exterior, conhecê-lo e entendê-lo, concebê-lo e designá-lo, sem esta mitologia universal, sem este ato de insuflar nosso próprio espírito no caos dos objetos e de refazê-los, voltar a criá-los segundo nossa própria imagem. O princípio desta segunda criação que o espírito faz, é a palavra, e na realidade podemos acrescentar que tudo foi feito por esta palavra, isto é, denominado e reconhecido por ela e que sem ela nada teria sido feito daquilo que foi feito.

Werner¹¹² em seu estudo psicológico evolutivo sobre as origens da metáfora, argumentou de maneira altamente plausível, que nesta espécie de metáfora, nesta descrição perifrástica de uma expressão por outra, desempenham papel determinante motivos bem definidos, provenientes da visão mágica do mundo, em especial certos tipos muito específicos de tabus nominais e lingüísticos.

Wellek e Warren¹¹³ acusam antigos estudos literários de terem tratado de modo externo e superficial o conjunto da série: imagem, metáfora, símbolo e mito. Encarados predominantemente como elementos decorativos, ornamentos retóricos, os seus termos eram, conseqüentemente, estudados como partes destacáveis das obras onde aparecem. A concepção que eles defendem, considera que o significado e a função da LITERATURA estão centralmente presentes na metáfora e no mito. Segundo esses autores, tais características como as do pensamento metafórico e mítico, existem realmente: um pensamento por meio de metáforas, um pensamento realizado em narrativa ou em visão poética.

Todos estes termos chamam a nossa atenção para os aspectos de uma obra literária que precisamente ligam e fundem os antigos componentes separadores FORMA e MATÉRIA.

* * * * *

A atenção à linguagem figurada vem da antigüidade clássica e tem atravessado séculos apresentando maior ou menor destaque, de acordo com cada estilo de época. Nos nossos dias, a partir do Simbolismo, evidencia-se a valorização de imagens cada vez mais inesperadas e originais.

Segundo Wellek e Warren¹¹⁴, nestes últimos vinte e cinco anos uma intensiva investigação literária tem sido exercida no plano teórico e no prático. Visa-se então a estabelecer novos critérios de tipologia das figuras. Muitas têm sido as tentativas para reduzir a duas ou três categorias todas as figuras (as subdivisões chegam a 250).

Osvaldino Marques faz a síntese de alguns teóricos¹¹⁵. Diz ele que a metáfora, como figura de maior destaque, tem atraído a atenção dos teóricos desde Aristóteles e modernamente sobressaem estudos originais como de Wundt, Konrad e Richards.

O timbre pessoal de Wundt estaria no seu modo de focalizar a metáfora do ângulo da psicologia, mediante o critério da ação voluntária¹¹⁶. Depois da divulgação de sua teoria, todos os que abordaram o problema demonstram a influência que sofreram pelo seu impacto, mesmo quando suas posições são contrárias. A idéia de Wundt marcou uma nova época no estudo da metáfora. Ele assinala igualmente como finalidade da metáfora, suscitar no receptor um certo efeito, uma sensação estética. Para ele, também a palavra é o símbolo de somente uma representação dominante do objeto, equivalendo, pois, a uma redução última do conjunto de atributos.

Richards, por sua vez, chega a identificar a metáfora com o princípio onipresente da linguagem. A diferença entre a metáfora e um símbolo comum, residiria no fato de que a metáfora seria uma dupla metáfora. Para ele, o escritor que está fazendo uso de uma metáfora, tem dois pensamentos de diferentes coisas e ação recíproca, sustentados por uma única palavra ou expressão, cujo significado é uma resultante de sua intenção¹¹⁷.

Konrad, porém, contra todos os modernos, restabelece em base conceitual a autonomia de metáfora estética.

Na busca de uma definição da metáfora, ele inicia seu estudo pelo termo metafórico.

As palavras que produzem o efeito estranho são chamadas de termos transpostos, porque houve mudança de sentido. Observa que o termo transposto e o termo próprio pertencem à mesma categoria gramatical com raras exceções¹¹⁸.

Le Guern valoriza a análise temática das metáforas baseada na procura de fontes da imagem que ele vê no ambiente¹¹⁹. Analisando os valores da metáfora "in praesentia" (presentes no texto os dois termos - metaforizante e metaforizado) e da metáfora "in absentia" assim se expressa:

"(...) é interessante distinguir a metáfora "in praesentia" da metáfora "in absentia", mas não se chegará ao ponto de cometer erro de considerar a primeira como uma metáfora de qualidade inferior, intermediária entre a metáfora "in absentia" e a semelhança..."120.

A partir destas teorias, podemos concluir que a linguagem e a arte decorrem de um fator comum - o pensar mítico. A linguagem, que se converte em veículo do pensamento, molda-se inicialmente num "reino do espírito"¹²¹ no qual a palavra não só conserva seu poder figurador original, como dentro deste o renova constantemente.

Se o estudo da linguagem pela identificação do simbolismo poético concorre, desta maneira, para o desvendamento dos mitos, o estudo destes concorrerá para a identificação do universo do escritor.

A utilização do mito revela no escritor a medida de sua comunhão com a sociedade, do seu reconhecimento de sua situação de artista desempenhando uma função dentro desta sociedade.

O significado e o fim da literatura, portanto, estariam, segundo os teóricos, centralmente presentes na metáfora e no mito.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. D'EÇA, Othon Gama. Virgílio Várzea e o mar. O Estado, Florianópolis, 15 ago. 1957.
2. VÁRZEA, Affonso. O marinheiro e a academia. Rio de Janeiro, Ed. Alba, 1964, 7 p.
MEIRINHO, Jaly. Virgílio Várzea. Notícias Culturais. Florianópolis, Departamento de Cultura - SEG. 44 (60):4, 26 jun. 1973.
3. ALEGRE, Achilles Porto. Recorte do Jornal do Comércio, Porto Alegre, jun. 1884. In: Centenário do marinheiro, Rio de Janeiro, Ed. Alba, 1964, p. 89.
4. ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Tropos e fantasias. Obra Crítica - 1868-1887, Rio de Janeiro, 1958. v. 1, p. 34.
5. O livro de contos Miudezas teria sido editado em 1886; não existe exemplar para exame.
6. SOUSA, João da Cruz e. Ouro e pedrarias. Recorte do Regeneração, Desterro, abr. 1887. In: Centenário do Marinheiro, Rio de Janeiro, Ed. Alba, 1964, p. 90.
7. BILAC, Olavo. Reprodução de texto da Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 1895. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 6 out. 1903.
8. Gazeta da Tarde, Porto Alegre, 30 maio 1895.
9. SALAMONDE, Eduardo. Dramatizador e colorista. Recorte de O Paiz, Rio de Janeiro, 1895. In: Centenário do Marinheiro, Rio de Janeiro, Ed. Alba, 1964, p. 92.
10. FREITAS, Leopoldo de. Nitidez da figura - artigo sobre o aparecimento dos Mares e campos, Rio de Janeiro, 1895. In: Centenário do Marinheiro, Rio de Janeiro, Ed. Alba, 1964, p. 94.
11. _____ . Índole de escritor. Correio Mercantil, Pelotas, 1º jul. 1900.
12. _____ . Novas Publicações. Diário Popular, São Paulo, 8 ago. 1903.
13. _____ . Marinheiro. A Comarca, Mogy-Mirim, 5 jul. 1904.
14. _____ . Os Contos de amor. Cidade, Rio de Janeiro, 25 jun. 1907.

15. SÉQUIER, Jaime. Comentário. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 5 ago. 1900.
16. Correio Paulistano, São Paulo, 6 ago. 1900.
17. A Página, Rio de Janeiro, 23 set. 1900.
18. CRUZ, Alcides. Le sentiment de la nature. Federação, Porto Alegre, 23 ago. 1900.
19. FREIRE, Aníbal. George Marcial. Gazeta da Tarde. Rio de Janeiro, 15 jun. 1901.
20. SANTOS, Getúlio dos. George Marcial e Contos de Amor de Virgílio Várzea. Gazeta do Comércio, Rio Grande do Norte, 24 nov. 1901.
21. CARVALHO, Maria Amélia Vaz. Santa Catarina - A Ilha. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 15 jul. 1900.
22. Diário Ilustrado, Lisboa, 2 ago. 1901.
23. MIRANDA, Veiga. Mares e campos. Paulópolis, out. 1903. (recorte)
24. MEDEIROS E ALBUQUERQUE. Mares e Campos. A Notícia, Rio de Janeiro, 7 out. 1903.
25. O Fluminense, Rio, 19 out. 1903.
26. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 13 out. 1903.
27. A Tribuna, Rio de Janeiro, 29 out. 1903.
28. RIBEIRO, Walfrido. Histórias Rústicas. Annaes, Rio de Janeiro, 22 dez. 1904.
29. VERÍSSIMO, José. Carta enviada ao jornal O Paiz, Rio de Janeiro, publicada em 20 abr. 1904.
30. GRAVE, João. Chronica - Literatura Brasileira. Diário da Tarde, Porto, 9 abr. 1904.
31. BRANDÃO, Júlio. O brigue flibusteiro. O Norte, Porto, 31 mar. 1904.
32. FACÓ, Américo. Virgílio Várzea. Recorte do arquivo particular do autor. (s.d.)
33. BITTENCOURT, Liberato. Comentário. A Tribuna, Rio de Janeiro, 20 abr. 1904.
34. A Tribuna Rio de Janeiro, 7 de abril de 1904.
35. SANTOS, J. dos. Comentário. A Notícia. Rio de Janeiro, 25 mar. 1904.
36. A Província, Porto, 30 mar. 1904.

37. NORDAU, Max. O Brigue Flibusteiro. A Tribuna, Rio de Janeiro, 18 abr. 1904.
38. ROSA, Francisco Luiz Gama. Nas ondas. Folha do Dia, Rio de Janeiro, 30 mar. 1910.
39. _____ . Comentários. Recorte do arquivo particular do autor. 20 jun. 1910. Centenário do Marinista, Rio de Janeiro, Ed. Alba, 1964, p. 111.
40. DINIZ, Almachio. Diferente de Loti. Diário da Bahia, Salvador, 18 ago. 1910.
41. O Subúrbio, Rio de Janeiro, 6. jul. 1910.
42. HOLLENDER, Eugêne. Virgílio Várzea. Le Messager de São Paulo, São Paulo 20 abr. 1914.
43. BALÃO JÚNIOR, Jaime. Portador de ideal. O Dia, Curitiba, mar. 1939.
44. BUENO, Francisco Silveira. Virgílio Várzea. O Estado de São Paulo, 17 fev. 1945.
45. Idem, ibidem.
46. RIBEIRO, Joaquim. Características do Conto de Virgílio Várzea - conferência no Centro Catarinense, Rio de Janeiro, 22 out. 1962. In: Centenário do Marinista, Rio de Janeiro, Ed. Alba, 1964, p. 65/86.
47. LIMA SOBRINHO, Barbosa. O marinista Virgílio Várzea - conferência na Academia Brasileira de Letras, 12 out. 1963. In: Revista da Academia Brasileira de Letras. V. 129, Anais de 1975, jan/jun.
48. AMBROGI, Cesídio. Espírito polimorfo. A Voz do Vale do Paraíba, Taubaté, 2 fev. 1963.
49. LEMOS, Floriano de. Virgílio Várzea (notas e saudades). Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 6 jan. 1963.
50. MOREIRA, Eidorfe. Presença do mar na literatura brasileira, Belém, 1962, pp. 87-89-90-119-120.
51. CARVALHO, Tito. Centenário de Virgílio Várzea. A Gazeta, Florianópolis, 6 jan. 1963.
52. D'EÇA, Othon Gama. Virgílio Várzea e o mar. O Estado, Florianópolis, 15 ago. 1957.
53. CORREA, Nereu. A técnica do conto em Virgílio Várzea - conferência proferida em comemoração ao centenário do autor na Academia Catarinense de Letras, 12 jan. 1963. In: O Canto do Cisne Negro e outros estudos, Florianópolis, Departamento de Cultura da SEC, 1964, p.

54. _____ . Discurso de posse na Academia Catarinense de Letras. In: O Canto do Cisne Negro e outros estudos, Florianópolis, Departamento de Cultura da SEC, 1964, p.
55. Idem, *ibidem*, p. 127.
56. Idem, *ibidem*, p. 137.
57. Idem, *ibidem*, p. 158.
58. DOMENICO, Hugo DI. Virgílio Várzea - conferência proferida no Clube dos 21 Amigos de Taubaté, 25 abr. 1964. Revista Paulista de Medicina, São Paulo, 75(10):259-72, out. 1969.
59. ROMERO, Sílvio. História da literatura brasileira. 3.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943. p. 134.
60. GRIECO, Agripino. Evolução da prosa brasileira. 2.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947. p. 100
61. BITTENCOURT, Liberato. Nova história da literatura brasileira. Rio de Janeiro, O. G. do Colégio 28 de Setembro, 1948. v. 4, p. 191.
62. Op. cit. v. 6, p. 353.
63. MURICY, José Cândido. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2.ed. Brasília, Conselho Federal de Cultura e Instituto Nacional do Livro, 1973. v. 1, p. 222.
64. SODRÉ, Nelson Werneck. História da literatura brasileira. 4.ed. Rio de Janeiro, Liv. Bras., 1964, p. 415.
65. S. THIAGO, Arnaldo. História da literatura catarinense. Rio de Janeiro, 1957. p. 228-9.
66. COELHO, Jacinto do Prado. Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira. Porto, Livraria Figueirinhas, 1962.
67. Idem, *ibidem*. p. 177-772.
68. Idem, *ibidem*. p. 480-760-789.
69. Idem, *ibidem*. p. 454.
70. SACHET, Celestino. A literatura de Santa Catarina. In: História de Santa Catarina, Curitiba, Grafipar, 1970. v. 3, p. 9-12.
71. BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo, Cultrix, 1976. p. 302.
72. PIAZZA, Walter. Aspectos folclóricos catarinenses. Florianópolis, Comissão Catarinense do Folclore, 1953. p. 124-6.

73. MELLO, Osvaldo Ferreira de. Introdução à história da literatura catari-nense. 2.ed. Porto Alegre, Movimento, 1980. p. 72-6.
74. PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção. 3. ed. Brasília, José Olympio, 1973. p. 257-8.
75. MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. São Paulo, Cultrix 1978. p. 490-1.
76. Idem, ibidem. p. 491.
77. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Poesia e vida de Cruz e Sousa. 3. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1957. p. 71.
78. SACHET, Celestino. A literatura de Santa Catarina. Florianópolis, Lunardelli, 1979. p. 62-6.
79. Idem, ibidem. p. 66.
80. MEIRINHO, Jaly. Virgílio Várzea. Notícias Culturais. Florianópolis, Departamento de Cultura - SEC. 44(60):4, 26 jun. 1973.
81. LELLO UNIVERSAL. Porto. Lello e Irmão Editores. s/d. v. 4. p. 1333.
82. MARTINS, WILSON. História da inteligência brasileira. São Paulo, Cultrix, 1978. v. 4.
83. Idem, ibidem. p. 491.
84. Ligia Chiappini de Moraes Leite estudou a "mancha" descritiva no Regionalismo gaúcho. Regionalismo e modernismo, São Paulo, Ática, 1978.
85. MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. São Paulo, Cultrix, 1978. v. 4. p. 491.
86. Idem, ibidem.
87. PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção. 3. ed. Brasília, José Olympio 1973, p. 258.
88. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Poesia e vida de Cruz e Souza. 3. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975. p. 70-2.
89. CORREA, Nereu. A técnica do conto em Virgílio Várzea. In: O Canto do Cisne Negro e outros estudos, Florianópolis, Departamento de Cultura da SEC, 1964. p. 148-56.
90. BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: Análise estrutural da narrativa, 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
91. Idem, ibidem. p. 23.

92. Idem, ibidem. p. 24
93. Idem, ibidem. p. 27
94. Idem, ibidem. p. 39.
95. Idem, ibidem. p. 141.
96. Idem, ibidem. p. 45.
97. Idem, ibidem. p. 46.
98. Idem, ibidem. p. 51
99. WELLEK, René; WARREN, Austin. Teoria da Literatura. 3. ed. Lisboa, Publicações Europa América, 1976. p. 235.
100. Idem, ibidem. p. 230.
101. ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo, Perspectiva, 1972. p. 23.
102. Idem, ibidem. p. 10.
103. LÉVI-STRAUSS, Claude. Valemos nós mais que os selvagens? In: Mito e linguagem social. Rio, Tempo Brasileiro, 1970. p. 140.
104. WELLEK, René; WARREN, Austin. op. cit. p. 237.
105. LÉVI-STRAUSS, Claude. op. cit. p. 142.
106. MULLER, Max. Über die Philosophie der Mythologie, reimpresso como apêndice à edição alemã da Introdução à Ciência da Religião Comparada. 2. ed. Estrasburgo.
107. CASSIRER, Ernst. Linguagem e mito. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 102.
108. Idem, ibidem, p. 102.
109. Idem, ibidem. p. 102.
110. Idem, ibidem. p. 102.
111. MULLER, Max. Das Denken im Lichte der Sprache. Leipzig. 1873. p. 368-55.
112. WERNER, Heinz. Die Ursprünge der Metapher. Leipzig, 1919. p. 74 e 55.
113. WELLEK, René; WARREN, Austin. op. cit. p. 229.
114. Idem, ibidem. p. 241.
115. MARQUES, Osvaldino. Teoria da metáfora. In: Ensaio escolhidos. Rio de Janeiro, 1968. p. 7-22
116. WUNDT, Wilhelm. Apud RICHARDS, Ivor Armstrong. Philosophy of Rhetoric, Londres, 1936; p. 117.
117. RICHARDS, Ivor Armstrong. op. cit.

118. KONRADT, Hedwig. Apud RICHARDS, Ivor Armstrong. op. cit.
119. GUERN, Michel le. Semântica da metáfora e da metonímia. Porto, Telos, 1973. p. 142-3.
120. Idem, ibidem. p. 146.
121. CASSIRER, Ernst. op. cit. p. 115.

2. ASPECTOS DO CONTO DE VIRGÍLIO VÁRZEA

2.1. As funções e o tempo

De acordo com a teoria da relatividade, o tempo assume significados diferentes em sistemas diferentes e varia de um plano de referência para outro¹. Isto pode ser aplicado à Literatura. Toda narrativa tem os seus padrões e valores temporais próprios. A seqüência cronológica ordinária pode ser dispensada a qualquer momento na ficção, pois a imaginação pode realizar truques com a duração, contraindo-a, expandindo-a, causando a união de durações diferentes, inserindo uma duração dentro de outra ou levando adiante simultaneamente várias durações superpostas, cada uma com seu próprio andamento.

A área de tempo coberta por um conto, por exemplo, restringe-se em geral a um período muito breve. Os personagens pareceriam diminuídos, fora de toda proporção, se fossem julgados por um conhecimento de apenas poucas horas de suas vidas, sem qualquer referência ao que aconteceu antes do período tratado, que condicionou as suas reações ao presente e determinou a sua aparência e personalidade.

O conto de V.V. segue vários modelos e um estudo à base dos já mencionados estemas de Barthes torna-se bastante elucidativo.

Nereu Correa já afirmou, por exemplo que a ação de V.V. se desenvolve em câmara lenta, no ritmo sincopado de uma arte que se nutre apenas do visual e do plástico². De fato grande parte das páginas ou dos textos representam verdadeiras gravuras aos sentidos do leitor. Imaginamos que elas representem as chamadas "manchas" tão comuns nos autores regionalistas. Aliás, Ligia C. M. Leite dedica um capítulo inteiro de sua dissertação a este fenômeno que estudou no Regionalismo Gaúcho³. E a este respeito cita ainda Davi Arriguci Jr. referindo-se às "paradas descritivas" do regionalismo hispano-americano, em que havia acumulação de tropos, sem possibilidade de fusão com a linguagem referencial.

Nosso autor, se também abusou da *mancha*, portanto, está em boa companhia. Embora não imitasse ninguém, escreveu sobre aquilo que o inspirou.

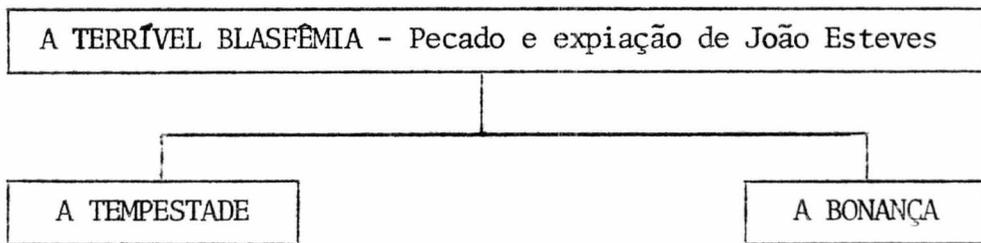
A escolha dos quatro contos que a seguir esquematizamos, não obedeceu a qualquer determinação prévia. Foi aleatória. Tivemos apenas o cuidado de utilizar um conto-exemplo de cada uma das quatro obras em estudo.

2.1.1. A terrível blasfêmia⁴

Pode ser considerado, no seu todo, uma narrativa encaixante: a uma estória central, encaixam-se outras, que vão conferindo à principal uma visão própria, criando o clima total, a realidade de um todo, o universo mítico de V.V.

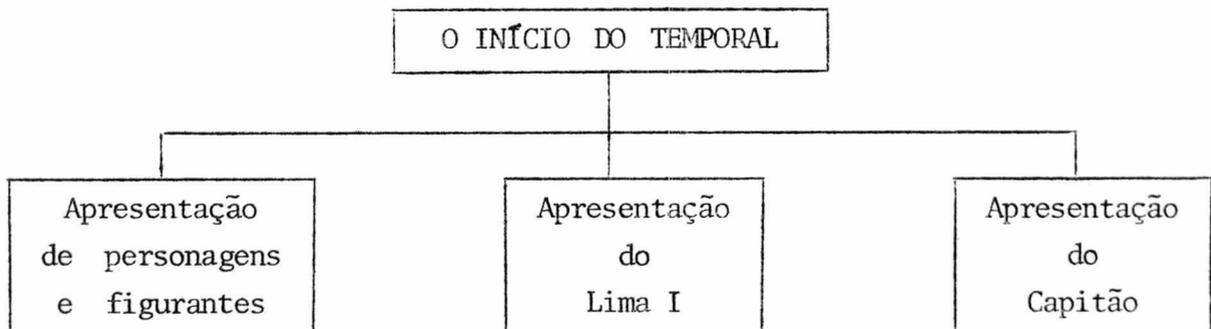
Conduzida, portanto em alguns patamares de épocas diferentes, é uma narrativa de ação ascendente, cuja estória principal se passa no período de 24 horas - o patamar principal - ao qual damos a denominação geral de "a tempestade". Todo o ambiente é preparado para o momento crucial em que o herói, João Esteves, desafia o próprio Deus e é duramente castigado.

Apresentando o esquema por partes, teríamos numa primeira divisão:

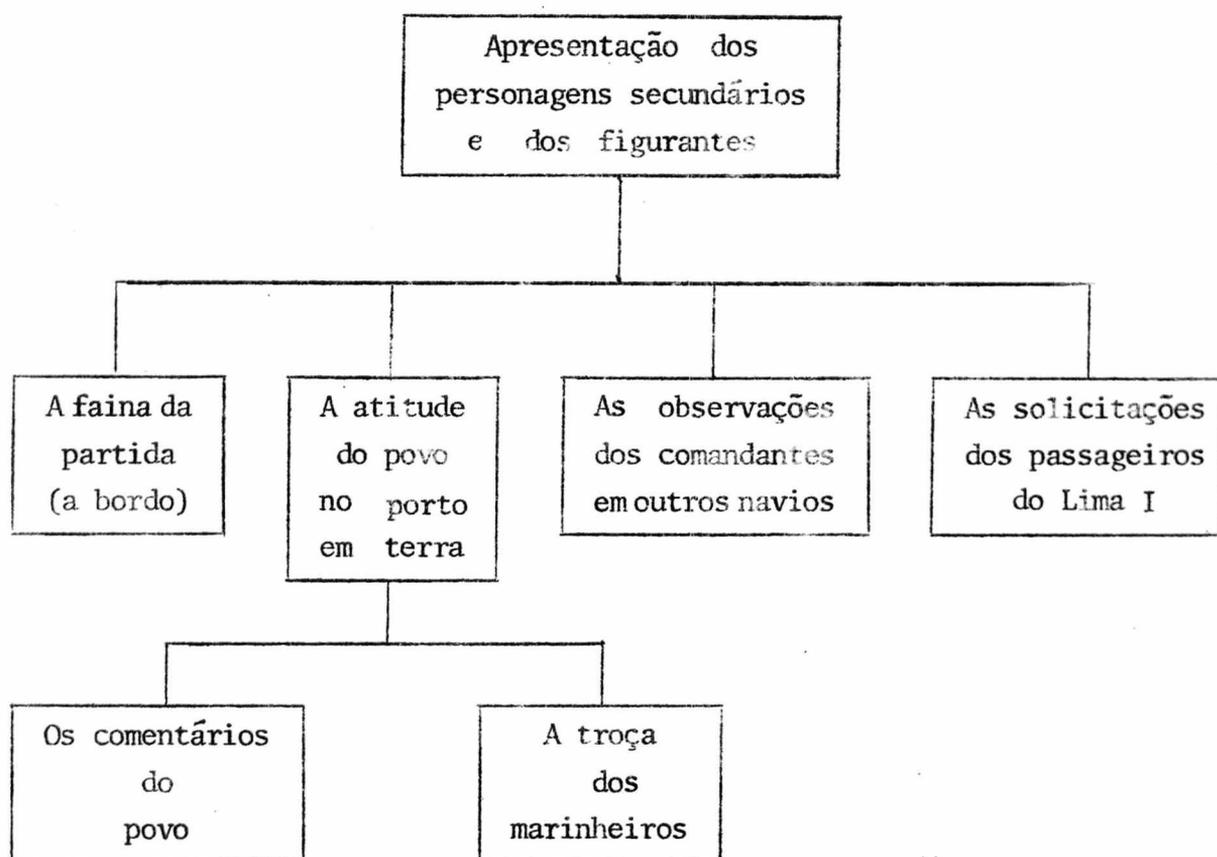


O clima da *tempestade* é propício para o pecado de João Esteves; o da *bonança*, para sua reconciliação com Deus. A primeira seqüência é a mais longa, embora envolva apenas as mencionadas vinte e quatro horas de vida dos personagens. A *bonança*, a segunda, pelo contrário, é apenas um *flash* em vista da outra, embora resuma meses do padecimento de João Esteves e quatro viagens marítimas do Lima I.

O desencadeamento da tempestade começa em terra. Antes do patacho Lima I partir, o autor nos faz a apresentação de personagens e figurantes, obrigando de imediato o leitor a penetrar em outro patamar, o do passado da vida do capitão, por exemplo. A esta seqüência damos o nome de "o início do temporal". Seu esquema:



A apresentação dos figurantes e personagens secundários não foge do patamar principal, embora o dividamos também em pequenas seqüências. O narrador os coloca em cena demonstrando desaprovação ante a iminente partida do navio do porto de São José do Norte, rumo a Porto Alegre, pela Lagoa dos Patos, o Mediterrâneo brasileiro, conforme o texto.

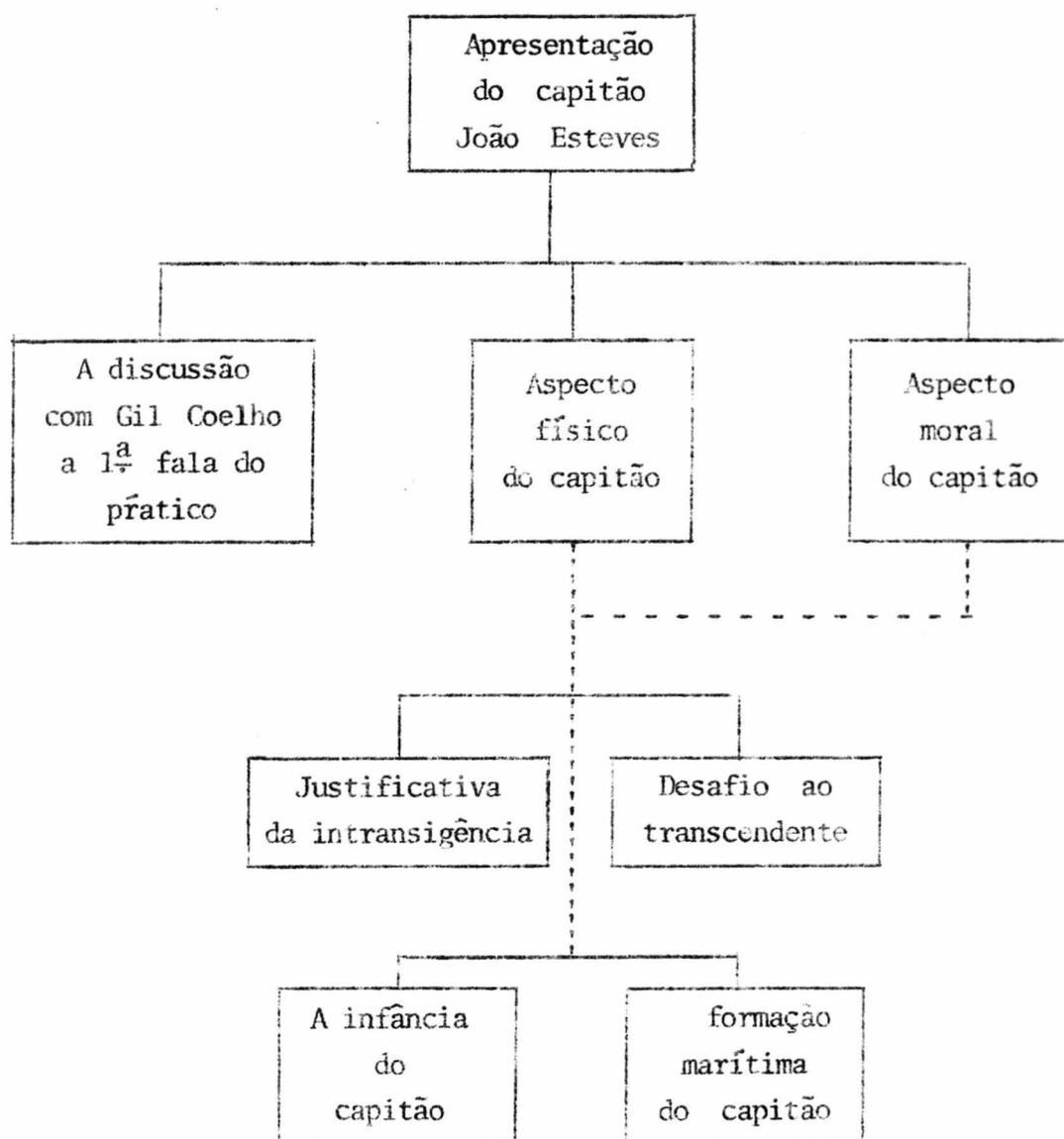


Formam-se então seis seqüências. Duas delas são subdivisões. Cada uma das quatro primeiras, além de apresentar pessoas, forma um pedaço do cenário.

A apresentação de navios, nos contos de V.V. muitas vezes, à maneira dos personagens humanos, efetuada com quadros do passado. Deste, o *Lima I* o autor nos mostra apenas uma *mancha* sem par, mas cria para ele uma existência quase espiritual, num quadro único.*

A apresentação de João Esteves é que mostra, conforme já foi mencionado, patamares de tempo diferentes:

* Para maior clareza consultar o esquema geral à página 64.



Enquanto a volta ao passado nos permite a visão de um personagem completo nos coloca diante do legítimo herói, único capaz de representar semelhante papel, o presente nos coloca diante de dois aspectos que lançam a direção do fio da narrativa.

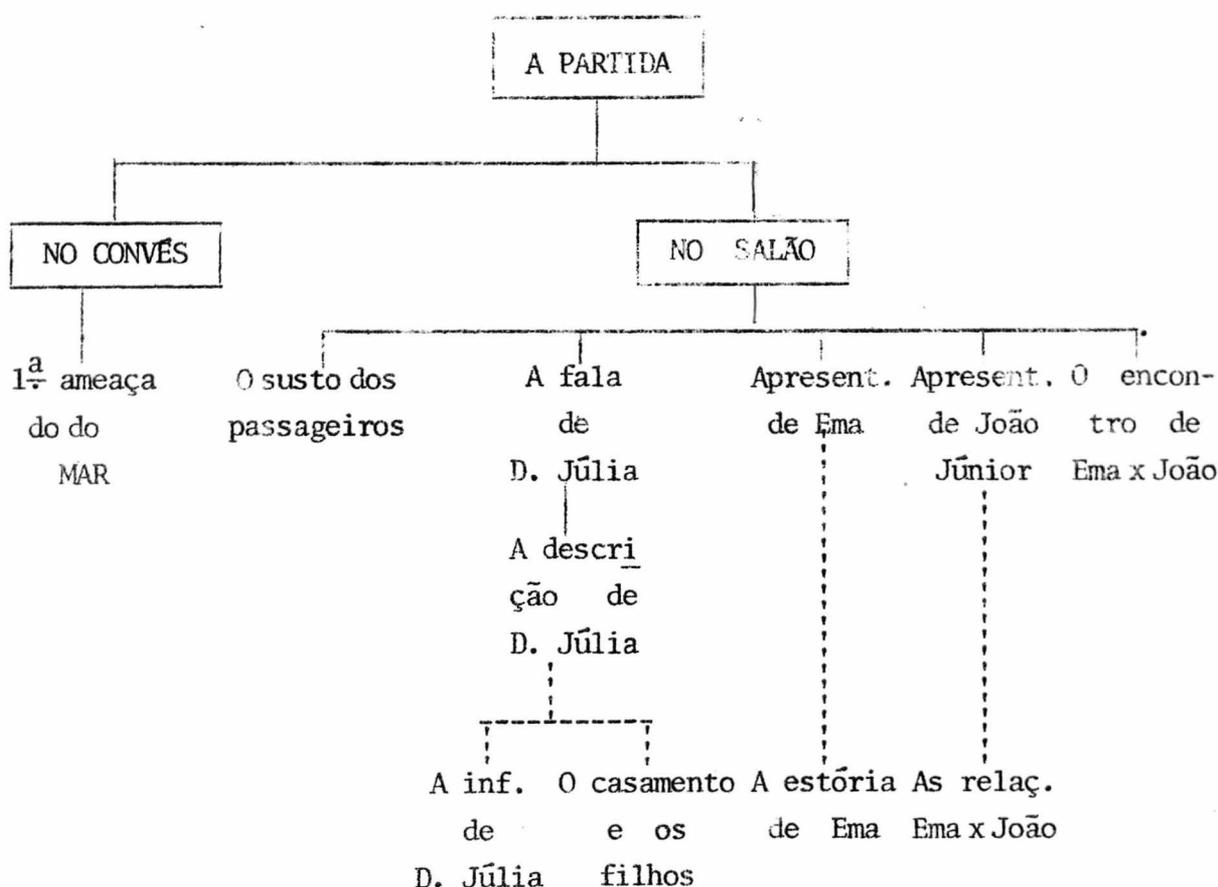
Em primeiro lugar, temos a discussão com o prático do Lima I, o Gil Coelho. À maneira dos clássicos oráculos, é este último quem vaticina, prediz a desgraça. O prático aparece durante a narrativa, ainda mais quatro vezes com a mesma função.

Em segundo lugar, encontramos, dentro das justificativas da intransigência do capitão, uma colocação do narrador que denominamos desafio ao transcendente, embora surja como caráter virtual. O autor apresenta o fato de que João Esteves seria capaz de "investir contra a própria divindade

se ela pudesse ter uma representação no mundo contingente e quisesse, acaso, impedir-lhe os desígnios"⁵.

V.V. dedica quinze longas páginas a este desencadear inicial do temporal no porto. O leitor sente a demora e anseia pela partida do Lima I, juntamente com o capitão. Cria-se um clima de expectativa.

Enfim, a partida. *Partida e Viagem* formam o bloco do *Desenvolvimento do temporal*. No convés, vive-se a primeira ameaça do mar. No salão, D. Júlia, apresentada superficialmente, agora cria corpo. Em duas seqüências, em patamares diferentes, o leitor é levado à sua infância e ao seu casamento com o capitão na Ilha de Santa Catarina. Encaixa-se também, o primeiro passo para o romance da jovem Ema com o piloto João Júnior, com rápido "flash back" contando a história de Ema e mais tarde, depois da apresentação do piloto, um ligeiro retrospecto das relações entre os dois.



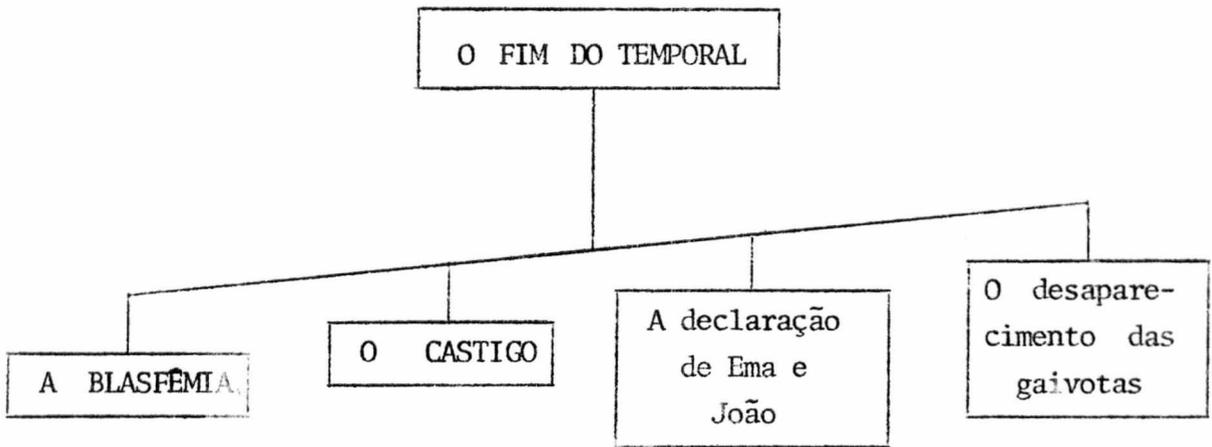
A viagem propriamente dita é a seqüência de maior força de todo o texto. Narrativa centrada em modelos que defendem mitos determinados, A

2.^a ameaça A 2.^a fala O
de do apareci- pr
mar prático mento das
gaivotas

terrível blasfêmia reduplica, especialmente neste bloco, numa série de quadros, seus modelos principais. Podendo ser representada num só patamar, num sistema horizontal de pequenas seqüências, aparece no esquema geral, numa linha ascendente, sugerindo o crescimento da tensão.

Omar já desafiara o capitão uma vez. Agora o faz mais duas vezes. Navio e comandante d'gladiam-se bravamente contra a natureza enfurecida que parece ter o transcendente como aliado. É uma dura e longa luta. Em vista do perigo sempre crescente, a tensão se agiganta, a medida que se avançam as páginas. Embora o prático Coelho lembre o perigo ao capitão, cinco vezes, (quatro só nesta seqüência) sua posição moral não permite que o ouça ou atenda. O pressentimento de perigo lhe aparece (também duplicado) como uma voz interior. No entanto, mesmo assim, ele não se rende, não procura abrigo ou porto para seu navio. Vai em frente, em busca de seu destino. Já neste bloco, o capitão chega a desafiar os poderes supremos e obtém uma resposta irada: cai uma vela. Funciona como um alerta do que virá acontecer logo a seguir. O aparecimento das gaivotas, embora signifique o recrudescimento do temporal, é fato que alegra os tripulantes e funciona como um bom presságio. Surge em episódios repetidos.

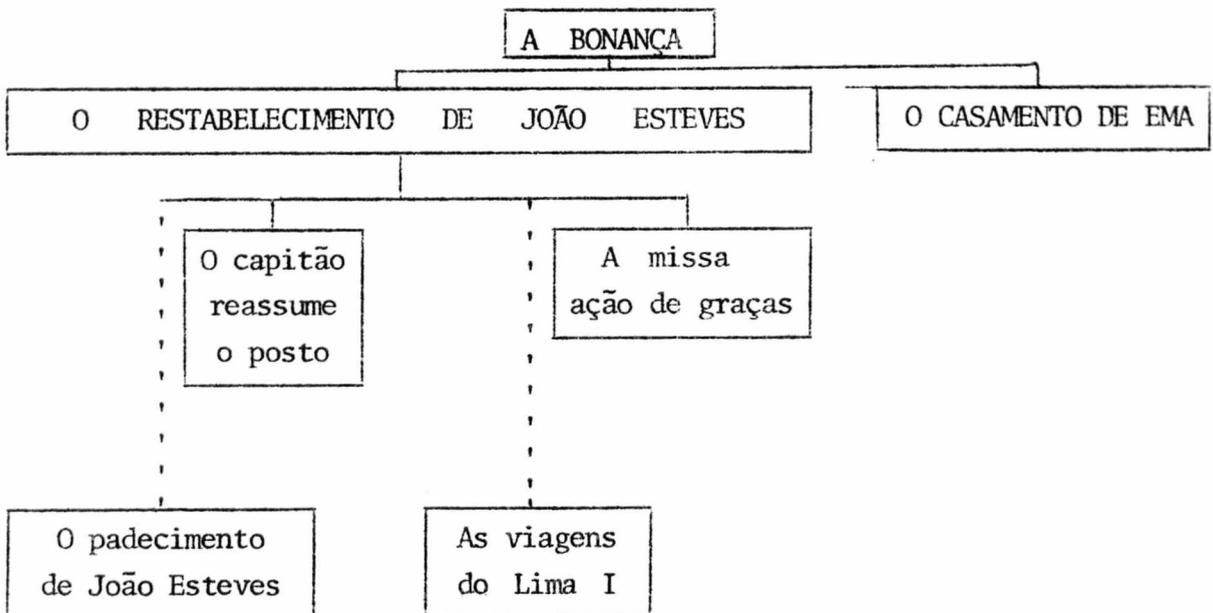
O fim do temporal está esquematizado igualmente em seqüências horizontais. É o ápice da ação e começa com a blasfêmia:



"Agora o caminho é Porto Alegre. É para lá que havemos de ir, quer Deus queira, quer não queira"⁶. Imediatamente, como resposta, o mastaréu grande desaba e fere João Esteves. Ele, ainda antes de cair, dá as últimas ordens. Mas a fúria do temporal vai diminuindo até o desaparecimento das gaivotas. O par amoroso Ema-João se declara aquela noite. Afrouxa-se a tensão.

A última série de seqüências, em dois patamares temporais, relata no passado, a expiação do Capitão e no presente, já purificado pelo padecimento, sua reconciliação com Deus. O Lima viajara com outro capitão durante quatro missões, enquanto João Esteves lutara contra a gangrena de seu ferimento e contra a morte.

A missa em ação de graças e depois o casamento do jovem par Ema-João efetivam a paz com as forças transcendentes num caloroso "happy-end".

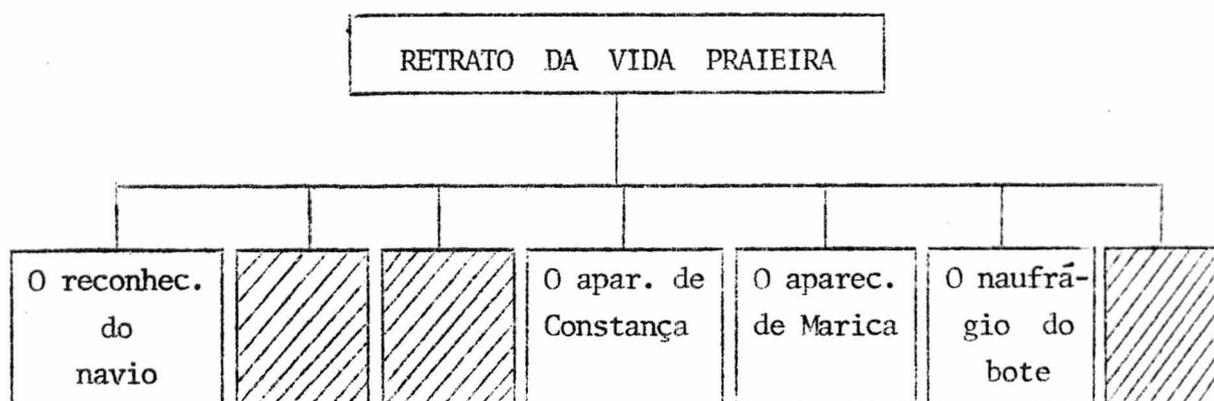


2.1.2. O mestre das redes⁷

Estrutura não linear com largas *manchas* praianas e o protótipo do conto varzeano, de modelo descritivo por excelência, com um mínimo de ação.

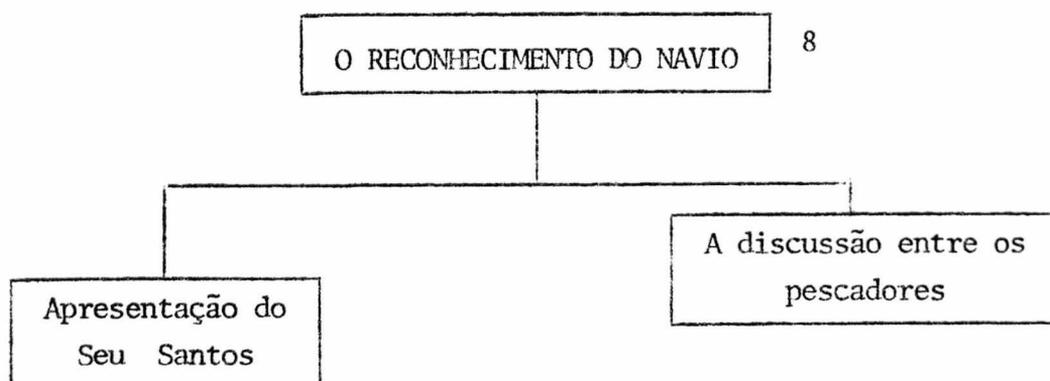
O caráter cursivo da narrativa, rompido algumas vezes, não prejudica a transparência temporal. Este rompimento se efetua através das descrições panorâmicas (as *manchas*) por voltas ao passado e pela simples transposição de cenas.

O presente temporal abrange um dia de doze horas (do amanhecer à noite) que dividimos em sete seqüências e vão compor o:



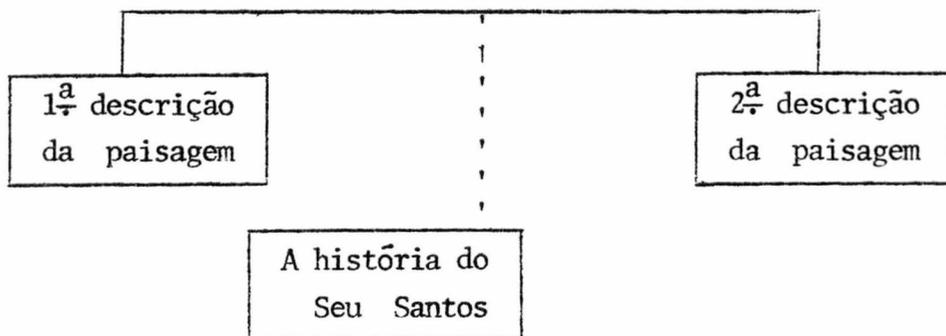
As seqüências escuras indicam as *manchas*.

Instaura-se a narrativa com uma exclamação que esclarece uma dúvida entre os pescadores a respeito de um navio aproximando-se ao longe: é o personagem principal que está falando. Ele é apresentado.

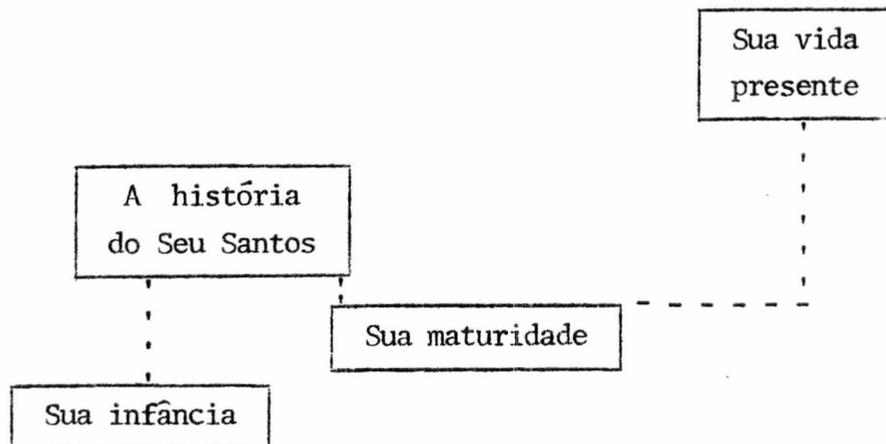


Esta cena é seguida de outra acontecida um pouco antes. Um "flash back" que não abandona o patamar do presente e situa a posição e o problema dos marinheiros⁹.

A ação é interrompida por três seqüências:



A primeira descrição da paisagem situa os pescadores no tempo e no espaço. É manhã clara, à beira mar. A vista ao longe sugere a narração da história do personagem principal: um encaixe que vai ser representado também de maneira especial:



A posição inferior indica oposição ao presente no plano superior, uma regressão ao passado.

Este bloco vai dar corpo ao herói já apresentado.

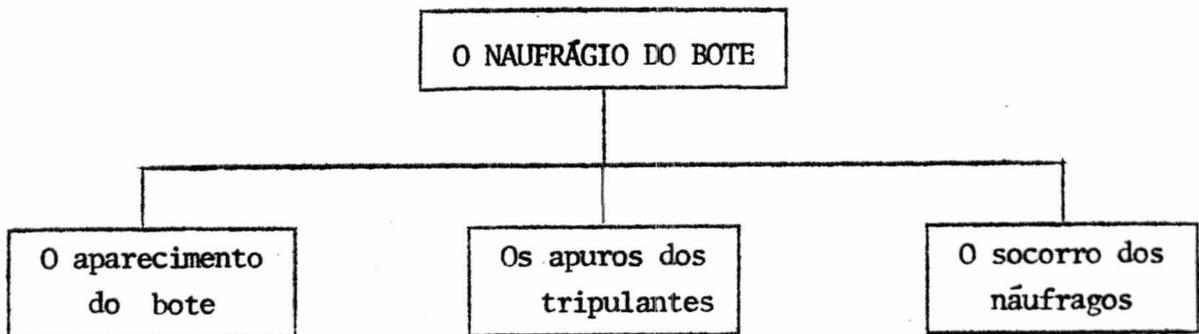
A segunda descrição da paisagem introduz duas personagens femininas. Seu aparecimento aparentemente casual tem o justo papel de completar o quadro da vida praieira:



A primeira representa o lado negativo da vida litorânea: mulher desamparada pela viuvez típica, prematura, trabalhando duramente pelo sustento dos filhos.

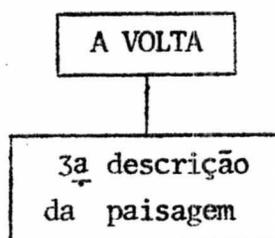
Marica é o lado positivo - a mulher sadia e pura, produto da natureza que a rodeia.

A ação finalmente volta a acontecer no presente temporal e agora com mais intensidade. O bloco compõe-se de uma seqüência (sexta) com suas três microsseqüências derivadas.



Mas nos dois primeiros segmentos, os homens ainda estão apenas olhando o mar (atitude típica do personagem de V.V.) e somente no terceiro é que eles se lançam em socorro dos companheiros.

A última seqüência engloba a terceira descrição da paisagem.



Veio a noite, termina o dia do pescador, termina a narrativa. Um fecho perfeito para um conto varzeano.

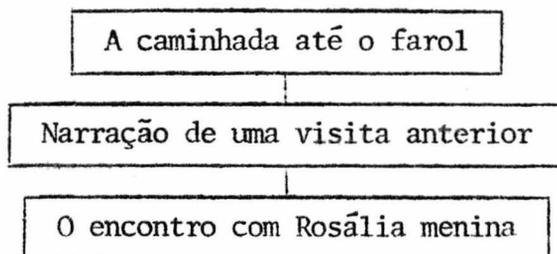
2.1.3. A filha do faroleiro¹⁰

Neste conto, o grande bloco pode receber o nome de "visita ao farol" e engloba cinco segmentos sequenciais: *a espera no cais, a viagem, a chegada, o desempenho da missão, a volta*, que se desenvolvem num presente temporal abrangendo um dia de sol claro (cerca de doze horas). Em quatro destes segmentos, o autor introduz suas manchas típicas que marcamos abaixo com os quadros escuros:

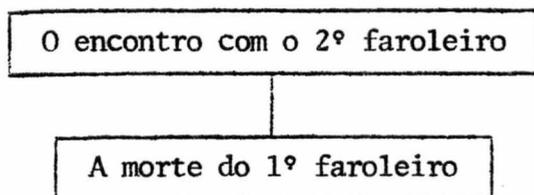
A espera no cais, com sua única seqüência derivada (a 1^a mancha) situa os personagens no ambiente marítimo.

Na seqüência da viagem, observa-se alguma ação entremeada por passagem descritiva: *o embarque na catraia, a vista do mar e a parada para o almoço*. Esta pausa no meio da viagem identifica o ambiente e os costumes típicos da vida litorânea, a alimentação por exemplo.

A seqüência da chegada, embora envolva no patamar do presente pouca ação entre as duas cenas de paisagem, lança o clima de expectativa da narrativa. Durante a caminhada (primeiro quadro) até o local de trabalho, os dois personagens falam da filha do faroleiro. São duas seqüências em sentido vertical formando o encaixe: o narrador conta seu encontro no passado com Rosália ainda menina:

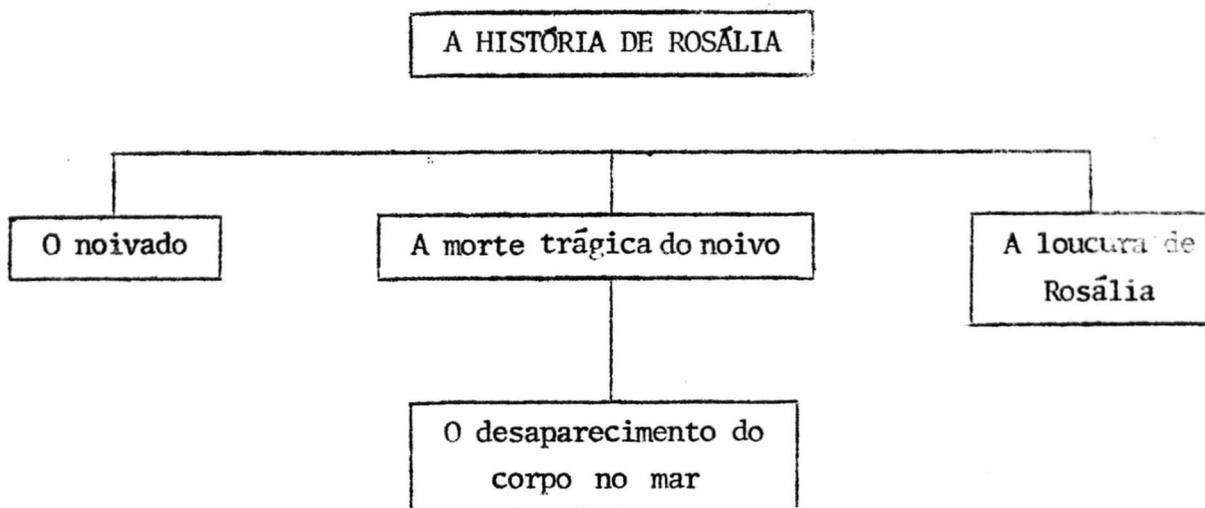


Depois da terceira mancha, temos a pequena seqüência do contato com um dos faroleiros:



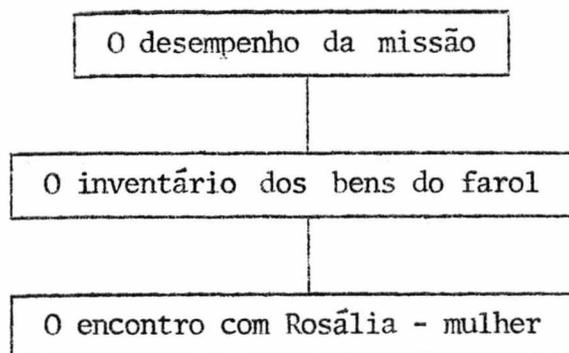
Este conta a morte do irmão: mais uma vez descemos um degrau do patamar temporal - mais um encaixe.

A quarta mancha, desencadeia a pequena seqüência do encontro com a família do faroleiro e esta a história de Rosália - o encaixe que vai conter o motivo central da narrativa. Este bloco compõe-se de quatro microsseqüências. Três são horizontais: o noivado, a morte trágica do noivo, a loucura de Rosália.

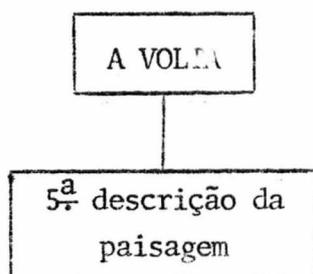


Da microsseqüência intermediária, podemos deduzir outra no sentido vertical - o desaparecimento do corpo do jovem noivo - episódio que irradia todo o conteúdo contido no conjunto de estemas.

Na quarta seqüência em que se cumpre a missão dos personagens, os funcionários públicos (dois quadros em sentido vertical) acontece finalmente o aparecimento da misteriosa personagem - Rosália - a louca. É o clímax da narrativa.



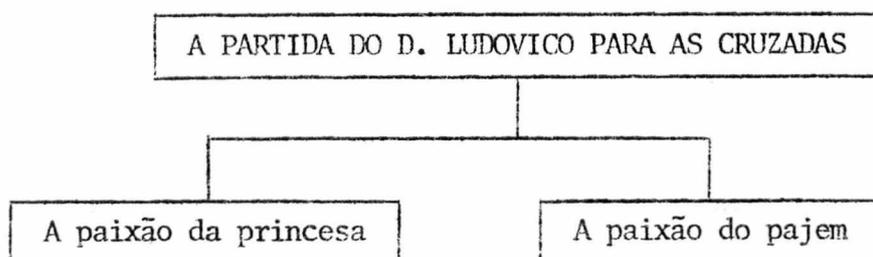
Coincide o término do trabalho com o fim da missão - o retorno ao ponto de partida. Uma *mancha* noturna típica fecha o pano.



2.1.4. Painel medieval¹¹

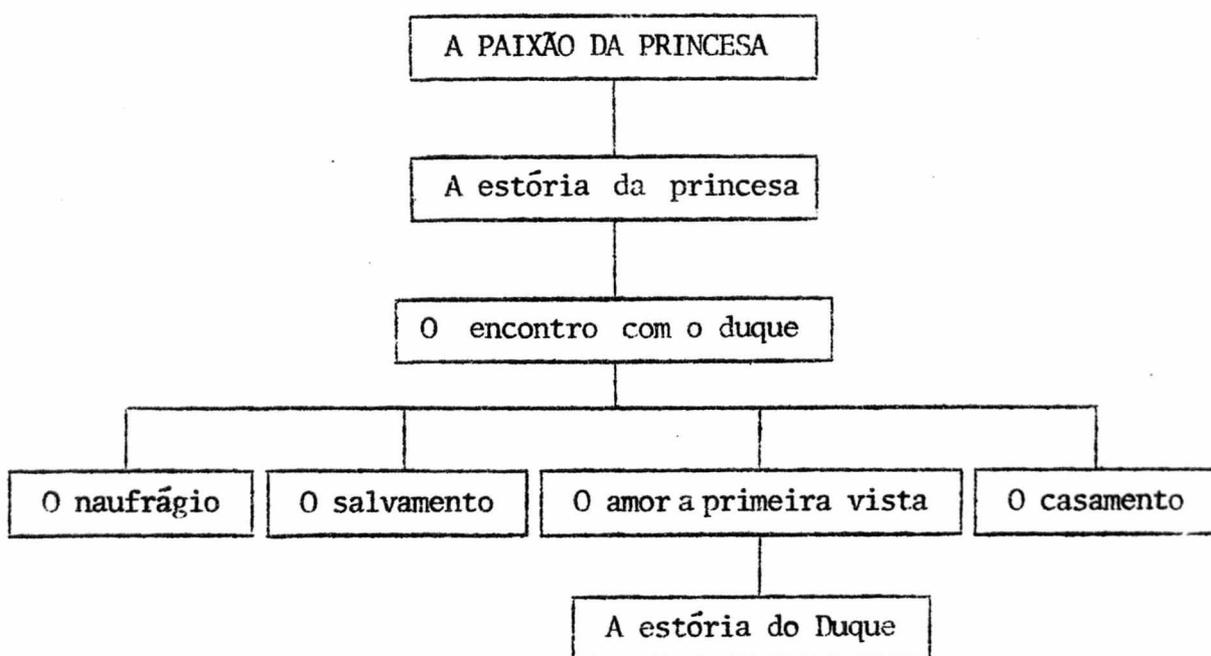
Aqui o autor maneja o tempo dentro de seu modelo particular novamente. Como sugere o título, o conto é um perfeito painel. Representa em seu todo uma jovem e bela mulher (uma princesa) a olhar um ponto distante no horizonte marítimo. Ao seu lado, fiel e calado está o pajem. Portanto, não se determina temporalidade. À semelhança de uma pintura, esta imagem tem caráter estático de perenidade.

Começamos, pois, de uma grande seqüência, a qual damos o nome de: a partida do Duque Ludovico para as Cruzadas.

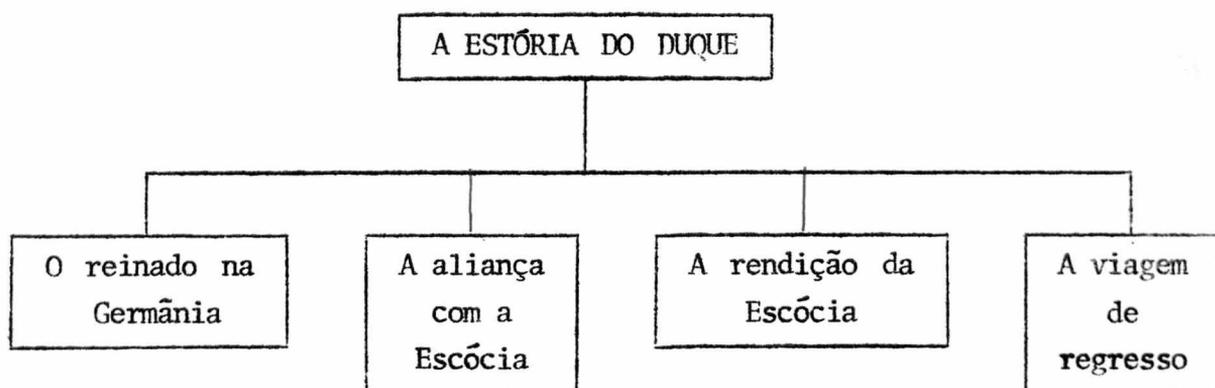


O clima que envolve esta partida reflete-se do universo íntimo dos dois personagens, que faz com que dividamos a grande seqüência em duas: a primeira enquadra a grande paixão contida na mulher e a outra, a paixão do ignorado e mudo jovem.

Obviamente, ainda não se percebe ação na primeira esquematização, mas esta não deixará de vir nas microsseqüências. São episódios passados que vêm como encaixes. As pequenas seqüências descem verticalmente em mais cinco patamares, a partir da princesa. Sua história é o primeiro, o encontro com o duque o segundo, sua subdivisão o terceiro, a estória do Duque o quarto, a sua subdivisão, o quinto.



O encontro com o duque é que envolve o escasso movimento da narrativa e se desdobra em quatro microsseqüências no sentido horizontal: o naufrágio, o salvamento, o amor, o casamento. À narrativa do nascimento do amor, encaixa-se mais um episódio: a estória do duque, que se subdivide em quatro fragmentos: o reinado - a aliança com a Escócia, a rendição da Escócia, a viagem de regresso.



Portanto, nestes dois patamares do passado é que acontece a ação. Mas é um processo tão rápido que não há ocasião para detalhes. A descrição do presente estático porém, é cuidadosa e vagarosa. E a impressão da morosidade é aumentada pela introdução dos encaixes.

2.1.5. Considerações

A esquematização da estrutura destes quatro contos de V.V., exemplos de cada um de seus livros de contos, comprova em primeiro lugar, seu feito paisagista.

Em A filha do faroleiro, em quatro das cinco seqüências principais, ele introduz hiatos descritivos. Em O mestre das redes estas *manchas* vão formar seqüências propriamente ditas. O grande bloco é formado de sete segmentos e três deles são descrições da paisagem.

Com freqüência se superpõem, numa fusão perfeita, duas linhas de discurso: uma voltada para a reprodução direta da realidade objetiva, utilizando a linguagem referencial; outra, visando ao efeito estético e ao embelezamento da forma, carregada de tropos:

"Mais além, para o sul, onde a recortada costa insular finda em ponta, ponta de penedia empinada, entrevia-se, através dos rasgões da bruma argêntea, já em dispersão e em fuga sobre a vastidão das águas, os pòrticos amplos da barra, abrindo para os rumos austrais - o cabo dos Naufragados e três ilhotes graníticos, rendados e mío fulvos na orla afastada e nostálgica do horizonte do mar. De pé, no cimo da escada, ao extremo da longa ponte da Capitânia, em que se erguia um alto guindaste de ferro em meio às duas linhas dos turcos de onde pendiam, içados os escaleres do serviço - eu e o meu camarada Horácio de Carvalho, oficial de diligências da repartição onde era-

mos empregados, contemplávamos, mudos e enlevados, o quadro admirável do alvorecer na baía, enquanto embaixo, na vaga, ao longo das muralhas circulares do antigo forte de Santa Bárbara, a poucos metros dali, um grupo de remadores em faina, numa lupa maruja, desfazia a amarração da catraia que nos devia levar ao farol dos Naufragados" 12.

Podemos constatar então às vezes, uma tendência para o afrouxamento da narração, por intervenção destes períodos descritivos que distendem as relações funcionais e reduzem os lances da ação a algumas funções mínimas.

É o caso de O mestre das redes. O homem permanece inativo diante do mar. Ali ele relembra o passado, fala com possíveis companheiros, discute. O autor, nesta situação, fornece justificativas para a inatividade:

"(...) um grupo palrador de pescadores e roceiros, que ali se juntavam sempre pelas manhãs de calma..." 13.

ou
"Aquele hora da manhã, nessa véspera de domingo..." 14.

O que se pode observar, no entanto, é que, mesmo que a seqüência descritiva ou os encaixes focalizem situações de equilíbrio, elas constituem razões ou causas para as situações futuras.

Estas paradas podem então, por vezes, instaurar uma tensão característica, um clima de suspense. É o que se verifica em A terrível blasfêmia. A situação inicial (o início do temporal) focaliza um certo equilíbrio entre os referentes. A natureza desta situação é de certo modo estática (o homem perante o mar bravio), mas incorpora o processo de preparação, necessário para a ação. E esta preparação vai se estendendo. A situação seguinte (o desenvolvimento do temporal) caracteriza-se pelo desafio da natureza ao qual o homem corresponde. A situação do "fim do temporal" é a síntese daquele conflito em crescimento surdo nas duas situações anteriores. Ela levará a narrativa depois do clímax a um equilíbrio final que será, obrigatoriamente, uma situação nova. Nela os personagens ocuparão um novo estado, que é o da paz.

No caso de O mestre das redes, todos os segmentos iniciais foram necessários para explicar os minutos de ação violenta e a valentia de um homem aparentemente fraco. O passado revivido ou recriado se impôs como presente, porque os atributos do herói percorreram os dois tempos.

Painel medieval, dentro do equilíbrio aparente de uma pintura,

envolve uma tensão que é apreendida do mundo interior dos personagens:

"...o belo Pajem favorito, segurando às mãos, numa atitude de respeito, a longa cauda opulenta de seu vestido (...) olhava também o mar, mas seu olhar amoroso, de um brilho meigo sorria como numa vaga alegria em que a sua alma exultava intimamente incendiada, num clarão de esperança que lhe inflava o forte peito, sempre abatido e oprimido, no seu amor obscuro, pelo alto desdém da princesa"15.

Os encaixes constituem as razões ou causas para a situação presente:

"A formosa princesa, nesse momento de máguas, esquecia-se, a olhar as fugidias velas boiantes, evocando tristemente a sua vida de outrora, desde o dia glorioso em que o amado Paladino germânico chegara ao seu castelo bretão"16.

O passado revivido é recriado e se impõe como presente. Poder-se-ia até afirmar que a linha atemporal que anotamos é apenas aparente.

Em A filha do faroleiro acontece a mesma coisa. Também se revive o passado e o presente só ganha importância a medida que se esclarecem seus motivos nos fatos narrados no passado. A loucura de Rosália só ganha beleza quando se reconhecem as causas, bem como suas atitudes patéticas só serão entendidas e interpretadas à luz dos acontecimentos constantes nos encaixes.

No desdobramento da estrutura de A terrível blasfêmia, conto que pode ser considerado uma das obras primas de V.V., em que ele junta todas as suas técnicas favoritas, (manchas, encaixes, reduplicação de modelos, valorização do universo interior dos personagens) comprovamos a justa colocação de seu crítico Joaquim Ribeiro quanto aos qualificativos do conto varzeano: cristalizado, simples, global, aglutinado e coeso¹⁷. Nada, nenhum detalhe, nem uma das quase setenta seqüências que dissecamos, contém pormenor inútil de que não se possa apreender uma função no contexto ou que fuja das proporções exigidas por uma interpretação hábil dos fatos ou pela observação crítica do leitor.

Os encaixes, por exemplo, completam os perfis dos personagens, ao mesmo tempo que, aliados às passagens descritivas provocam a tensão. O romance paralelo do jovem par João e Ema, outro exemplo, colabora com o clima emocional e revela pormenores da cultura açoriana que emprestam ao quadro realista profundidade e autenticidade. A reduplicação de modelos: 1^a, 2^a e

3^a ameaça do mar, as cinco falas do prático, o duplo aparecimento das gai-votas, o duplo desafio ao transcendente, funcionam como reguladores da ten-são.

A dicotomia "tempestade" e "bonança" trabalhada no movimento de equi-líbrio da ação do conto, empresta ao conjunto o sentido de perfeita unidade. A tempestade, desenvolvida nos três lances padrão: início, desenvolvimento e fim, com o clímax no último, demonstra o perfeito desenvolvimento da tensão com afrouxamento no momento justo.

Concluindo este primeiro enfoque interpretativo, podemos afirmar que Virgílio Várzea foi, de fato, o mestre das *manchas* marítimas. Embora mui-tas vezes funcionando como hiatos e concorrendo para o afrouxamento da ten-são, podem também funcionar em sentido contrário, trazendo à tona o suspen-se.

A valorização do universo interior dos personagens, desmente, por exemplo, afirmações como a de Lúcia Miguel Pereira, que situa V.V. entre os "observadores superficiais"¹⁸. Os encaixes, por sua vez, colocam-no ao lado dos regionalistas estudados por Lígia C. M. Leite¹⁹. E o hábil manejo da re-duplicação de modelos revela a extensão do domínio da técnica narrativa al-cançada por Virgílio Várzea.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MENDILLOW, Adam Abraham. O tempo e o romance. Porto Alegre, Globo, 1972.
2. CORREA, Nereu. A técnica do conto em Virgílio Várzea. In: O canto do cisne negro e outros estudos. Florianópolis, Departamento de Cultura da SEC, 1964. p. 148.
3. LEITE, Lígia Chiappini Moraes. Regionalismo e modernismo São Paulo, Ática, 1978. pp. 41-54.
4. VÁRZEA, Virgílio. A terrível blasfêmia. In: Nas Ondas. Paris, Garnier, 1910, pp. 1-79.
5. Idem, ibidem. p. 15
6. Idem, ibidem. p. 66.
7. VÁRZEA, Virgílio. O mestre das redes. In: Mares e campos. 1. ed. Rio de Janeiro, Cunha e Irmão, 1895. pp. 7-18.
8. A representação deste bloco no esquema com a 1^a seqüência, em plano inferior ao da 2^a, indica a temporalidade. Normalmente, as pequenas seqüências, se referem a acontecimentos que no seu conjunto englobam o episódio resumido numa seqüência em nível superior e este grau de rebaixamento não influi na temporalidade.
No entanto, como representamos o passado sempre em nível bem mais abaixo, fazemos também neste bloco este jogo, para representar melhor o balanço temporal da narrativa de Virgílio Várzea neste primeiro segmento.
9. VÁRZEA, Virgílio. op. cit. p. 7.
10. VÁRZEA, Virgílio. A filha do faroleiro. In: Histórias rústicas. Parceria Antonio Maria Pereira Livraria, 1904. p. 53-66.
11. _____. Paineis medievais. In: Contos de amor. Lisboa, Tavares Cardoso e Irmão, 1901. p. 25-32.
12. _____. A filha do faroleiro. In: op. cit. p. 51.
13. _____. O mestre das redes. In: op. cit. p. 7.
14. _____. O mestre das redes. In: op. cit. p. 8.
15. _____. Paineis medievais In: op. cit. p. 26.
16. Idem, ibidem. p. 27.

17. RIBEIRO, Joaquim. Características do conto de Virgílio Várzea. In: Centenário do marinhista. Rio de Janeiro. Ed. Alba, 1964. p. 70.
18. PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção: 1870, 1920. 3. ed. Brasília, José Olympio, 1973. p. 258.
19. LEITE, Lígia Chiappini Moraes. op. cit. p. 41-54.

2.2. O mito e a metáfora

2.2.1. O homem e o mar

O mito, como esquema particular que V.V. apresenta em construção sistemática numa criação ao mesmo tempo inconsciente e lógica, tem ligação direta com a Natureza. Um telurismo que não significa apenas influência do solo da região sobre aspectos físicos, costumes, caráter dos habitantes, mas, sobretudo, que enfatiza o papel do mar na caracterização dos seres humanos que vivem sob sua influência. O mar para V.V. é o começo de tudo:

"E é do mar que ainda lhe vem a vida". p. 14 (MC-1-MR)

É também o objetivo supremo:

"Quando alcançava a cumiada de uma colina ou serrania, pelas sangüíneas manhãs ou pelos dourados ocasos, os seus olhos ansiosos corriam todo o horizonte, em busca da salvação, em busca do Mar amigo". p. 30 (HR-2-BO)

No entanto, pode significar também afastamento da vida:

"(...) paraíso da sua triste vida de exilado de terra, passada no infinito deserto do mar". p. 243 (NO-13-FM)

E também indicar a própria negação da vida:

"Foi preciso que o navio caísse no jazigo do mar". p. 69 (NO-1-TB)

A ligação com o oceano, nos contos de Virgílio Várzea é atributo básico do Herói. Desse relacionamento imediato lhe advem os atributos físicos e morais.

Uma primeira característica se impõe: a saúde e a força. O marinheiro e o pescador encontraram o segredo da Juventude. A maior parte dos personagens velhos, quando representantes do "autêntico homem do mar", classificáveis no paradigma de herói, aparentam sempre muito menos idade do que realmente possuem. É o caso de Seu Santos:

"O Seu Santos é um velho marinheiro que rolou dezenas de

anos no mar(...) p. 10 é mestre de redes, guia todos na grande arte e vive dessas pequenas parcelas que ainda lhe dá o mar(...) p. 11 é de aspecto agradável e sadio (...) "p. 14 (MC-1-MR).

Outro exemplo é o Velho Sumares, no fim de sua carreira marítima:

"Porque o velho Sumares nascera em oceano na altura das Canárias(...) herdara do pai a gigantesca estatura, a calma extraordinária e a possança viril de músculos (...) p. 91 ao catavento, sob as balas cruzando o convés a ré, sem corresponder ao ataque... sacudindo leoninamente a grande barba espessa, e a bela cabeça alva". p. 97 (MC-9-VS)

É também o prático do Capitão João Esteves:

"O prático Gil Coelho, um velho riograndense de setenta anos, mas ainda lépido e robusto". p. 11 (NO-1-TB)

O herói do conto varzeano, portanto é forte, saudável e viril. Aqui temos o pescador:

"Zé Souza, um rapaz moreno e robusto que era patrão das redes". p. 46 (MC-3-PT)

Ele é forte e também é belo. Assim é o contra-mestre Pedro do "Espadarte":

"E num gesto da sua mão hercúlea, descobrem-se, deixando ver a bela testa tisonada, toda aureolada de espessos caracóis castanhos". p. 73 (MC-7-VN)

Sua fisionomia quando não se crispa austera diante das dificuldades é radiosa, qualidade que o autor por analogia também identifica com o mar. Este é o Manuel Lemos, capitão do "Estrela, noivo de Mariazinha:

"... a larga face tisonada pelo sol dentro do oceano, num raso tombadilho do navio, ria alto, e pondo seus ricos dentes sãos, claros como a espuma das vagas". p. 57 (MC-5-NI)

É uma beleza, muitas vezes, aliada à força que o distingue dos homens comuns:

"Colossal, atlético, na sua longa e larga capa de borracha, era ele, sem dúvida, o primeiro vulto, o primeiro personagem do tombadilho; e com o belo rosto queimado do sol, grandemente viril, animado, iluminado pela bravura e integridade profissionais, diante da borrasca, chegada no instante, à sua maior intensidade - tinha um todo à parte, estranho, extraordinário, soberbo entre os demais marujos". p. 56. (NO-1-TB)

De um modo geral, pela lógica interna do quadro de atributos, somos levados a considerar os personagens que mantêm uma relação de equilíbrios entre os atributos morais e físicos do herói, como eminentemente telúricos, mesmo que o telurismo não venha diretamente marcado neles.

Este telurismo pode-se mostrar na íntima relação do homem com a natureza e seus segredos.

É o trabalho do mar que transforma o roceiro, habitante do litoral catarinense em verdadeiro homem:

"O noivo era um primo ausente desde anos, longe, no Rio Grande do Sul de onde chegara havia semanas, a visitar a família. Moreno e robusto, o rapaz encantava pelo porte hercúleo. O sorriso límpido, o brilho negro dos olhos, a cor quente e viril do rosto tinto pelo sol do mar. Crescera e se fizera homem como remador no rude serviço da barra, onde ganhara algum dinheiro, passando depois a contra-mestre de hiate". p. 101. (MC-10-HR)

E não há, de fato personificação mais flagrante do herói no mais restrito sentido da palavra, como homem do mar, o marinheiro, o capitão de navio, no auge de sua maturidade e força física que lhe torna próprio o apelido de "leão do mar":

"Capitão João Esteves era um homem de alta estatura, espadado e musculoso. Estava nessa época, em plena posse de todo o seu vigor, de todo o seu desenvolvimento físico. Contava apenas quarenta e dois anos de idade. Uma saúde de atleta, poderosa, exuberante, unida a tudo isso, fazia dele um bom espécime de homem, e um dos melhores, mais característicos tipos de leão do mar que se conheciam então na cabotagem e no longo curso". p. 12. (NO-1-TB)

Aliada à força física, o homem de V.V., mostra invencível força de caráter e integridade:

"Depois, o sentimento da disciplina no trabalho da reti-

*dao do dever, da obediência aos chefes, apesar de qualidade própria de todo o bom marinheiro, assumia nele proporções de uma hipertrofia, de uma neurose". p. 14.
(NO-1-TB)*

Deste aspecto exterior bem formado deriva-se também a coragem. O herói é naturalmente corajoso. Isto já é frisado nas aventuras do "André Canoeiro" que é muito jovem, criado entre as lidas da roça e da pesca:

"Na calma taciturna e presaga da noite densa, sugestiva de sinistros estranhos e alucinadoras idéias, o André la gou, mar em fora, na sua máscula inabalável afoiteza za". p. 118. (MC-11-AC)

O simples homem da praia, na sua integridade, mostra-se não raro, surdo e duro. O pescador Rufino é exemplo:

*"E calara-se, franzindo os sabrolhos numa austeridade de velho marítimo, duro e carrancudo como um leão". p. 182.
(MC-19-NM)*

O verdadeiro leão do mar tem a dureza de um gigante. Sua autoridade é desmedida. O autor chega a usar a expressão tzar do oceano quando menciona João Esteves, capitão do Lima I.

*"Senhor supremo, espécie de tzar marujo". p. 45.
(NO-1-TB)*

Referindo-se ao comandante da galera "Águia", ele sugere uma força moral que faz tremer seus subalternos, emprestando imagens da natureza como intensificadores:

"Era um forte velho colossal de uma ombrateira de gigante, esse hercúleo lobo marinho, cuja alvíssima barba em colar e cujos pequenos olhos faiscantes, no rosto largo e leonino de uma austeridade e energia invencíveis, sob o seu bonê de feltro ou lona faziam tremer os tripulantes, quando o trovão de sua voz sugestiva e dominante, estalava de alto por todos os recantos do navio ordenando serenamente as manobras". p. 44. (HR-4-M)

Temido e respeitado, calmo ante o perigo, assim é o marítimo quando se sente à altura da situação. É o que acontece a André, o canoeiro, afrontado pela tempestade:

"Mas isto fora instantâneo, porque a sua grande calma marítima voltara-lhe imediatamente e ele passou a encarar o perigo com a costumada frieza". p. 123. (MC-11-AC)

No entanto, mostra toda a força de um mau gênio quando desafiado:

"Tornava-se sempre de incomparável violência e fúria, contra tudo e contra todos, quando chegava a reconhecer a impotência do seu gênio, da sua perícia, da sua habilidade técnica, da sua força moral e física, para vencer, um embaraço, uma impossibilidade, embora impostos pelos elementos em sublevação ou pela natureza inelutável". p. 57. (NO-1-TB)

Há expressões que resumem todo esse quadro de atributos, condensando-os na força da palavra marujo:

"... palavra de marujo, que não volta atrás, como a de rei". p. 243. (N)-13-FM)

Aliado a todas estas características de força, virilidade e dureza, este colossal homem do mar tem o coração amolecido para as coisas frágeis que ama. É o autor mesmo que define esta particularidade:

"O capitão, cheio de grande jovialidade e meiguice porque, quanto tinha de lobo para o mar, tanto tinha também de cordeiro para a esposa - são sempre assim os fortes". p. 19 (NO-1-TB)

O contra mestre do "Espadarte" também espelha esta faceta:

"O Pedro com sua bondade de gigante sensibilidade incomparável e santa de todos os marujos, cujas almas vivem perpetuamente carregadas de amor, de ternura, de nostalgia sem fim do oceano, ficara logo com os seus grandes olhos azuis marcados de lágrimas". p. 74 (MC-7-VN)

O pescador, na sua condição humilde, mas nem por isso menos valente, como já vimos, se enternece ante a mulher:

"O velho pescador parou muito admirado de encontrar a Maria Rosa assim apensionada e em pranto. E falando-lhe, retorquia com afeto, numa meiguice de avô...". p. 53. (HR-7-VV)

É ainda o pescador que se emociona ante a criança, sangue de seu sangue:

*"Saudoso do lar, como estava, correu a abraçar a esposa e, num estremecimento paternal de marujo, tomou o filho nos braços e pôs-se a beijá-lo loucamente" p. 85.
(HR-7-VV)*

Se o marinheiro, purificado pelo constante contato com o mar, é íntegro, leal, às vezes apresenta certa malícia que lhe advém do inevitável contágio com as inúmeras impurezas de todos portos do mundo. São raros os exemplos que V.V. traz deste aspecto, mas estão aí propositalmente, para não mascarar uma realidade. Sua colocação, no entanto é cuidadosa para não desmentir também seu mito particular.

E é assim que o piloto Carlos Valle ilude a bela patrícia Ondina e causa uma tragédia: não suportando a traição a moça atira-se ao mar. E, para não contrariar o jogo, o jovem marinheiro só age desta maneira porque ama profundamente uma estrangeira - Lola. (CA-25-EV)

Há também que citar o marinheiro mau elemento. Mas é apenas uma exceção:

"Mateus Sabrosa, velho marinheiro transmontano, de barba em colar, olhos verdes pequeninos, maliciosos e chasqueantes, metido sempre a improvisador e humorista, comediante e alcoólico, pessimista e má língua, pornográfico e sensual, apesar da senectude que lhe vergava já o o largo dorso de atleta e lhe nevava os cabelos e barbas" p. 3. (NO-1-TB)

Se este exemplo foge à regra quanto ao caráter do velho marujo herói, não desmente o mito da saúde e virilidade eternas.

O roceiro típico também comete deslizes. Ele chega a entregar-se ao álcool como faz o Cosme, mas tinha razão de sobra - a mulher o traíra. (MC-16-NR) Também o Zé Lírio que se pusera a beber para esquecer a solidão após a morte da mãe e a traição da noiva Josefina (MC-10-HR). Como se pode deduzir, estes exemplos só servem para comprovar o mito, em vista de sua justificativa.

O roceiro também abandona a noiva grávida, conforme exemplo de Histórias rústicas. Mas isto só aconteceu contra a vontade dele. E um dia ele volta. O filho já está crescido mas a amada o espera fielmente. Seu retorno é visto como uma graça:

"Anda, meu filho! Vamos ver teu pai. Nossa Senhora nos ouviu e foi ela quem fez este milagre". p. 18 (HR-1-VL)

De ordinário, o moço, misto de camponês e pescador, forte e belo, na sua pureza e inexperiência é um tímido. Respeitador e modesto, desperta o amor da moça sem tocá-la:

"A rapariga, na intimidade do trabalho e naquele conche-go magnífico e constante dos engenhos, pelas invernias hrabas, portas fechadas ao Leste constante, desde a tardinha, olhava-o sempre afetuosamente, sorrindo, admirando-lhe o tórax rijo e socado de roceiro, cujos braços possantes, durante as longas fornadas, moviam a pã sem descanso. Ele olhava-a também, timidamente, furtivamente, numa imensa candura de cão". p. 103 (MC-10-HR)

Outro exemplo é o ruivo jovem das redes, apaixonado pela bela estrangeira Sara:

"Mas jamais ousou aproximar-se dela, dirigir-lhe a palavra, quando na doce algazarra alegre do terreiro, olhando-a sempre de longe, embevecido, tímido, num imenso embaraço". p. 141 (MC-13-MS)

Mais outro exemplo desta pureza é João, noivo de Rosinha, retratado no dia de seu trágico casamento:

"... o João Aguiar que por ingenuidade e acanhamento fora sentar-se quase junto aos bancos da proa, não cessava de contemplar a Rosinha, com seus belos olhos castanhos, deliciado e feliz, num embevecimento silencioso, como um bom cão fiel". p. 184 (MC-19-NM)

É de maneira carinhosa que o autor se refere a estes noivos, típico casal de jovens românticos do interior da ilha:

"Essas duas almas cristalinas, adorativas e cândidas, que se alvorçaram uma só vez ao jorrar da primeira paixão". p. 184 (MC-19-NM)

Os camponeses, na sua simplicidade são íntegros e de bom coração:

"... casais de lavradores sempre abertos e transbordando afetos". p. 174 (MC-18-AD)

O jovem puro e casto, porém não se acovarda diante de um desafio. É então que ele se assemelha ou se identifica com o marinheiro herói, o perfeito e maravilhoso super-homem cuja força e violência se equilibram com a ternura, a delicadeza e a lealdade. Então vemos o Cosme lavando sua honra com sangue. Ele mata o José Italiano por lhe ter roubado a mulher; (MC-16-NR) é o Zé Souza que:

"saltou de repente de um canto, segurou o rival pela garganta, meteu-lhe um joelho no peito; sacudindo-o longe, por cima de um montão de peixe". p. 4 (MC-3-PT)

É o jovem misto de marujo e roceiro, que corajosamente luta com seu grande mestre - o mar:

"após alguns instantes de luta vigorosa e renhida, corpo a corpo com as vagas, os seus braços robustos e destros de nadador insigne levaram-no à praia". p. 126 (MC-11-AC)

2.2.2. A mulher e a terra

Outro mito varzeano é a mulher. Nela também se pressente a força da natureza, do contato direto com o primitivo. A medida que a mulher se afasta deste ambiente, muda. A medida que o autor vai fazendo com que surja em ambientes de mais cultura, ela se irá transformando. É uma metamorfose que não torna a mulher do conto marinheira menos bela, pelo contrário, conforme se verá.

Protótipo da moça da ilha é Clarinda. O constante contato com a natureza a torna sadia e viçosa:

"... os braços claros e rosados saindo nus e roliços dos regaços das mangas e ainda frescos e úmidos da água da fonte onde ela estivera lavando, caminhava com elegância matuta, balançando os túrgidos quadris luminosos". p. 7 (HR-1-VL)

A natureza tem o poder de fazê-las fortes e prolíficas. As mulheres dos pescadores também são vistas sob este prisma:

"Eram meninas galantíssimas de saia curta e pés descalços, cabelos soltos e revoltos, límpidos olhos virginais, sorriso alegre, sempre a boca rosada e fresca como a polpa de um fruto que se abre ao sol, docemente, em plena maturidade - todas girando, às mãos dadas em roda de ingênua folgança, sonoras de cantos álares e de inefáveis risadas...". p. 78 (HR-7-VV)

Mas o marinheiro e o roceiro não se encantam apenas com as meninas de pés nus das praias. Há uma certa atração especial pelas damas refinadas, muitas vezes estrangeiras ou de sangue azul. Estão, portanto, em nível social superior ao do herói. Seu afastamento da natureza faz com que não possuam a saúde das camponesas. Às vezes, uma dessas belas é colocada no campo para recuperar-se. É o caso de Sara (MC-13-MS). Outras morrem prematuramente, como Nerah (CA-12-N) como a moça misteriosa de A hética (CA-15-AH). Seus encantos porém, são "inefáveis" usando o adjetivo predileto de V.V. ao definir suas divindades. São exemplos destas personagens: Madalena, a bretã (HR-21-NB); a Viscondessa de Vilar (CA-1-M); Sofia, a polonesa (CA-2-SA); a princesa medieval (CA-3-PM); Cíntia - a filha do Barão Sant'Ana (CA-4-VC); Miss Anne, a irlandesa (CA-4-VC); Damayanti, a esposa de um brahmane (CA-13-T); Lódia, a romana (NO-3-M); Isolda - a rainha da Bretanha (NO-5-TI); Lecênia, a mártir cristã (NO-7-MC); Ellen Egbert, a inglesa (NO-16-WN); Miss Sarah, outra inglesa (MC-13-MS); a cantora eslava (MC-23-CS) e Lily (NO-11-MM).

Mais presentes no volume dos Contos de amor não raro elas tem cabelos claros e são misteriosas.

Eis como é vista Lily, que partiu para o mar:

"Uma criatura ideal, muito loura... de olhos azuis e mãos de lírio, radiante de beleza e de graça(...) claro e inefável perfil". p. 230 (NO-11-MM)

Assim foi Nerah, a que entregou a alma a Deus:

"... O seu pescoço alvo, de uma pureza de alabastro, por onde desciam os longos cabelos em ondulações de ouro ardente, como uma esteira de astros, tinha a contornação pura, a veludez seráfica, a doçura açucenal e celeste das virgens de Velasquez. Seus olhos azuis, grandes magníficos, de uma candidez espiritual sempre numa umidez de langor numa ternura inefável". p. 144 (CA-11-N)

Para contrastar com estas belezas discretas e espirituais, apresentamos Margarida, que pelo nome é uma flor do campo, mas não se caracteriza pela pureza:

"Profundamente dominada pelas ardentíssimas manifestações e arrastamentos do seu temperament indomável, relinchante de seiva e fartamento embebido em sol - abriu um escândalo desordenado e terrível...". p. 162 (MC-16-NR)

Restabelece-se o mito da natureza mãe. É ela responsável pela exuberância e vitalidade do ser humano. Verifica-se então que: se agindo sobre o homem, ela lhe fortalece o caráter também, em relação à mulher aparentemente quebra-se o jogo. O "bom" é o homem simples. O "mau" é o seu oposto.

Embora não se caracterize muito bem o anti-herói, os exemplos que encontramos levam o crítico a identificá-lo pela simples oposição ao herói telúrico. No conto A pesca das tainhas (MC-3-PT), um moço da cidade tira a namorada de Zé de Souza, patrão das redes, levando o seu troco (o pescador o enfrenta e mostra sua superioridade física). Em Na roça é o José Italiano, o mascate, o vilão, quem carrega a mulher do Cosme que mata (MC-16-NR).

Como encarar o problema sem ter como positiva a quebra da unidade do mito?

2.2.3. A mulher e o mar (o mito dentro do mito)

Relacionando o mito varzeano ao telurismo, ousamos afirmar que encontramos um modelo lógico para alcançar a sua interpretação.

A natureza, o mar principalmente, as terras da ilha catarinense, sua verdura, tudo parece fechar-se dentro de uma filosofia própria que vai do Romantismo, atravessando correntes de pensamento do Realismo para o Naturalismo² (um estudo neste sentido, que deixamos em aberto para futuras pesquisas).

À primeira vista, o que não cabe dentro do universo varzeano tão coerente e definido em si mesmo, é a figura da mulher. Enquanto ela é vista como personagem rústica, tudo se encaixa logicamente. Quando, porém, esta criatura (dentro de seu mito) sadia, alegre e fofa, dá lugar a outra diáfana, doentia e inatingível, sentimos abrir-se uma brecha que dificulta a sim-

ples esquematização de um gráfico.

Se o herói, o homem da natureza, tinha seu anti-herói, o homem da cidade, a mulher atingia os dois extremos sem sofrer na sua integridade de "heroína", para sermos bem claros. Este particular acreditamos, teria levado seus intérpretes a chamar alguns de seus enredos "açucarados"³.

No entanto, apenas a leitura e releitura de todos os seus textos consegue colocar esta mulher ideal no seu devido lugar.

A primeira pista nos foi dada no fim do conto Sol de outrora (NO-14-SO). O autor fala de sua terra natal:

"No outro dia, ao raiar triunfante e glorioso do sol, o Sírio largava ferro no porto de Florianópolis, a pequena capital catarinense que, situada sobre uma pitoresca península, se balouçava sobre as águas azuis de seu golfo, como uma sereia, uma ondina, uma graciosa e encantadora filha do mar". p. 253

Uma comparação feita com o entusiasmo de uma pessoa carente, de um marinheiro saudoso, numa solidão que apenas o mar provoca, fazendo com que seu universo interior tome proporções que o homem da terra firme jamais alcança. O marujo tem seus dias e noites enormes. Para ele o tempo custa a passar. Ele sonha. Seu "olhar de exilado, de prisioneiro do navio e do mar" p. 315 (NO-18-MR) vê coisas que os outros não enxergam.

Em outro conto de Histórias rústicas (HR-3-CM) falando dos jovens marujos, ele nos lança a outra pista:

"Apressados e ruidosos, num alvoroço de jovens matelotes de outras idades partindo pela primeira vez para aventurosas viagens, a mente sonhadora, cheia das lendas inefáveis das Sereias Misteriosas enchendo de encantos e amores as solidões do alto mar..." p. 35

O marujo sonha. Tem muito tempo para isto. Ele imagina seu ideal. Certamente não será uma mulher com as características da Clarinda, de braços roliços por exemplo (HR-1-VL). Ela teria mais logicamente os cabelos de Lecênia "esparços como estranhas meadas d'algas, o alvo capício jasminal de virgem, colado às puras formas venusínicas..." p. 187 (NO-7-MC); um corpo lírio boiando, na mansidão das vagas (Lecênia é inatingível - está morta). Seu rosto terá a tonalidade "opalescente e esguiô" de Nerah p. 150 (CA-11-N) e seu "corpo formoso não se ergue para o amor, nem para as conquistas triun-

fais da beleza". p. 162 (CA-22-OM)

Esta figura ideal já citada por nós sob vários nomes, como a mulher estrangeira dos castelos e dos salões, toma forma e nome definidos no último texto de seu livro Contos de amor (CA-25-EV). Esta personagem chama-se Ondina. No conto, ela é a filha mais velha do capitão. Seus olhos límpidos e virginais espelham inquietação e melancolia. Seu corpo é muito belo.

Este é o seu fim:

"Ondina atravessou a câmara deserta sempre de olhar desvairado, o passo incerto, amparando-se às amuradas por causa dos grandes balanços(...) segura de que ninguém lhe oporia ao intuito fatal, com o coração e o espírito em tumulto, batidos por um sopro de loucura e vertigem, correu ao portalô e se jogou às vagas..." p. 250/251

Neste mesmo conto, o autor refere-se à estória de "Ondina" como pertencente à mitologia escandinava, ligando-se inclusive com motivos da terra catarinense. A Ondina da lenda é um espírito feminino que habita as águas. Uma das interpretações desta lenda diz que este espírito, por amor de um jovem cavaleiro, terse-ia humanizado. A mulher espiritual de Virgílio Várzea muito carrega desta espécie de sereia inatingível e patética.

Conscientemente ou não, o autor nos coloca diante destes fatos que nos abrem uma nova perspectiva - a visão de um mito dentro do mito.

Concluindo, o homem, o protótipo do herói, é o que está em contacto com a Natureza. A mulher, porém, não pode ser colocada dentro deste mesmo esquema simples, pois se subdivide, no universo do autor, em mulher-corpo e mulher-espírito.

A mulher-corpo está ligada aos fatos da terra. Simples e fecunda, ela aparece para ser tocada e possuída. A mulher-espírito, embora muitas vezes apareça materializada, está distante, pode ser amada apenas a distância.

O mito da mulher-corpo reside na sua encantadora simplicidade e no seu viço eterno que o contacto com o verde e com o sol lhe proporciona.

O mito da mulher-espírito está na sua razão de significar, dentro de uma redoma imaginária (que pode vir como superioridade social), uma própria imagem mitológica.

A mulher-corpo pode ser tocada ao nível do mito. A mulher-espírito é um mito ao nível deste mito.

2.2.4. As forças transcendentese

Mircea Eliade traz idéias de Jan de Vries a respeito da relação estreita entre a saga e o mito. E é na saga, afirma, que o herói se situa num mundo governado pelos deuses e pelo destino⁴. Ao destino e à fatalidade ninguém foge. Às suas cordas o homem varzeano está atado, por mais valente e corajoso que seja. Foi o destino, por exemplo, que fez com que o parzinho romântico Rosinha e João morresse no dia do casamento:

"Filhos de pescadores, quis o Destino que fosse o seu leito de nupcias o oceano revolto". p. 192 (MC-19-NM)

Foi a fatalidade que fez com que o roceiro perdesse todos os seus bens e o obrigou a abandonar tudo:

*"Mas tudo estava perdido: o sítio hipotecado, o engenho, a casa; o gado todo vendido e o seu imenso cafezal verdejante, queimando inteiramente pelas longas geadas. Decididamente ia para trás aos empuxões anéis do destino".
(p. 146 (MC-14-S))*

Às vezes o destino é amigo e se torna sinônimo de boa sorte ou boa estrela:

*"Este simpático e notável homem do mar, além da sua teimosia inata, do seu arrojo inusitado e indomável, possuía uma singularidade que o levaria fatalmente à desgraça ou à morte, se não fora a sua boa estrela".
p. 56 (NO-1-TB)*

Quando o herói ousa desafiar as forças sobrenaturais, o que às vezes acontece, a derrota é uma punição. João Esteves queria levar a todo custo seu navio, o Lima I, a Porto Alegre. Não se importava da fúria do mar, nem com os avisos de seu prático de bordo e, ao provocar a ira da Divindade, recebe primeiro um aviso: cai uma vela. Mas quando blasfema, é ferido gravemente. (NO-1-TB).

Derrota verdadeira, portanto, o herói varzeano só a sofre quando a origem desafiante não é conhecida, é misteriosa ou é da ordem transcendente. Neste caso, o herói acaba aceitando o fato com passividade.

O grande mito, na verdade, está no mar. É o mar que "castiga o navio de través" p. 30 (NO-1-TB). É o próprio marinheiro que proclama: "Andar

no mar, andar a enterrar" p. 3 (NO-1-TB) ou ainda "quem anda no mar sujeita-se a tudo" p. 50 (NO-1-TB). A ele se alia a natureza, personificada, no caso, pelo vendaval e pela borrasca, e o marinheiro sobrepõe a estas forças um poder espiritual, que ele transfere ao próprio Deus ou aos santos de sua devoção:

"O vendaval, como sô houvesse atingido a sua máxima fúria para castigar e suplantar a audiência, força, arrojo e teimosia louca, mas por isso mesmo heróica, do insigne capitão, em afrontá-lo e luta vencedora com todos os riscos e perigos - começara a abançar apenas o gigante do tombadilho e imperador do Oceano rolara traiçoeiramente ferido pelo maldito acaso". p. 75/6 (NO-1-TB)

Neste exemplo, a expressão final (acaso) viria desmentir o caráter mítico do acontecimento como castigo. No entanto, o próprio autor e a esquematização do enredo levam a outra conclusão, como já se comprovou.

É em meio ao vendaval, portanto, que surgem à tona todos os valores do universo mítico do homem do mar. Ao lado dos aforismos já citados, aparecem as cantigas que funcionam como apelo às forças sobrenaturais:

*"Ó Senhora da Bonança
Vinde dos céus amparar-nos
Vinde cá a luz da esperança
Deste naufrágio salvar-nos". p. 70 (NO-1-TB)*

E é com a mesma devoção que se cantam os elementos da natureza, como se formassem com a divindade um só organismo:

*"Ó vagas do temporal
No vosso furor insano
Não caveis o nosso mal
Nas profundezas do Oceano". p. 32 (NO-1-TB)*

Também ao vento eles pedem graças:

*"Vento em popa, vento em popa,
Sem o bom sol a brilhar
Enxugues bem esta roupa
Mas não a jogues no mar". p. 33 (NO-1-TB)*

A gaiivota, como ave marinha, tem uma importância mítica própria. A namorada do pescador ou marinheiro canta para ela:

*"Toda vez que eu a vejo vir
Gaiotas à praiamar
Cuido que são meus amores
Que vêm para me levar". p. 84 (MC-2-CG)*

Sua presença durante os temporais alegra os navegantes. Para todos é uma aliada. Os que estão em terra preocupados com seus entes queridos no mar, tranquilizam-se à sua vista, os que estão em alto mar, sentem-se amparados. E também cantam para elas:

*"Branças gaiotas que voais
Por entre mastros e velas,
Como podeis ou ousais
Romper tamanhas procelas? p. 58 (NO-1-TB)*

2.2.5. Metáfora e mito - a solidificação da relação homem/natureza

Não sendo nosso objetivo fazer um estudo exaustivo da metáfora no conto de V.V. (abordagem esta que talvez possa concorrer para o desenvolvimento de outras verdades) partimos dos pontos que nos foram sugeridos pela leitura desenvolvida até agora.

Tomando em nosso trabalho a denominação generalizante de metáfora para todas as manifestações da linguagem conotativa, tentaremos analisar alguns exemplos, partindo do grande campo semântico que nos fornece a natureza. Isto porque, a esta altura da nossa pesquisa, já chegamos à conclusão de que, além da transferência explícita dos atributos da natureza para o homem que o mito enfatiza, solidifica-se a união entre os dois elementos, pela escolha de figuras de linguagem que humanizam elementos naturais, revivendo-se verdades já vistas anteriormente.

O primeiro campo semântico a ser examinado não deixaria de ser o relativo ao mar. É do mar que vem a vida, a formação, o alimento, a morte do homem varzeano.

O mar, aliado à divindade, tem o poder da vida e da morte. O autor personifica-o, fazendo senhor do destino:

*"Felizmente, desta vez ainda o mar rejeitou-nos". p. 71
(MC-7-VN)*

Este mesmo mar "castiga o navio de través" p. 30 (NO-1-TB) e se irrita, invadindo embarcações:

"... as canoas aportaram de novo vazias, todas alagadas das invasoras ondas hostis". p. 31 (MG-3-PD)

Às vezes, este grande deus parece sofrer como um homem. Aqui é o pedaço do oceano da Lagoa dos Patos que o autor, justificando sua fúria, vê como:

"... mar raso torturado e apertado entre as terras". p. (NO-1-TB)

Outras vezes, ele se assemelha tanto ao ser humano que chega a sentir com ele as mais elevadas aspirações. O autor, chorando a morte de sua amada, conversa com ele e conjetura:

"... através das brancas espumas ferventes, a alma azul do Oceano que ama e envia no estrondo incessante das vagas a sua dor ao Infinito". p. 164 (CA-22-OM)

E mais adiante, no mesmo texto, o personagem narrador se pergunta:

"Então imagino fantasticamente qual o ideal capaz de amparar aquele sedento e largo coração de leão". p. 164 (id. ib.)

Mas não são apenas qualidades humanas que são emprestadas a ele. Quando no auge de sua violência, não lhe bastam os atributos do homem, assemelha-se a uma fera. Então lhe vemos um "dorso monstruoso e brutal" em seus vagalhões. (MC-3-PT)

Suas manifestações às vezes parecem estranhas, amedrontadoras e singulares:

"As ondas, às vezes, escachoando em vãos brancos pela penedia, lambiam-lhes com furor os braços e as mãos..." p. 169 (MC-17-MG)

E muitas vezes é como um leão, como o mar de tantos poetas, que ele manifesta sua violência:

"O oceano bramia furiosamente". p. 134 (CA-16-V)

Eis a mesma imagem, apresentada de maneira mais intensa:

"Depois, eram os grossos vagalhões do Atlântico que vinham iracundamente rugindo, desmanchando-se contra a penedia". p. 61 (HR-5-FF)

Às vezes, sua violência vem em auxílio do homem. No meio de todos os problemas, o mar é um aliado. Perseguido pelo inimigo, a natureza colabora à altura:

"E o mar, de altos vagalhões, desviava as pontarias, arrencando pragas aos artilheiros furiosos". p. 97 (MC-9-VS)

Mas também na melancolia, este mesmo mar pode emprestar solidariedade aos humanos, espelhando os mesmos sentimentos:

"E o infinito e desolado oceano, cambiava também lentamente a alacridade azul celeste num azul ferrete muito denso, lúgubre e sinistro". p. 119 (HR-11-PB)

A vida espiritual do navio é um dos aspectos míticos mais reatualizados ao nível da linguagem.

O navio, o barco, o veleiro, qualquer embarcação, frequentemente apresenta-se personificada. É o autor mesmo que chama atenção para este fato, falando de Seu Santos - o mestre das redes:

"Os navios, velhos conhecidos, são uma boa amizade, e mirando amorosamente o TRENT: - "É um pássaro, um espada-gão. Vejam aquelas saídas d'água. Aquilo, nem um peixe!" Porque, para ele, os navios possuem vida espiritual". p. 13/14 (MC-1-MR)

E então, ele próprio chama também o Lima I, o patacho inigualável e invencível de "alado parrelheiro do mar" p. 18 (NO-1-TB). Mais tarde o vê, porém ferido e quase adormecido:

"Depois, este navio não aguenta mais, já quase adormeceu de uma vez". p. 63-65

Mas é este mesmo casco que "saltava airoso" p. 18 e que no

final é o vencedor da borrasca p. 76. E como se estivesse falando de um gigante que V.V. se refere ao amado navio das recordações de seus pais:

"Um dia o mundo acabaria e, o demônio fosse surdo! Podia bem ser daquela vez e naquele patacho que era pior do que um peixe, o raio". p. 3

Personalidade forte foi a do "Galgo", de longa história heróica. Não havia quilha que o vencesse:

"Valente nos temporais, muito seguro, era célebre pela velocidade da marcha no tempo dos africanos...". p. 59 (MC-5-NI)

É ainda dele que se fala em outro conto:

"... ao Galgo, nem uma bala o pegava! Aquilo era um corisco para andar!" p. 95 (MC-9-VS)

Ao seu inimigo o "Contest", V.V. empresta qualidades de verdadeiro vilão:

"Todo aquele dia seguiu-o ameaçadoramente, como na última semana, a terrível proa, que só desapareceu ao cerrar da noite mas cujos faróis acesos brilhavam, através da treva, espreitando-o sinistramente, como os olhos de um felino fantástico". p. 94 (MC-9-VS)

Depois da luta renhida, eis que o valente navio quase se entrega:

"O Galgo, quasi parado, na ausência dos ventos, parecia entregar-se, numa fadiga de animal cansado à explosiva fúria inimiga". p. 97 (MC-9-VS)

Ágil e cheio de qualidades, fora o iate que levava Pedro e seus companheiros. Com nome de pássaro e agilidade de caprino era um misto dos dois exemplares da natureza:

"Mas o iate era um cabrito, saltava e empinava-se, investia na vaga(...) e ali estava felizmente, com essa casca de noz do Andorinha e toda sua companhia". p. 73 (MC-7-VN)

Esta concepção mítica do marujo acerca do navio chega ao exage-

ro de dar-lhe, por vezes, poderes sobrenaturais. Isto demonstra através das cantigas:

*"Mastro grande, meu amigo
Não me abandone nas águas
Quero ir de rastos contigo
Mesmo para cima das frâguas". p. 59 (NO-1-TB)*

Outros exemplos:

ZOOMORFISMO	<p>"E como um <u>cavalo</u> de raça, todo ele fremia, impaciente da demora, arfando, dando golpes de hélice, abrindo o "rade" em frisos extremos de espuma". (CA-16-V</p> <p>"Velejando a qualquer vento, dir-se-ia uma <u>galgo</u> estranho das vagas, tal a galopada da sua marcha". p. 8 (NO-1-TB)</p> <p>"E o navio, maltratado, desarvorado e cheio de avarias, mas vencedor glorioso da tremenda borrasca, com os dois faróis já acesos, suspensos a certa altura da <u>bor</u>da, a cada banda da enxârcia grande, parecia um monstruoso, fabuloso <u>animal</u> marinho a iluminar as próprias manchas das ondas, através da escuridão, com os seus dois imensos olhos fulgurantes, espargindo à esquerda, uma trágica luz de rubim, à direita, um melancólico clarão de esmeralda". p. 76 (NO-1-TB)</p>
-------------	---

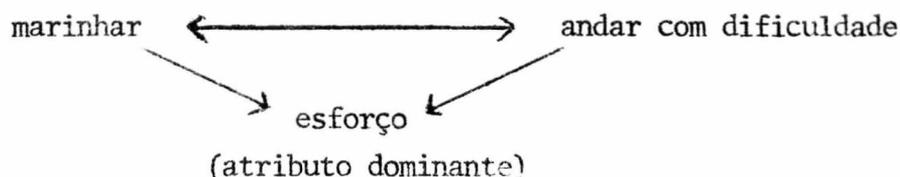
Todos estes exemplos demonstram que o navio perante o marujo, embora em alguns exemplos se apresente no mesmo nível deste, não raro aparenta uma violência física bem superior, que leva o autor a recorrer a imagens zoomórficas.

* * * * *

Se ao mar e às coisas do mar são emprestadas qualidades e sentimentos estranhos, é dele que o autor extrai elementos para caracterizar as coisas estranhas. Examinemos as suas:

mar como tema, sugerindo o mistério e o desconhecido do universo mítico de V.V..

No exemplo 5, outra metáfora "in absentia" envolve a idéia de contínua luta que acompanha a vida no mar:



Michel le Guern fala da metáfora verbal, distinguindo-a das metáforas "in absentia" e "in praesentia". Não vemos a necessidade, no nosso caso, de fazer esta diferença.

Diz o citado autor, também, que aquela, apresentada através de uma ação, possui um desvio semântico entre o verbo e o seu sujeito ou entre o verbo e o seu complemento. Este desvio é que nos levaria à metáfora. São abandonados não só os elementos de significação incompatíveis ao verbo metaforizado, mas também aqueles referentes ao sujeito do verbo.

No exemplo estudado, o uso do verbo "marinhei", não implica necessariamente incompatibilidades de significação do sujeito - eu. Marinar ou manobrar navios é ação que pode ser efetuada pelo homem. O que está mudado e implícito, no caso, é apenas a circunstância: a vida no mar, o ambiente de bordo.

A pesquisa da significação do verbo "marinhar" nos levou aos sinônimos "trepas" e "subir" que caberiam perfeitamente no nosso contexto. Para V.V. no entanto, mesmo em face de uso de metáfora lexicalizada (como poderia ser considerada aquela) já a aproximação do campo semântico marítimo é significativa.

A personificação dos elementos da natureza, novamente remete a mitos abordados anteriormente. A violência, como sema de tantas imagens criadas, leva a fatos já percebidos junto às forças sobrenaturais. É no meio do vendaval, por exemplo, que vêm à tona todos os valores míticos do homem telúrico. Ele teme o que lhe vem do céu. Pressente a superioridade e admite sua impotência diante de uma força a qual empresta poderes transcendentos. (Exemplo 1 a 8). O exemplo 5 reatualiza o mito da força do mar aliada à dos céus. Portanto, é a violência que revela o temor e o respeito do homem do mar, face aos fenômenos da natureza.

A PERSONIFICAÇÃO DO VENTO	
VIOLENCIA	<ol style="list-style-type: none"> 1. "... furiosas cordas do vento". p. 107 2. "Endureceu mais o vento de pleno sudoeste". p. 45 (NO-1-TB) 3. "Havia mais ou menos uma hora que o pampeiro bufava duro em São José do Norte". p. 1 (NO-1-TB) 4. "E agora, sob a orquestração descompassada da ventania indômita...". p. 123 (MC-11-AC) 5. "E o oceano agora, sob a imensa curva azul transparente, branco e espumoso ainda do colérico vergastar dos ventos". (CA-25-EV) 6. "... quando a canoa em que vinha o Tomaz apontou no primeiro ilhote dos Papagaios, o primeiro caiu furioso...". p. 63 (HR-5-FFJ)
A PERSONIFICAÇÃO DA CHUVA	
VIOLENCIA	<ol style="list-style-type: none"> 7. "Em uma dessas ocasiões, porém, foi apanhado de surpresa, altas horas, pela fúria demolidora, irresistível, de uma tempestade, plena de fuzis e trovões que fizera transbordar o rio, alagando os campos em volta". p. 176 (MC-18-AD) 8. "Os aguaceiros continuavam furiosos". p. 30 (NO-1-TB)

Sensações tácteis ou físicas (endureceu, duro, vergastar, demolir) aliadas aos sentimentos (furiosas, indômita, colérico, furioso, fúria, furiosos) formam imagens fortes, terrificantes.

O verde da Terra e a própria Terra em si, embora encerre seus próprios mistérios, não tem esta força. O homem não a teme. Mostra sua exuberância sadia, mas é acolhedora e amiga. Revive-se o velho mito da terra-mãe. No exemplo 9 podemos perceber esta imagem. A sua uberdade manifestou-se solidária ao homem, enfeitou-lhe a sepultura. E mostra mais a sua feminilidade a medida que se enternece diante dos sentimentos humanos (exemplos 9 e 10). O exemplo 11 revive a imagem da mulher criada no agreste. É forte e planturosa. Os adjetivos indiferente e inabalável não remetem a características espirituais, mas físicas, pois acompanham a ação de germinar.

A PERSONIFICAÇÃO DA VERDURA	
SOLIDARIEDADE	9. "Entretanto, a alegria da vegetação, na ampla uberdade da Terra, encarregou-se dos ornamentos da cova e uma porção de grama alta, de um colorido glorioso e cantante, semelha o bando vivo e ruidoso de suas esperanças". p. 176. (MC-18-AD)
SOLIDARIEDADE	10. "Pelas margens da estrada branca e enfiorecida, cortada pela água murmurante e límpida dos córregos, os espinheiros tufados e gloriosos, numa felicidade vegetativa e exuberante, cantam monotamente carregados de cigarras e acenam para o mortozinho numa expansibilidade de verdura, como se lhe dessem o último adeus". p. 140 (HR-16-ES)
INDIFERENÇA	11. "E assim atravessaram a cavalo, sinuoso caminho que levava ao terreiro, no meio da planturosa Natureza, germinando poderosamente em volta, sempre indiferente e inabalável". p. 148 (MC-14-S)

Imagens muito ricas, não encerram apenas estas qualidades femininas. A sinestesia empresta som à cor (colorido cantante) e a hipálage faz o verde cantar pela voz das cigarras, esperanças se personificam em verdura, águas segredam coisas puras. É o mundo mágico do homem primitivo.

Adolfo Crippa, em estudo sobre o mito, justifica a tendência do homem procurar identificação com o mundo que o rodeia:

*"A natureza transforma-se em paisagem e é nessa paisagem que o homem procura encontrar o sentido de sua existência e de sua história. Por isso, viver torna-se um gesto dramático, inserido numa cena invariavelmente cósmica"*6.

Podemos comprovar esta concepção em outros exemplos de personificação da natureza e na sinestesia. Examinemos o quadro:

IMAGENS DA NATUREZA	
PERSONIFICAÇÃO	<p>1. "... onde o sol, <u>louro beduíno</u> irradiante do Azul, na galopada dos seus corcêis triunfantes abria agora amplamente o seu imenso albornoz de luz...". p. 23 (HR-2-BO)</p> <p>2. "Abril <u>esmaltava</u> os prados com todo seu esplendor, enflorecendo os arbustos e as árvores". p 142 (MC-13-MS)</p>
SINESTESIA	<p>3. "E o doce nome cantava no <u>silêncio luminoso</u> da tarde, com um timbre de ouro alegre, como o chilrar das andorinhas no telhado". p. 151 (MC-15-BM)</p> <p>4. "Mas o céu era azul, de um azul <u>macio</u>...". p. 55 (HR-5-FF)</p>

As figuras acima fazem transparecer realidades que justificam a filosofia do autor citado. A personificação mostra os deuses da fertilidade, radiantes e benévolos. O sol está generoso (1), a terra corresponde (2). A união perfeita. Eis o que confirma Mircea:

*"Se o mundo lhe fala através de suas estrelas, mas suas plantas, seus animais, seus rios e suas pedras, suas estações e suas noites, o homem lhe responde por meio de seus sonhos e de sua vida imaginativa..."*7.

É o que acontece com V.V. que vê renascidos dentro de seu universo, modelos eternos que o estudioso do mito enxerga no homem primitivo:

"Se o Mundo é transparente para o homem arcaico, este sente que é olhado e compreendido pelo Mundo"8.

É por este motivo que o azul do céu está macio, o silêncio é luminoso e um som pode ser dourado (exemplos 3 e 4).

O estudo destes últimos aspectos do conto de V.V. nos leva a algumas considerações.

Os motivos e a linguagem figurada atualizam a substância real de uma terra e de um povo.

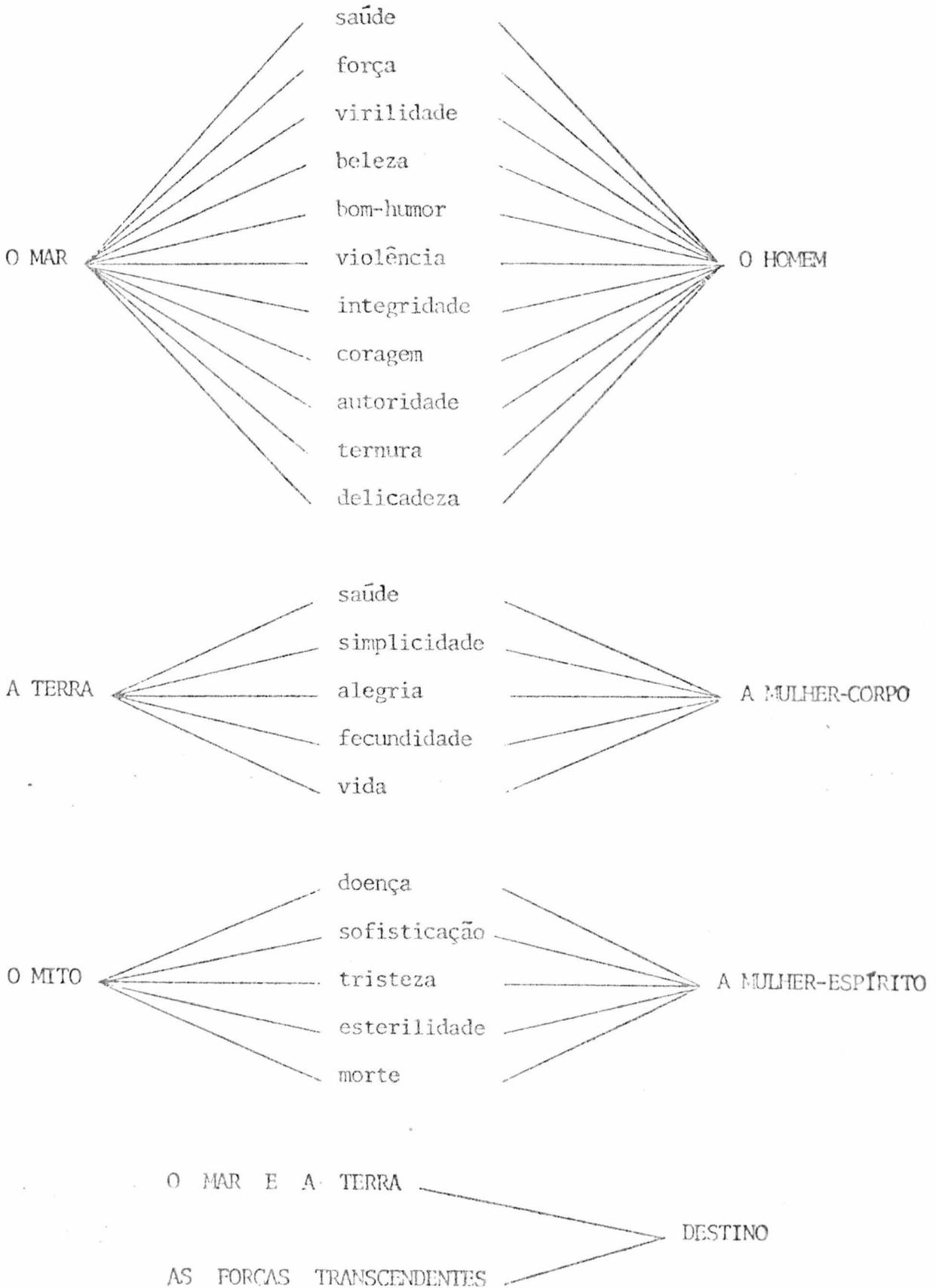
A caracterização dos mitos, depreendida da relação homem/natureza, revela razões que movimentam, não só a expressão lingüística do autor e a ação dos personagens, mas um universo inteiro, uma mundividência própria e particular, independente, na maioria das vezes, da experiência racional.

O homem ligado ao mar, é o herói supremo. A mulher, ligada a terra, uma criatura que a ele se complementa. Divinizada, ela enche o vazio de sua alma tantas vezes solitária. Governados ambos pelo destino, que se personifica frequentemente nos elementos da natureza, vivem num mundo maravilhoso e mágico em que o transcendente leva sempre a melhor parte.

O quadro a seguir permite a visualização mais clara destas realidades.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. No estudo deste capítulo, a partir deste item, passaremos a nomear entre parênteses o título das obras em estudo pelas iniciais: MC - Mares e campos; NO - Nas ondas; HR - Histórias rústicas; CA - Contos de amor. O número a seguir indica a ordem em que os contos aparecem no volume respectivo e as iniciais seguintes correspondem ao título dos textos, conforme podem ser conferidas no resumo que trazemos no apêndice.
2. Romantismo enquanto revela a pureza do homem primitivo, Realismo enquanto retrata a Geografia e a História, Naturalismo enquanto nivela personagem e meio ambiente. Estas definições simples não esgotam, naturalmente a caracterização do autor.
3. PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção. 3. ed. Brasília, José Olympio, 1973. p. 258.
4. ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo, Perspectiva, 1972. p. 23.
5. GUERN, Michel le. Semântica da metáfora e da metonímia. Porto, Telos, 1973 p. 146.
6. CRIPPA, Adolfo. Mito e sabedoria. Convivium. São Paulo, Ed. Convívio, 18 (4):302, ago. 1975.
7. ELIADE, Mircea. op. cit. p. 126
8. Idem, ibidem.

4. O MITO EM VIRGÍLIO VÁRZEA

CONCLUSÕES

Num trabalho reflexivo e globalizante, tentamos abranger, sem esgotar, algumas tendências e identificar a íntima relação lingüística com conteúdos e referentes, que permite colocar os seguintes posicionamentos em relação ao conto de Virgílio Várzea:

1. O estudo do tempo, que se depreendeu da análise das estruturas, revelou um feitiço paisagista (fusão perfeita das duas linhas do discurso: descritiva e referencial), o uso de encaixes (retorno freqüente ao passado) e a valorização do universo interior das personagens. Estas três particularidades fazem com que a linha temporal de Virgílio Várzea decorra sem pressa. O herói telúrico, em sua íntima relação com a natureza, antes de agir, observa, rememora, imagina. No mar, seus dias são longos - ele espera. Em terra, a verdura o cerca solidária, e o mar, ao longe, lhe sugere imagens nostálgicas. O clima brasileiro, pródigo e ameno, não o intima a uma ação contínua. O próprio oceano na sua imensidão, entremeia suas explosões de fúria com infinitos hiatos de paz.

2. A caracterização dos mitos, corolário das relações homem/natureza, aponta para fontes de significação que inspiram não só as suas palavras e os seus gestos, mas sua vida e sua mundividência. A realidade das águas, da Terra, do Céu, do Corpo, do Espírito possui dimensões próprias, independentes do conhecimento científico e racional. Esta apreensão mágica do real focaliza o marinheiro-pescador numa integridade física e moral sem mácula, que apenas as forças transcendentais conseguem fazer estremecer.

A idealização da mulher é de uma força que ultrapassa a superficialidade da concepção romântica. Mulher-corpo e mulher-espírito, cada uma em sua configuração quase sagrada, situam-se dentro do mito numa dimensão própria e irreversível. A espiritualização das coisas inanimadas (navios, barcos), dos elementos da natureza (os pássaros, os ventos, a verdura e especialmente o mar) resulta da consciência mítica que caracteriza um povo de variada tradição, mas cujo isolamento no primitivo o faz viver à sua maneira, a realidade das próprias origens e a verdade das origens de todas as coisas.

3. As imagens metafóricas reatualizam, ao nível da linguagem, todos os velhos motivos. Novamente o transcendente, ligado a elementos naturais e até inanimados, traz a tona o mito em toda a sua dimensão. A personificação do mar é a figura mais intensa e se alia às forças dos céus, vento e tempestade. A espiritualização do navio apresenta o fantástico e o maravilhoso de modo tão natural que o leitor nele se integra sem estranheza.

4. A análise dos aspectos gerais do conto de Virgílio Várzea, permite ao estudioso delinear um quadro que bem pode ser aquele que identifica o universo do antepassado do catarinense, o homem litorâneo.

Se nos tivéssemos apoiado em estudo mais profundo das concepções de região e regionalismo, afirmaríamos com mais ênfase que nosso trabalho seria mais um, ao lado de tantos outros, a atuar no processo de formação da identidade cultural catarinense. Pois se esta identidade ainda não se definiu claramente e impede, segundo muitos críticos, um possível enquadramento de Virgílio Várzea entre os autores regionalistas, não será menos verdade que seu enfoque aos temas da terra não foi mero localismo literário ou escapismo romântico. Ele fixou tipos (o marinheiro, o praiano, o camponês), crenças e mitos particulares ligados ao mar, à terra, aos céus, ao corpo, ao espírito), linguagem (ditos populares, refrões, quadrinhas, vocabulário náutico). E seu conteúdo depende intimamente destas particularidades. Ele retira, sem qualquer dúvida, a substância real de um povo. O próprio Virgílio Várzea se define como "descendente direto de açorianos e minhoto, que nasce, vive e expira, embevecido e feliz na eterna paixão do mar". É também ele que diz: "Vamos, minha neurose marítima de celta, de brasileiro do sul ou de lusitano bravo". p. 220 (NO-12-AB)

Aliás, um confronto mais profundo com a cultura litorânea (o que não fizemos) poderia colocá-lo, sem dúvida, entre os representantes mais autênticos da terra. Reconhecemos que nosso trabalho, nesse sentido, se não conseguiu definir taxativamente estas realidades, logrou indicar caminhos para futuros trabalhos.

São estas as conclusões sobre aspectos do conto de Virgílio Várzea que embora não surpreendam quanto a conteúdos, revelam cientificamente coerência e unidade em todos os seus enfoques, contribuindo, desta maneira, mesmo à luz de conceitos mais modernos, para o reconhecimento das reais razões literárias dos nossos conterrâneos.

Sem que tivéssemos pretendido situar apenas uma feição psicológica em função de comportamentos, nem cair nos extremos de uma fenomenologia estética, não nos prendemos tampouco a uma crítica fria que despindo o texto de toda e qualquer substância subjetiva, mostrasse apenas uma bitolada visão de sua essência.

Uma análise antes de tudo reflexiva de Mares e campos, Nas ondas, Histórias rústicas e Contos de amor nos colocou em contato com o criador do conto catarinense, cujo valor não se revelou apenas histórico ou documental no contexto da cultura barriga verde, mas sobretudo literário.

1. OBRAS DE V.V.

1.1. As publicadas

Traços azuis. Desterro, Imprensa Oficial, 1884.

Tropos e fantasias. Desterro, Tipografia do "Regeneração", 1885.

Miudezas. (Porto, Ed. Eduardo da Costa dos Santos, 1887)

Rose-Castle. Rio de Janeiro, Magalhães & Cia editores, 1893.

*Mares e campos. Rio de Janeiro, Cunha e Irmão, 1895.

Santa Catarina - a ilha. Rio de Janeiro, Centro Catarinense e Governo do Estado de Santa Catarina, Cia Tipográfica do Brasil, 1900.

George Marcial. Lisboa, Tavares Cardoso e Irmão, 1901.

*Contos de amor. Lisboa, Tavares Cardoso e Irmão, 1901.

A noiva do paladino. Paris, Aillaud, 1901.

Mares e campos. 2. ed. Paris, Garnier, 1903.

Garibaldi in América (vertido diretamente para o italiano - s. ref.)

O brigue flibusteiro. Porto, Livraria Chardron, 1904.

Mares e campos. 3. ed. Paris, Garnier, 1904.

*Histórias rústicas. Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira Livraria Ed., 1904.

Os argonautas. Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira Livraria Ed., 1908.

*Nas ondas. Paris, Garnier, 1910.

O brigue flibusteiro. 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1951.

As obras marcadas com asterisco foram as usadas como corpus de pesquisa no presente trabalho.

1.2. As inéditas*

Episódios heróicos. (coletânea de colaboração em jornais)

Impressões da Província (coletânea de colaborações. Correio da Manhã, Rio de Janeiro)

Ondina (tradução de Pierre Mael)

Heine em prosa - (tradução)

Os grandes navegantes

Cartas da beira-mar (crônicas)

Moreira de Vasconcellos (biografia)

Dr. João Kopke e o ensino moderno

O rouxinol morto (contos)

Garibaldi, a república Juliana e Riograndense

Julieta dos Santos. (plaquete)

Macário (adaptação da peça de Álvares de Azevedo)

Santa Catarina - o continente.

Guerrilha literária catarinense.

No sul - aspectos dos 4 estados meridionais.

A todos os rumos. (crônicas)

Ensaio sobre o Visconde de Sinimbu, o Marechal Andrea, o Visconde de Ouro Preto, o Senador Glicério e o Dr. Gama Rosa.

A rosa dos ventos. (crônicas)

* Esta relação foi organizada pelo filho do Marinista, Professor George Várzea, especialmente para este trabalho.

2. ESTUDOS SOBRE V.V.

2.1. Ensaaios e conferências

- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Tropos e fantasias. Obra crítica: 1868-1887. Rio de Janeiro, 1958.
- BUENO, Francisco Silveira. Virgílio Várzea. O Estado de São Paulo. 17 de fev. 1945.
- CORREA, Nereu. A técnica do conto em Virgílio Várzea. In: CORREA, Nereu. O canto do cisne negro e outros estudos. Florianópolis Departamento da SEC, 1964.
- _____. Discurso de posse na Academia Catarinense de Letras. In: _____ . op. cit.
- DOMENICO, Hugo Di. Virgílio Várzea - conferência proferida no Clube dos 21 Amigos de Taubaté. Revista Paulista de Medicina. São Paulo, 75(10):259-72, out. 1969.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. O marinheiro Virgílio Várzea. Conferência na Academia Brasileira de Letras. Revista da Academia Brasileira de Letras, v. 129, Anais de 1975, 2 fev. 1963.
- RIBEIRO, Joaquim. Características do conto de Virgílio Várzea - conferência no Centro Catarinense, Rio de Janeiro. In: VÁRZEA, Paulo et alii. Centenário do marinheiro. Ed. Alba, 1964.
- VÁRZEA, Paulo et alii. Centenário do marinheiro. Rio, Ed. Alba. 1964.

2.2. Artigos e reportagens

- ALEGRE, Achiles Porto. Comentário. In: VÁRZEA, Paulo. Centenário do marinista. Rio, Ed. Alba, 1964.
- AMBROGI, Cesídio. Espírito polimorfo. A Voz do Vale do Paraíba, Taubaté, 2 fev. 1963.
- A Página, Rio de Janeiro, 23 set. 1900.
- A Província, Porto, 30 mar. 1904.
- A Tribuna, Rio de Janeiro, 29 out. 1903.
- A Tribuna, Rio de Janeiro, 7 abr. 1904.
- BALÃO JÚNIOR, Jaime. Portador de ideal. O Dia, Curitiba, mar. 1939.
- BITTENCOURT, Liberato. Comentário. A Tribuna, Rio de Janeiro, 20 abr. 1904.
- BRANDÃO, Júlio. O brigue flibusteiro. O Norte, Porto, 31 mar. 1904.
- CARVALHO, Maria Amélia Vaz. Santa Catarina - a ilha. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 15 jul. 1900.
- CARVALHO, Tito. Centenário de Virgílio Várzea. A Gazeta, Florianópolis, 6 jan. 1963.
- Correio Paulistano, São Paulo, 6 ago. 1900.
- CRUZ, Alcides. Le sentiment de la nature. Federação, Porto Alegre, 23 ago. 1900.
- D'EÇA, Othon Gama. Virgílio Várzea e o mar. O Estado, Florianópolis, 15 ago. 1957.
- Diário Ilustrado, Lisboa, 2 ago. 1901.
- DINIZ, Almachio. Diferente de Loti. Diário da Bahia, Salvador, 18 ago. 1910.
- FREIRE, Aníbal. George Marcial. Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 15 jun. 1901
- _____. Índole de escritor. Correio Mercantil, Pelotas, 1º jul. 1900.
- _____. Marinista. A Comarca, Mogy-Mirim, 5 jul. 1904.
- FREITAS, Leopoldo de. Nitidez da figura. In: VÁRZEA, Paulo. Centenário do marinista. Rio de Janeiro, Ed. Alba, 1964.
- _____. Novas publicações. Diário Popular, São Paulo, 8 ago. 1903.

- _____. Contos de amor. Cidade, Rio de Janeiro, 25 jun. 1907.
- Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 13 out. 1903.
- Gazeta da Tarde, Porto Alegre, 30 mai. 1895.
- GRAVE, João. Crônica - Literatura brasileira. Diário da Tarde, Porto, 9 abr. 1904.
- HOLLENDER, Eugêne. Virgílio Várzea. Le Messager de São Paulo, São Paulo, 20 abr. 1914.
- LEMONS, Floriano de. Virgílio Várzea (notas e saudades). Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 6 jan. 1963.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE. Mares e campos. A Notícia. Rio de Janeiro, 7 out. 1903.
- MEIRINHO, Jaly. Virgílio Várzea. Notícias Culturais. Florianópolis, Departamento de Cultura - SEC 44(60):4, 26 jun. 1973.
- MIRANDA, Veiga. Mares e campos. Paulópolis, out. 1903 (recorte).
- NORDAU Max. O brigue flibusteiro. A Tribuna, Rio de Janeiro, 18 abr. 1904.
- O Fluminense, Rio, 19 out. 1903.
- O Subúrbio, Rio, 6 jul. 1910.
- RIBEIRO, Walfrido. Histórias rústicas. Annaes, Rio de Janeiro, 22 dez. 1904.
- _____. Comentários. In: VÁRZEA, Paulo. Centenário do marinista. Ed. Alba, Rio de Janeiro, 1964.
- ROSA, Francisco Luiz Gama. Nas ondas. Folha do Dia, Rio de Janeiro, 30 mar. 1910.
- SALAMONDE, Eduardo. Dramatizador e colorista. In: VÁRZEA, Paulo. Centenário do marinista. Rio de Janeiro, Ed. Alba, 1964.
- SANTOS, Getúlio dos. George Marcial e Contos de amor de Virgílio Várzea. Gazeta do Comércio. Rio Grande do Norte, 24 nov. 1910.
- SANTOS, J. dos. Comentário. A Notícia. Rio de Janeiro, 25 mar. 1904.
- SÉGUIER, Jaime. Comentário. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 5 ago. 1900.
- SOUSA, João da Cruz. Ouro e pedrarias. Regeneração, Desterro, abr. 1887.77
- VERÍSSIMO, José. Carta enviada ao jornal O Paiz, Rio de Janeiro, publicada em 20 abr. 1904.

3. TEORIA, HISTÓRIA E CRÍTICA DA LITERATURA

- ARAÚJO, Adalice Maria do. O mito e a magia na arte catarinense. Curitiba, 1977.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: Análise estrutural da narrativa. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
- BASTIDE, Roger. Brasil: terra de contrastes. 6. ed. São Paulo, DIFEL, s/d.
- BITTENCOURT, Liberato. Nova história da literatura brasileira. Rio de Janeiro, O. G. do Colégio 28 de setembro, 1948.
- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo, Cultrix, 1976.
- CASSIRER, Ernst. Linguagem e mito. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- COELHO, Jacinto do Prado. Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira. Porto, Livraria Figueirinhas, 1960.
- CORREA, Nereu. O back-ground das letras catarinenses. In: Temas do nosso tempo. Rio de Janeiro, A Noite, 1953.
- COUTINHO, Afrânio. A tradição afortunada. Rio, José Olympio, 1968.
- _____. Introdução à literatura no Brasil. 7. ed. Rio de Janeiro, Distribuidora de Livros Escolares, 1972.
- CRIPPA, Adolfo. Mito e sabedoria. Convivium São Paulo. Ed. Convívio, 18(4): 302. ago. 1975.
- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- GRIECO, Agripino. Evolução da prosa brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.
- GUERN, Michel le. Semântica da metáfora e da metonímia. Porto, Telos, 1973.
- KELLER, Elza Coelho de Souza. Evolução do conceito de região. In: OLIVE, Léa Salomão et alii. Curso para professores de Geografia. Guanabara, 1969.
- LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. Regionalismo e modernismo. São Paulo, Ática, 1978.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Valemos nós mais que os selvagens. In: Mito e linguagem social. Rio, Tempo Brasileiro, 1970.
- MARQUES, Osvaldino. Teoria da metáfora. In: Ensaio escolhidos, Rio de Janeiro, 1968.
- MAGALHÃES, Júnior, Raimundo. Poesia e vida de Cruz e Souza. 3. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1957.

- MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. São Paulo, Cultrix, 1978. 5 v.
- MELLO, Oswaldo Ferreira. Introdução à história da literatura catarinense. 2. ed. Porto Alegre, Movimento, 1953.
- MOREIRA, Eidorfe. Presença do mar na literatura brasileira. Belém, 1962.
- MULLER, Max. Das Denken im Lichte der Sprache. Leipzig, 1873.
- MURICY, José Cândido Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2. ed. Brasília, Conselho Federal de Cultura e Instituto Nacional do Livro, 1973.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção: 1870 a 1920. 3. ed. Brasília, José Olympio, 1973.
- PIAZZA, Walter Fernando. A vitória da cultura popular açoriana em Santa Catarina. Florianópolis, 1959 (Separata do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira. v. 6 p. 4).
- _____. Aspectos folclóricos catarinenses. Florianópolis, Comissão Catarinense do Folclore, 1953.
- _____. Nota prévia à bibliografia para o estudo do litoral catarinense. Publicação da Academia Catarinense de Letras, Florianópolis, 1960.
- RICHARDS, Ivor Armstrong. Philosophy of Rhetoric, Londres, 1936.
- ROMERO, Sílvio. História da literatura brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943.
- SACHET, Celestino. A literatura de Santa Catarina. In: História de Santa Catarina, Curitiba, Grafipar, 1970. 4 v.
- _____. A literatura de Santa Catarina. Florianópolis, Lunardelli, 1979.
- _____. Fundamentos da literatura catarinense. In: SILVA, Jaldyr B. Faustino da et alii. Fundamentos da cultura catarinense. Rio de Janeiro, Laudes, 1970.
- VIANNA MOOG (Clodomir). Uma interpretação da literatura brasileira e outros escritos. Rio, Delta, 1966.
- WERNER, Heinz. Die Ursprunge der Metapher. Leipzig, 1910.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. Teoria da literatura. 3. ed. Lisboa, Publ. Europa-América, 1976.

Apêndice

1. Lista dos textos analisados com resumo

MARES E CAMPOS

1 - O Mestre das Redes (MR)

Cena da vida praieira, entremeada de descrições de personagens típicas e de voltas ao passado. Seu Santos - mestre das redes - é o centro da narrativa. Conta-se sua vida passada: infância, primeira viagem como marinheiro, descreve-se sua maneira de ser na maturidade e velhice. O presente temporal começa à beira-mar, com o aparecimento de um navio ao longe, que é visto por um grupo de pescadores e reconhecido pelo velho. Seguem-se as descrições de duas pessoas que passam, Marica, moça formosa e faceira e Constança, mulher vivida e sofrida, carregada de filhos. O conto termina com o surgimento de um bote que sossobra à vista de todos, sendo seus tripulantes salvos pelo mestre e seus companheiros.

2 - O Molho de Lenha (ML)

Manuel Felismino corre em busca de seu cavalo Rosilho pelo mato adentro. Encontra e assusta um grupo de jovens que estavam recolhendo lenha. Uma delas perde-se de suas companheiras e assustada abandona seu molho de lenha na corrida. Esta era, por coincidência, a Chiquinha Dutra a quem o roceiro fazia a corte sem sucesso. Manuel, emocionado, recolhe a lenha e leva o molho até à casa dela. A mocinha, no dia seguinte, ao dar com a lenha, reconhece a sinceridade do rapaz e resolve corresponder ao seu

amor.

3 - A Pesca das Tainhas (PT)

É a descrição da pesca de tainhas, desde o reconhecimento do magote pelo vigia, no cimo de uma elevação na praia, o embarque das canoas, até o puxamento das redes pela areia, a divisão dos peixes e seu carregamento pela praia à luz da lua. Tudo isto serve de fundo a um caso de amor e de ciúme. Candoca, linda roceirinha, noiva de Zé de Sousa, patrão de redes, namora um rapaz da cidade. O noivo preterido, ao final do conto, agride e bate severamente no rival.

4 - A Última Forrada (UF)

Num engenho - o do Rosas - cumpre-se um ritual. Quinhentos alqueires de mandioca são reduzidos a farinha, envolvendo a vida de diversas famílias. Neste cenário, Mariquinhas, camponesa formosa é seduzida sobre um montão de farinha, pelo afoito Manuel Rita, outro camponês.

5 - Na Ilhota (MI)

Manuel Lemos, capitão do navio Estrela, volta à sua terra depois de longo tempo em que viajava pelas costas da África. É noivo de Mariazinha, filha do João Monteiro, em cuja propriedade se festeja, com todos os rituais, a noite de São João, com a presença de amigos, parentes e vizinhos. Manuel Lemos, porém, decepciona os presentes. Impressionado por uma prima da noiva, Guiomar, deixa Mariazinha de lado, inconsolável. A festa termina com um desmaio da moça preterida o que leva as duas sogras, a mulher do Monteiro e a Clara, mãe da Guiomar a engalfinhar - se, lançando-se injúrias cara a cara.

6 - Os Bois Chucros (BC)

É noite. Um grupo de moças plareja a ida ao "terço" na vizinhança. Estão, porém, com medo de andarem sozinhas pelos caminhos escuros e desertos em meio a pastos e matos. Além disso há bois chucros pela redondeza. Em vão esperam companhia masculina, até que resolvem aventurarem-se sozinhas. Sebastião e Vicente, dois moços, metidos a molecagens, ao perceberem de longe o grupinho, escondem-se a fim de lhes pregarem uma peça. Quando as meninas passam pelo pasto do Constâncio, onde deveriam estar os bois chucros, eles simulam uma algazarra, gritando que os animais estão vindo. Elas, assustadas, precipitam-se dentro de um pequeno rio. Da casa do terço, que era perto, vem o socorro. Estão as vítimas enlameadas e arranhadas pelos espinheiros. Alguém, vindo do mar, parte a cavalo atrás dos rapazes que fogem entre as canas para não apanharem, às gargalhadas.

7 - A Vela dos Náufragos (VN)

Maria Virgínia é a esposa de um marinheiro, o capitão Siqueira, que tarda a voltar. Com dois filhinhos novos e três anos de casamento, já não é mais a beleza que fora há tão pouco tempo, em solteira, famosa em todo o Inglês. Mas chega a notícia do naufrágio do Espadarte - o navio em que embarcara o marido. Chegam os náufragos, e Siqueira não está entre eles. O autor descreve as cenas da casa da viúva em luto e depois da procissão da vela dos náufragos pelo lugarejo, em frente às casas.

8 - A Cabra-Cega (CC)

André, jovem lavrador, mete-se numa brincadeira de moças com o fito de levar a melhor, abraçando a mocinha por quem é apaixonado. Com os olhos vendados, conforme o jogo (cabra-cega), ele agarra e beija a velhusca mulher de Domingos Théa, o Cara Feia,

um bruto que só de um murro matava. André sai a correr da brincadeira como cão perseguido.

9 - O Velho Sumares (VS)

É a narrativa da última viagem de um velho marinheiro - Sumares. Seu navio, o Galgo, carregado de negros, é perseguido pelo brigue inglês, o Contest. Salva-se milagrosamente o Galgo de todo o fogo que lhe atira o perseguidor. Finalmente descarrega-se o navio na Ponta das Caras e o velho estabelece-se mais tarde na Arataca, onde vive cercado do carinho dos seus até morrer.

10 - História Rústica (HR)

Zé Lírio tinha sido um rapaz trabalhador até que lhe morrera a mãe. Agora é um bêbado. E bebe mais do que nunca no dia do casamento de sua ex-noiva Josephina com um marinheiro.

11 - André Canoeiro (AC)

André é um habitante típico da região. Labutando nos engenhos, levando carga nos carros de boi, é também hábil e corajoso homem do mar. Para não quebrar uma promessa à Terezinha, sua namorada, enfrenta uma tormenta em sua canoa, a Toninha, dos Ganchos até Ponta Grossa, onde deveria acontecer "o coroado". Ele acaba perdendo a canoa mas salva-se para abraçar fortemente a amada.

12 - Página Simples (PS)

Manuel Basta é um moço doente e quieto que vive modestamente com sua mãe, uma laboriosa fiandeira. Seu divertimento predileto é fazer brinquedos de cortiça, gaiolas e arapucas para gaturamos e ouvir as estórias fantásticas da ilha. Às vezes, quando se anima, ele cuida da horta ou vai à praia ajudar a puxar a rede. Mas ele

piora do seu mal. Sua mãe tenta com todos os recursos que conhece salvá-lo (rezas e mezinhas). Quando o filho morre, ela enlouquece de dor.

13 - Miss Sarah (MS)

É a estória de uma linda moça, filha de um SIR inglês que vai ao campo restabelecer seus pulmões abalados. Faz amizade com as merinas da roça. Chegando à praia, certo dia, troca olhares com Balbino, remador das redes, ruivo, forte e sardento. Entre os dois nasce um sentimento muito terno e profundo mas nunca chega a ser claramente demonstrado, tanto da parte de um como de outro. Quando a inglesa recupera completamente a saúde, parte para a cidade com o pai e os dois despedem-se apenas de longe.

14 - Separação (S)

Josefina e Tomé formam jovem casal em dificuldades. Perderam suas canoas, sua mandioca apodrecera toda com as chuvas, seu cafezal que fora queimado pela geada, o gado vendido, o sítio, o ergenho e a casa, tudo hipotecado. Agora Tomé estava deixando tudo aquilo para tentar a vida em outro lugar. A esposa e os três filhinhos ficavam. Eles sofrem com a separação.

15 - À Beira-Mar (BM)

Encontro de namorados à beira-mar. Descrição de paisagem marítima do Desterro - centro.

16 - Na Roça (NR)

Cosme um roceiro ingênuo, casa-se com a Margarida. Mas ela não lhe é fiel. E um dia, quando o moço sai a pescar, ela o abandona de vez por um mascate italiano. Cosme, então, dá em beber e um dia quando seu rival aparece pela redondeza, ele embrutecido

pelo álcool, mata-o a facadas.

17 - Mar Grosso (MG)

Isidora, mulher de Manuel Porto, com mais duas companheiras, está a tirar mariscos entre as pedras. Vem um vagalhão "solteiro", imenso e carrega as três. Isidora ainda luta, mas sucumbe à vista do marido e de todos.

18 - O Alemão Doido (AD)

Descrição da morte de um louco durante uma tempestade.

19 - Núpcias Marinhas (MM)

João e Rosinha vão casar. Mas não há igreja no arraial da Ponta Grossa. A mais próxima fica em Santo Antônio, à margem esquerda do Ratoles. O povinho vai sempre até lá por mar para realizar casórios e batizados. Desta vez, porém, a viagem foi trágica. O padre tardou em Santo Antônio. Enquanto esperam por ele, o tempo radioso pela manhã muda e um rijo temporal alcança o cortejo na volta. Morrem os noivos e as damas de honra.

20 - Romance de um Rapaz (RR)

Américo deixa a noiva e os pais no ambiente modesto da ilha, para tentar a vida na cidade grande. Parte de navio para o sul. Lá, ele rapidamente se estabelece. Correspondia-se diligentemente com a família e por isso sempre tinha notícias dos seus. Mas um dia estas notícias cessam. E por mais que ele escreva ninguém lhe responde. Bem mais tarde, uma carta estranha esclarece tudo. Seus queridos estavam mortos. Só anos mais tarde é que ele pode voltar à sua terra e saber como tudo realmente tinha acontecido.

21 - A Bordo do Steamer (BS)

Descrição da partida de um navio.

22 - Manhã na Roça (MR)

Descrição de uma paisagem do interior da ilha de SC.

23 - Canção Slava (CS)

Um moço melancólico durante uma viagem marítima, à noite ouviu uma canção maravilhosa cantada por uma misteriosa moça estrangeira.

HISTÓRIAS RÚSTICAS

1 - A Volta ao Lar (VL)

O jovem Luiz Gandra foge do recrutamento de soldados para a Guerra do Paraguai e embarca em navio baleeiro para regiões antárticas. Deixa, porém, na terra catarinense a noiva Clarinda, em dificuldades. Depois de dez anos de viagens, homem feito, ele volta. Clarinda fiel, esperou por ele. Trabalhou no campo, criou o filho e o acolhe mansamente.

2 - Em Busca de Ouro (BO)

Era o tempo da fundação da capitania de São Vicente por Martin Afonso por volta de 1530. A bordo da caravela Senhora da Bonança, João e Luiz Vilhena, tio e sobrinho, pescadores de Ericeira, partem de Lisboa para o Brasil. Trabalham a bordo pela passagem. São quarenta e três dias de viagem. Chegando a São Vicente, embrenham-se pelo mato adentro em busca de riqueza, numa aventura que durou oito anos mas que se mostrou inútil. Por fim eles não querem mais nada senão voltar para sua terra. Cansados, roupas em frangalhos, a visão do oceano à sua frente lhes causa uma alegria infinita.

3 - O Chimpanzé Marinheiro (CM)

Descrição da visita de um jovem (Victor Vasques) a um navio britânico em companhia de dois amigos ingleses, onde ele se emociona com a beleza do próprio navio em si, com a graça de uma jovem loura filha do comandante e com o pitoresco de um velho chim-

panzé amestrado que parecia ter sentimentos humanos.

4 - Marujos (M)

Após dois anos e oito meses de viagem pelos mares do mundo, a bordo do *Águia*, os marinheiros estão chegando a sua terra. Arrumam alegres seus apetrechos pessoais e pequenas lembranças para os entes queridos. Um deles, porém, está triste. É o piloto. Num dos portos uma carta lhe notificara a morte da mãe.

5 - A Filha do Faroleiro (FF)

O narrador, acompanhado de um colega de repartição pública, motivados por uma missão de trabalho, partem da cidade do Desterro num barco à vela rumo ao Farol dos Naufragados. Estava o narrador curioso em rever a filha do faroleiro, Rosália que conhecera há alguns anos e o impressionara com sua beleza. Quando chegam os amigos e iniciam seus trabalhos (inventário do material do farol) tomam conhecimento da tragédia que se abatera sobre a família do faroleiro. Rosália, que perdera o noivo num naufrágio, enlouquecera e seu pai morrera enfraquecido pelo desgosto deixando na orfanidade mais alguns filhos ainda pequenos.

6 - Conto de Natal (CN)

É véspera de Natal na terra catarinense. Dois meninos, Cosme e Manuelzinho, filhos de uma viúva pobre, a Sabina, estão a caminho do engenho do velho Albino Pacheco, a fim de buscar açúcar e farinha para o gasto da casa. Sua mãe preocupa-se pois eles tardam em voltar e sai a procura deles. Vai encontrá-los junto ao presépio, na casa dos Rufino, uma família mais abastada que festejava o Natal.

7 - A Volta das Velas (VV)

Descrição da volta dos pescadores à praia com seu peixe. Eles são aguardados ansiosamente pelas famílias. Um deles, Pedro, com sua canoa Borboleta, atrasa-se muito e faz com que sua esposa Maria Rosa fique preocupada, imaginando um possível desastre.

8 - O Dia de São João (DSJ)

O narrador recorda o passado, lembrando a tradicional festa de São João, na casa de seus pais, no Desterro-SC. Predomina na narrativa, a presença de Clemência, uma mestiça, ex-escrava, que empregada de sua mãe, era uma figura sem igual, tanto no pitoresco de seu físico masculinizado e feio, quanto na competência de seu trabalho e na brandura de sua alma.

9 - Triste Carta (TC)

Lucas é um marinheiro quieto e tristonho que não acompanha os outros em suas aventuras pelos portos em que desembarcam. Está apaixonado por uma moça de sua terra, Laura, da qual tem notícias apenas por cartas de sua mãe. Depois de longos meses de silêncio, uma destas cartas comunica o casamento de sua amada com um comandante de navio.

10 - No Meu Sítio Natal (MSN)

Depois de quinze anos de ausência, o narrador revê sua terra natal, sua velha casa. E descreve como lá acontece a festa do Divino Espírito Santo entre a gente simples do lugar.

11 - O Pequeno de Bordo (PB)

A bordo do veleiro "Gaivota" acontece uma pequena tragédia. Pedrito "moço da câmara" deixa cair por sobre a amurada a gaiola com seu canário belga e na ânsia de recuperá-lo, atira-se ao mar.

12 - O Noivado (ON)

Descrição da passagem de um cortejo nupcial na roça, à noite.

13 - No Mar (NM)

O narrador, a bordo de um navio, avista a paisagem de seu torrão natal e relembra tempos passados.

14 - À Luz das Estrelas (LE)

Enquanto todos dormem, Eugênia, embora comprometida com um roceiro, foge da casa no sítio com um rapaz da cidade. Atravessam furtivamente o mato e embarcam na praia numa canoa tripulada por negros. Olhos estranhos os espreitam. É Vicente, amigo do noivo da moça que está em casa doente. Ele grita e os insulta. Mas nada impede os amantes de seguirem seu destino.

15 - O Navio Negreiro (NN)

A bordo do brigue carregado de africanos, o médico encarregado sugere ao capitão van Koek que se faça música para a diversão dos negros a fim de diminuir a mortalidade e possibilitar mais lucro ao empreendimento.

16 - Enterro no Sítio (ES)

Descrição do enterro de uma criancinha órfã numa paisagem de campo.

17 - Pássaros Marinhos (PM)

Paisagem marítima. Armando e Laura observam o pôr-do-sol numa chácara em Icaraí-R.J.

18 - Velha Paixão (VP)

Israel é um jovem valente que sabe lidar com os animais. Sabe domar um potro chucro e manejar um "boi na vara". Há festa na "Rua Velha", com terço e fandango. Ele **hesita** em ir pois está brigado com a namorada Aninhas. Julião seu amigo o convence e ele faz bela figura, lançando e tolhendo o boi chucro. À noite, depois da reza, fala com a moça. Dançam a noite inteira e reatam o namoro.

19 - No Litoral Catarinense (LC)

Descrição da paisagem marítima, ao sol poente.

20 - No Caminho da Fonte (CF)

À tardinha, Luiza, uma mocinha da roça vai buscar água na fonte e na volta encontra seu namorado José.

21 - Na Bretanha (NB)

Uma jovem, Madalena, acompanhada de uma preceptora passeia, à noite, visitando lugares históricos. A luz do luar vem-lhe ao pensamento todas as tragédias do passado, quando mártires são sacrificados em nome da fé. Às margens do rio Auray, ela vê o monte de Loch e a iluminação da pequena cidade bretã de Sart'Anna.

22 - O Velho Professor (VP)

José Theodoro Burlamaqui era um velho professor primário da freguesia do Irajá, durante quarenta anos. Por ocasião da assinatura do decreto de seu jubileamento, seus antigos alunos lhe prestam uma original homenagem, reunindo-se primeiro em passeata, depois em sala de aula, revivendo os velhos tempos.

23 - Às Ave-Marias (AM)

Uma mulher, esposa de pescador, tendo ao colo uma criança contempla a paisagem marítima.

24 - Por um Caminho d'Arraial (CA)

Descrição de paisagem campestre (menção simbolizando a República e a Monarquia).

25 - A Morte do Domador (MD)

Reúne-se o povinho da freguesia e da redondeza no pasto do Manuel Luiz para a domaçaõ de potros chucros. Miguel, um jovem campeiro dos zimbros e que vinha de pastos do Rio Grande e da região serrana catarinense, ia montar um potro zebruno de três anos que um senhor proprietário de sítio, Alexandre Bastos, comprara na véspera. O moço que naquele domingo viera ver a noiva Luizinha, fora logo contratado para dar-lhe o primeiro repasso naquela manhã. Mas não foi feliz. Após demonstrar que de fato corhecia o seu ofício, foi jogado pelo potro numa íngreme e pedregosa ladeira, morrendo em seguida.

CONTOS DE AMOR

1 - Marinaro (M)

Os Viscondes de Vilar celebram em seu palacete o aniversário de seu casamento. Está presente à festa o ex-noivo da Viscondessa, Carlos, que estivera viajando por dez anos no mar. A senhora relembra os velhos tempos tocando ao piano uma "romanza" de nome "Marinaro".

2 - Supremo Adeus (SA)

Sofia é filha de um conde polonês que refugiou-se no sul do Brasil por causa de problemas políticos em sua pátria. Quando o pai resolve viajar para a Europa ela se entristece pois já ama a nova terra e está apaixonada por um rapaz da região, Affonso, comandante de um pequeno cruzador. Ela embarca sem ver seu apaixonado. Mas nos últimos instantes ele chega num barco para uma emocionante despedida no convés do navio.

3 - Painel Medieval (PM)

É a estória de uma princesa da Idade Média, adorada em silêncio pelo seu pajem. A frota de um duque germânico aliado da Escócia e que vinha de uma batalha perdida contra os ingleses naufraga ante o palácio da princesa que o acolhe e com ele se casa. Mas um dia ele parte por mar para novas lutas. E ela fica novamente só com seu pajem cujo amor ignora e que se alegra em

segredo.

4 - O Velho Couraçado (VC)

Cessava a violência da Guerra Civil e voltavam a Niterói as famílias que se tinham asilado em sítios no interior. O Barão de Sant'Ana, também trazia de volta seus familiares para sua bela e recém-reformada casa. À noite já recebem visita e em meio à festa, ao som de uma música que lhe recorda o noivo que desaparecera durante a Revolução, Círtia, uma das filhas da casa, olhando o mar, avista ao longe, as ruínas do couraçado "Sete de Setembro" no qual servia seu amado.

5 - Natal no Mar (NM)

Após longa viagem, a tripulação do navio comandada pelo velho Capitão Soeiro está satisfeita pois chegaria em casa justamente na noite de Natal. Infelizmente um temporal afasta o navio da costa e todos passam a noite do aniversário de Cristo no mar onde comemoram com repiques e hinos festivos.

6 - Galáxia (G)

Uma figura feminina de um balcão de palácio antigo contempla a paisagem marítima. A lua nasce do mar lentamente. De súbito ela se movimenta nervosamente. Divisa ao longe uma vela de navio que se aproxima e vem dar finalmente à praia em frente. A mulher então sai pelos portões, partindo a embarcação para além, no mar Mediterrâneo.

7 - Poente (P)

Paisagem marítima. O narrador junto de sua amada, contempla o pôr-do-sol no mar.

8 - O Palácio do Rei Luiz (PR)

O narrador, passeando por lugares pitorescos do Desterro (S.C.) encontra um velho amigo que lhe conta a história de um palácio que começou a ser construído num recanto ideal da paisagem, cujas obras foram, porém, abandonadas. Um rei da Baviera o mandara edificar, mas não o pudera terminar pois deixara o trono antes disso.

9 - A Gaivota Azul (GA)

George Dinger, um brasileiro, descendente de americanos, ama Miss Anne, a filha do capitão irlandês Thomas Reider do navio Farewel que se dedicava à pesca polar. Um dia, encalhados num iceberg, o rapaz fere com sua espingarda uma gaivota e leva-a à moça que trata dela com carinho. O fato serve de pretexto para o marinheiro aproximar-se da moça e entre os dois nasce um romance. Um dia, quando o navio já deixava o hemisfério polar, a gaivota já curada foge, deixando a moça inconsolável.

10 - A Sonata ao Luar (SL)

O narrador é hóspede de uma família de origem alemã numa casa à beira do histórico Rio Itajaí em Blumenau. Depois de um jantar festivo, os convidados ao terraço, contemplam a paisagem. No salão, a filha da casa toca ao piano "Sonata ao Luar" de Beethoven e o narrador, inspirado na moça e em seu louro namorado imagina o cenário e uma velha estória de amor medieval.

11 - Natal (N)

O narrador chega de navio à cidade de Joinville. Lá é recebido por uma família teuto-brasileira que o hospeda em sua casa e faz com que ele presencie a comemoração de um Natal tipicamen-

te europeu.

12 - A Primeira Entrevista (PE)

João Valente ama Rosinha, filha do abastado lavrador Estevão Santos que o detesta. E marca encontro com ela na casa de uma tia. Enfrenta mil dificuldades, escondendo-se de todos, para chegar até lá à hora combinada. Mal acaba de pisar em casa dela, porém, é o próprio e temido Estevão que se anuncia. Na ânsia da fuga o Valente fica desorientado e chega a esbarrar no futuro sogro, derrubando-o ao chão. Mas escapa sem ser reconhecido.

13 - TirunnaI (T)

É a estória de Maktu, um brahmane que mata por vingança o seu Rajah, de quem era conselheiro e confidente, mas que tentara seduzir sua jovem e bela esposa Damayanti. Após doze anos de exílio e de purificação que ele mesmo se impusera, segundo os ritos do seu povo, ele volta. E em plena praça de Chah-Limar onde se avistava o Ganges ele reencontra a esposa. Juntos resolvem morrer sob as rodas colossais do carro do terrível Jagrenat, a torre sagrada dos brahamanes, o TirunnaI, entregando suas almas ao seu deus Varuna, em sacrifício supremo.

14 - Abandonado (A)

Durante um temporal a bordo cai ao mar um cabo-marineiro que com outros companheiros estava ferrando as velas de proa. Fazem o possível para salvá-lo, inutilmente. Quando o furor das ondas diminui e o nevoeiro desaparece, eles avistam ao longe, bem atrás um pequeno ponto. É o pobre homem que já não pode mais ser salvo. O capelão com um grande Cristo nas mãos faz uma prece ante os companheiros desolados.

15 - A Héctica (AH)

O narrador via diariamente uma jovem doente passear acompanhada pelo pai, sob as árvores copadas do arrabalde. Um dia, ela não vem, mas passa um cortejo fúnebre e ele adivinha sua morte.

16 - Velada (V)

A bordo do Itaoca viaja uma linda moça triste com a face sempre escondida por um véu. Um dos passageiros conta sua história. Ela perdera seu noivo amado e viajava do Rio Grande para o Rio de Janeiro para distrair-se.

17 - Última Lembrança (UL)

O narrador despede-se de sua amada que parte de navio para longe. Ela entrega-lhe como lembrança uma madeixa de seu cabelo num envelope.

18 - Nerah (N)

O narrador apaixona-se por uma belíssima mulher e a vê adoecer e morrer lentamente.

19 - A Chuva (AC)

O narrador espera para um encontro íntimo a amante que tarda, num dia chuvoso.

20 - Idílio no Mar (IM)

A bordo de um pequeno navio (polaca) a personagem avista uma embarcação a vela (um cutter) que vai se aproximando. Ele então divisa à sua balustrada um jovem casal apaixonado.

21 - História de uma Gaiota (HG)

O narrador conta a respeito de uma criancinha inglesa que

falava de uma gaivota domesticada e amiga que morrera, a qual ele compara à sua musa inspiradora.

22 - O Mar (OM)

Entristecido pela morte da mulher que ama o narrador contempla o mar e com ele conversa, comparando-o a um ser pensante.

23 - Galé da Dor (GD)

Maurício é um moço educado e de boa origem portador de uma doença hereditária terrível e deformante que o obriga a viver em reclusão. Ele ama em silêncio uma linda moça de suas relações. À medida que sua doença se agrava, mais profundo se torna seu sentimento. Um dia ele avista de sua janela um cortejo nupcial. A visão de sua amada vestida de noiva o leva ao desespero.

24 - Tzar (T)

O grande soberano temido e todo poderoso tem duas faces: a que mostra ao povo, prepotente e insensível e a que mostra em seu lar, amorosa e quase humilde. Recebendo com toda pompa em seu palácio, ele anseia a volta à doce amada e aos filhos, quando a grande catástrofe enfim acontece.

25 - Em Viagem (EV)

É a estória de uma moça catarinense, Ondina, cujo destino se realiza num navio do mesmo nome. Filha de capitão, em viagem, ela apaixonou-se por um bravo marinheiro, velho amigo de infância, o piloto Carlos Valle que levado pelas circunstâncias chega a prometer-lhe casamento. O rapaz, porém, já amava outra moça de nome Dolores, que conhecera em Barcelona enquanto lá estudava e se arrepende imediatamente de ter iludido Ondina. Descarregando-se o navio no porto de Buenos Ayres, Carlos tem

notícia da espanhola. Ela viera da Europa para encontrá-lo. E o seu coração fala mais forte. Abandona seu posto no navio e a moça, sem explicações e vai procurar a outra. Prosseguem então a viagem sem ele. Ondina, com o coração ferido, num dia de vendaval, deixa-se cair ao mar.

NAS ONDAS

1 - Terrível Blasfemia (TB)

É a estória de um navio a vela sem igual, modelo de construção naval mercante - o Lima I - comandado por um homem também sem igual, que num momento de emoção, profere uma blasfemia e é castigado duramente. Ele viajava com a família e levava passageiros e carga de São José do Norte a Porto Alegre. Pressionado por seus compromissos comerciais, ele desafia um temporal, levantando âncora em meio ao mau tempo, correndo a Lagoa dos Patos.

2 - A Canção das Gaivotas (CG)

Romance entre uma mocinha da terra catarinense Regina e um marinheiro Leão Magno. Ele a conhece desde menina. Um dia, num fandango depois do "terço" em que ele era a suprema atenção das moças, os dois compreendem que nasceram um para o outro. É feito o pedido de casamento e marcada a data. Realizadas as bodas, parte o casal no navio "Boa Sorte" enfeitado e embandeirado em arco.

3 - No Mar de Ouro (MO)

Cnéio Lutácio é um romano que se tornou corsário e que luta agora contra aqueles que em sua terra o tinham abrigado do exílio. Sua máxima aspiração é ver derrotado o governo de seu povo, então corrupto e voltar à sua Pátria. Almirante de uma frota cilícia, belíssima ricamente ornada e extraordinariamente possante, ele vive vitória após vitória sobre os romanos. Numa destas vi-

tórias, a de Brundísio, ele rapta sua amada Lódia. Antônio que é tio do Marco Antônio, o que mais tarde viria a ser o braço direito de César, era seu inimigo político e noivo de Lódia e quer vingança. Arma com muito sacrifício uma frota e sai a perseguir Lutácio. Mas este é bem mais poderoso. Sua enorme armada que se perde de vista mar afora, vence Antônio que finalmente cai sob o punhal de Lutácio numa luta corpo a corpo.

4 - Natal a Bordo (NB)

Braz Romano era o capitão do Feliz, brigue de carga e passageiros que fazia rota Recife-Rio Grande do Sul. Catarinense, descendente de açorianos, criado em navio, casado com uma moça de origem alemã trazia sempre a família a bordo. Tinha três filhos. O narrador descreve a comemoração do Natal em alto mar, no seio desta família, segundo os rituais germânicos.

5 - Tristão e Isolda (TI)

Reprodução de uma lenda medieval. A loura Isolda é a noiva prometida do rei March da Bretanha, o qual manda seu sobrinho Tristão ao Condado da Suabia para buscá-la. Os dois jovens tomam por engano o filtro do amor que a mãe da moça tinha preparado para os noivos e se apaixonam. Apesar disso Isolda torna-se rainha. Tristão parte para longe. Um dia, na Turíngia, ele encontra outra moça, que por coincidência também se chamava Isolda. E casa-se com ela. Mas não esquece a outra e adoece gravemente. Sentindo que está para morrer, pede para seu amigo, o marinheiro Gael, que vá a sua terra e lhe traga a rainha. Ela vem, mas o infeliz morre antes de vê-la. Unem-se, porém, os dois na morte pois ela se suicida.

6 - A Bandeira (AB)

Durante o movimento federalista contra o Marechal Floriano, o marinheiro João Leandro caboto de vinte anos, morre heroicamente pela bandeira revolucionária.

7 - Mártir Cristã (MC)

Inspirada por um maravilhoso quadro de hábil artista, cujo motivo é a morte de Lecênia, uma jovem de dezoito anos que morrerá por sua fé, uma pessoa divaga e percebe um novo caminho para seu idealismo.

8 - A Bordo do Livádia (BL)

D. Pedro II viaja para a Europa no Mar Negro no iate do Tzar Alexandre III, o Livádia. Está com eles o Almirante Joaquim Raymundo de Lamare.

9 - Durante o Bombardeio (DB)

É o tempo da Revolução Federalista contra o governo do Marechal Floriano Peixoto. Madalera, filha do Marquês da Graça, é noiva de um oficial do Aquidaban, o couraçado, sob a chefia do contra-almirante Custódio José de Mello que estava para atacar as forças legalistas da barra entre o Catete e o Botafogo. A moça do alto da propriedade de seu pai, cujos jardins são invadidos pelo povo, assiste cheia de angústia ao bombardeio.

10 - Miragem Oceânica (MO)

A fragata "La Belle Poule" e a corveta "Le Berceu" da divisão francesa da Índia, partem do porto de São Deniz, uma das ilhas do arquipélago de Mascarenhas. No Oceano Índico, rumo a Porto Luiz em Madagascar. Sofrem uma tempestade horrível e somente a fragata chega ao seu destino. Um mês depois no porto de reunião da frota,

a bordo da nau capitania, o vigia grita que um navio desarvorado se aproxima. E todos os marinheiros exultantes, ficam observando. Porém, logo em seguida, já não é mais um navio que enxergam, mas uma enorme jangada apinhada de náufragos. Uma embarcação vai em seu socorro, mas ao aproximar-se deles, os tripulantes percebem que aquilo era apenas ramos de árvores flutuantes.

11 - Milagre de Maio (MM)

O narrador, impressionado por uma bela moça estrangeira que vira apenas uma vez, reencontra-a numa manhã na Igreja e com ela troca apenas um olhar de segundos. Ela parte, em seguida, em viagem marítima para a Europa, deixando-o imerso naquele profundo amor espiritual.

12 - Ano Bom (AB)

Impressões, considerações subjetivas por ocasião da passagem do 1º dia do ano de 1906, no Rio de Janeiro.

13 - Flor do Mar (FM)

A última viagem de um marujo, Manuel Fontes, em sua velha barca "Bom Destino". Um vendaval faz com que se perca no mar, sua úrica filha Ruth.

14 - Sol de Outrora (SO)

Viriato Vidal é um catarinense que se ausentou por vinte anos de sua terra natal. Vem visitá-la agora, a bordo do navio "Sírio", em companhia de personalidades da época, a quem durante a viagem conta fatos de sua vida e de sua terra. A certa altura da viagem, depois de uma chuva e nevoeiro, desponta radioso o sol, ele o reconhece radiante como parte da paisagem de sua juventude.

15 - O Pescador de Esponjas (PE)

Johannis Zambetta é um grego que se estabelece na Tunísia e enriquece pescando esponjas. Quando está para casar, morre atacado por tubarões, numa pescaria.

16 - Wolf, o Nadador (WN)

Jappy Wolf é um milionário inglês, noivo de uma aristocrática e mimada jovem da sociedade londrina. Incentivado pela moça, ele aceita o desafio de atravessar o Canal da Mancha a nado.

17 - O Amor de Garibaldi (AG)

Anna Maria Bento Ribeiro, jovem catarinense de Laguna, no tempo da República Juliana, encontra um jovem italiano, então "capitano" do mar de República Riograndense. Em meio aos acontecimentos históricos, eles se amam e decidem sua vida.

18 - Mar de Rosas (MR)

Victor Valle visitara sua cidade natal Florianópolis que não via há vinte anos e lá permanecera apenas duas horas. Está a bordo do navio "Orion" que vai deixando a terra para trás. Triste e melancólico, deixa-se impressionar vivamente por uma lindíssima e inteligente moça gaúcha a quem compara à deusa Vênus.

2. Textos de crítica a Virgílio Várzea

(3)*

Mais de uma vez temos significado o nosso apreço ao poeta catarinense reproduzindo em nossas colunas as vibrações de sua lira inspirada. Exigentes como somos na transcrição do alheio, a publicidade de seus versos importa um culto de respeito ao seu brilhante talento.

Achiles Porto Alegre

(Recorte do Jornal do Comércio de Porto alegre, junho de 1884).

In: Centenário do Marinista, Guanabara, Ed. Alba, 1964
pg. 89.

* A numeração destes textos confere com a das notas referentes ao primeiro capítulo.

(6) OURO E PEDRARIAS

" As Miudezas " são um livro superior; adorável, primoroso e extasiante, constelado de surpresas de imaginação, matinal e festivo como se uma eterna aurora iluminada e perfumosa, cantasse e risse pelas páginas afora.

A palavra, a verve, a graça, a elegância, a gentileza e a delicadeza das imagens, lembram um rio de ouro fluido, sutil e límpido, que se desenrola pelos meandros do livro em ondulações suaves; rio, em cuja face sonora, um sol, um sol de vitória derrama rubis, topázios, esmeraldas e berilos da refrangibilidade dos seus venábulos cintilantes.

Sente-se o vigor, o enseivamento de uma natureza literária muito sistematizada, decidida e pertinaz no trabalho.

Nesta hora em que a preguiça mental tornou-se quase geralmente uma crise, é bom, é consolador ler-se um livro sincero, novo, escorrendo psiquismo, cheio de alma; faz-nos bem, tonifica-nos completamente a vida.

Cruz e Souza

(Recorte do Regeneração do Desterro, abril de 1887).

In: Centenário do Marinista, Guanabara, Ed. Alba, 1964

pg. 90.

" Virgílio Várzea é um dos mais fecundos dos nossos escritores moços. O seu poder de imaginação é notável. Uma só paisagem inspira-lhe às vezes meia dúzia de descrições novas, em que, conservando a única e mesma impressão, a sua alma encontra um sem número de efeitos - sempre transportados para o papel com um vigor excepcional, fundamente comunicativo ... As suas marinhas - telas vastíssimas ... - têm uma vida intensa, sentida, apanhada em flagrante por quem sabe observar ... A existência rude dos marujos e dos pescadores é narrada neste livro por quem a viu e estudou de perto ... Vê-se bem que o autor dos MARES E CAMPOS não é um contador de casos sonhados, mas o historiador da sua terra, dos usos e costumes do seu povo. E esse é o principal merecimento do seu belo livro ..."

Olavo Bilac

Jornal do Comércio, Rio, 6 de outubro de 1903.

(8) LIVROS RECENTES

Mares e Campos

Por Virgílio Várzea

Há muito tempo que na literatura pátria não aparece um livro tão encantador, tão profundamente brasileiro e tão artístico como a recente publicação do Sr. Virgílio Várzea, que tem o significativo título de "Mares e Campos".

Trata-se de uma coleção de contos, escritos com estilo colorido, amplo por vezes, sempre porém burilado e digno de atenção.

Francamente gostamos das novelas marítimas, porque é um ar novo que se respira ao ler-se uma composição trabalhada com vigor, maestria e originalidade, predicados que nenhum escritor nacional, em assuntos marítimos, possui como o Sr. Virgílio Várzea. Suas marinhas são tratadas a largo fôlego, quase diríamos: por um profissional ... tal é a justeza do emprego dos termos técnicos.

Longe das estafadas fórmulas com que de ordinário se exploram as urdiduras domésticas, que desalento causam-nos as viciadas alcovas e as acanhadas salas onde se acoutam e por onde desfilam personagens cujas criações só podem deleitar, quando postas na cena do romance e do conto por um Edmond Goncourt, por um Eça, por um Hugmans, por um Machado de Assis ou por esse pobre Maupassant!

No livro do Sr. Várzea há vastas e salutareas paisagens, em que se desdobram a opulência das nossas florestas, a verdura das nossas campinas, o brilho da areia das nossas praias. Ou então as cenas passam-se em pleno mar alto e surgem esses vultos atléticos, cuja robustez causa inveja e cuja coragem e valentia causam orgulho a nós brasileiros.

O assunto é difícil de ser trabalhado, e a prova é que não são todas as grandes literaturas que têm possuído especialistas no gênero, que é, entretanto, dos mais comoventes, originais e saborosos.

O Sr. Várzea tem a capacidade de delinear esses lobos do mar que fizeram a glória literária de Cooper e de Eugênio Sue, maneira antiga, mas que nos parece superior ao doentio impressionismo, de Pierrri Loti que apresenta os seus marinheiros como verdadeiros vencidos da vida, fracos, eternamente saudosos e chorados pelas suas amantes ou mães.

É preferível a grosseira poesia insólita das páginas de Sue e Cooper, em que palpitam cheias de vida as proesas de um Flinder, dos dois almirantes, do capitão Kernock, do comandante Pedro Huet do capitão Tom ...

Aquele "Velho Sumares", do Sr. Várzea, não fica inferior, em nada, às mais felizes páginas desses mestres estrangeiros.

Gazeta da Tarde, Porto Alegre, 30 de maio de 1895.

(9) DRAMATIZADOR E COLORISTA

A publicação dos "Mares e Campos" foi um belo serviço prestado às letras nesta época de desânimo e abstenção, porque Virgílio Várzea é um artista primoroso, com grande talento de fatura e as suas páginas têm um saboroso travo de naturalidade e de sentimento ...

Os contos que figuram neste volume atestam exuberantemente uma aptidão pouco vulgar de dramaturgo e colorista.

Eduardo Salamonde

(Recorte do Arquivo Particular do autor, do Jornal "O Paiz", Rio, 1895.)

In: Centenário do Marinista, Guanabara, Ed. Alba, 1964
pg. 92.

(10) NITIDEZ DA FIGURA

O cenário da paisagem do oceano lhe seduz a imaginativa absorventemente; muitas das suas descrições se revestem da penetração espiritual com que Loti se compraz em representar, nos livros, os aspectos da natureza dos países onde a sua fantasia o levou.

Se não nos enganamos foi Lemãitre que apreciando o gênio de Renan escreveu que na alma deste velho bretão se irradiava não só o amor pelas lendas de sua terra natal como a adoração pelos feitos do passado, e dos pastores da Heladia.

As qualidades de observador na representação colorida dos tipos humanos e vulgares, Virgílio Várzea a exemplo dos pintores costuma facilmente esboçá-las.

Descrivendo o capitão Thomaz Reider, da "Farwell", emprega todo o fulgor para nitidez da figura ...

Leopoldo de Freitas

(Artigo sobre o aparecimento dos Mares e Campos em 1895).

In: Centenário do Marinista. Ed. Alba, Guanabara, 1964, pg.94.

(11) ÍNDOLE DE ESCRITOR

Na juventude literata do nosso país e que fez do Rio de Janeiro o núcleo da produção de seu engenho, Virgílio Várzea tem feito um nome festejado.

É um escritor talentoso e muito dedicado ao trabalho da imprensa.

Nascido em terras do Sul, na capital de Santa Catarina desenvolveu-se contemplando o Oceano.

Atribuiremos, em parte a esta encantadora visão que encheu o tempo da sua infância o gosto que nas letras logo manifestou pelas vicissitudes da vida maruja e o apreço às cenas pitorescas das águas e das praias.

Sua frase leve e singela se desdobra em estilo para descrever a florescência das ilhas, a rigidez dos penhascos, o fulgor dourado de um chão de areia, a flutuação das algas e a majestade da ondulação das vagas.

O cenário da paisagem do oceano lhe seduz a imaginativa absorventemente; muitas das suas descrições se revestem da penetração espiritual com que Loti se compraz em representar, nos livros os aspectos da natureza dos países onde a sua fantasia o levou...

Se não nos enganamos foi Lemaître que apreciando o gênio de Renan escreveu que na alma deste velho bretão se irradiava não só o amor pelas lendas da sua terra natal como a adoração pelos feitos do passado, e dos pastores da Helladia.

A influência do meio, as primeiras impressões recebidas na infância atuam sempre sobre as faculdades criadoras, nos artistas.

No rigor das suas análises, a ciência já constatou essa manifestação das qualidades ou do temperamento dos homens de letras.

Definem-se tendências intelectuais, evidenciam-se caracteres, manifestam-se psicologias, tudo conforme as origens humanas, os sentimentos e muitas vezes as condições que determinam o escritor a uma natureza de produção.

Virgílio Várzea é destes que pelo temperamento e pela disposição afetivo-espiritual começou a escrever guardando a fidelidade das impressões que lhe deu a sua terra.

Ama com dedicação a beleza das águas, a sua vastidão infinda e soberba.

Denominou Mares e Campos o seu primeiro livro e depois continuou a produzir e publicar contos e novelas em que palpita a mesma impressão forte e saudável como as emanações marinhas.

Traduziu Ondina, um romance que o escritor francês Mael, também enlevado pelos atrativos do deslumbramento do oceano publicou recentemente, e no qual se descrevem situações da vida singela e laboriosa dos pescadores.

Rose Castle é a novela de uma aventura amorosa do inglês William Fison e que se passou numa praia pitoresca, iluminada pelo sol, em que os olhos se extasiavam apreciando " a planura azul do mar ampla, polida e calma, na ausência do nordeste que abrandava docemente pela tarde depois de soprar rijo toda a manhã; tinha uma larga fulguração de broquel antigo, canoas de encontro a costa; já em sombra, dos lados da terra firme pareciam imobilizadas com as velas brancas quadradas a bater contra o mastro, no seio da calmaria ... "

O colorido das árvores, as curvas dilatadas de horizontes em que o esmalte da luz, a doçura calma e argentina do luar durante as noites em que se fazem as longas travessias, esse moço escritor sabe representar com uma intuição sentimental e exata.

Maupassant, o extraordinário estilista e psicólogo do romance e da novela em França, amava fervoroso a beleza do Mediterrâneo e assim celebrizou-se na sua afeição pela vida errante das viagens e pelo espetáculo surpreendente das águas e da novidade dos continentes, cujas costas percorreu.

Virgílio Várzea para apurar as suas faculdades, fixar o gosto pelas mutações inesperadas com que o mar absorve os temperamentos contemplativos, os enamorados da miragem do sonho que na inconstância das ondas julgam rever os seus anelos e desejos mais íntimos, também necessita de empreender um desses longínquos passeios às terras ultramarinas.

Então a sua índole de artista, a sua frase de prosador elegante, o seu impressionismo se fixarão em uma forma mais ampla, em uma concepção artística e original conforme já se tem revelado

algumas vezes em escritos ligeiros, e ultimamente na interessante obra descritiva do Estado de Santa Catarina.

As qualidades de observador, na representação colorida dos tipos humanos e vulgares, Virgílio Várzea a exemplo dos pintores costuma facilmente esboçá-las.

Descrevendo o capitão Thomaz Reider, da Farwel emprega todo o fulgor para a nitidez da figura ... "um valente marinheiro de tez lisa e cor de lacre, apesar dos seus quarenta anos de lida no mar. Cruzando os mares polares durante o verão quer nas regiões boreais quer nas austrais esse gigante das vagas, desde que casara na primeira metade da sua mocidade, ativo e audacioso, encetara o comando de navios baleeiros, de onde se tiravam então, riquezas incalculáveis. As suas primeiras viagens foram em navios do Canadá, e com tal êxito se acentuavam para ele que, dentro de seis anos, passara a armar por sua conta em Foyle, na Irlanda, de onde era a mulher, formosa loura de Denegal, de forte descendência marítima, cujos antepassados tinham perecido heroicamente nas grandes expedições árticas.

Figuras da perfeição desta e quadros de aspectos e impressões não menos delicadas este prosador apresenta aos seus leitores em todas as criações da sua imaginação.

Promete para breve um volume de contos e novelas, em que se acha compreendida a emocionante história da varonil Anita Garibaldi.

No romance, tem a obra Georges Marcial, que principiou a ser publicada na Revista Brasileira, e é uma descrição colorida, expressiva e fulgurante de muitas cenas e passagens da vida política de nosso país, e dum passado ainda não remoto.

O livro de Virgílio Várzea sobre o Estado de Santa Catarina acaba de ser publicado graças à contribuição do governo local e aos esforços de alguns espíritos cultos e patriotas.

Por enquanto apareceu o primeiro tomo mas pode-se desassombradamente assegurar que se trata de uma obra completa no gênero e além disto bem escrita; com imaginação estilo e propriedade vernácula.

Apareceu por ocasião das festas intelectuais e populares do quarto centenário brasileiro.

Logo que estiver concluída a impressão do segundo tomo, tem conseguido o belo Estado catarinense uma obra descritiva de raro merecimento literário e científico.

Leopoldo de Freitas

(Artigo publicado na primeira coluna do Correio Mercantil
de Pelotas de 1º de julho de 1900.)

(12) NOVAS PUBLICAÇÕES

O incansável livreiro Sr. Pedro de Magalhães teve a gentileza de oferecer a este jornal três novas publicações, editadas pela casa H. Garnier, do Rio de Janeiro.

Constam estas edições das seguintes obras: Mares e Campos; Prosadores Brasileiros; Tratado Usual de Pintura.

Começamos pela primeira.

Mares e Campos é a segunda edição da interessante coleção de novelas e contos do escritor Virgílio Várzea, ilustre e fecundo literato sulista, que há muitos anos colabora assiduamente na imprensa fluminense, e foi um dos redatores da Revista Brasileira.

Virgílio Várzea já possui uma avultada bagagem literária e de boa fatura, pois a crítica tem louvado a dedicação pelo trabalho e a sua estética de prosador original e brilhante.

No romance produziu George Marcial, que é um estudo da sociedade e da política dos últimos tempos do regime do império no nosso país; também as novelas Noiva do Paladino, Rose-Castle, Os Contos de Amor, Tropos e Fantasias, que, se não erramos, foi o seu livro de estréia.

Publicou mais, no gênero descritivo geográfico, um valioso trabalho acerca de sua terra natal - Santa Catarina - a ilha e o continente; tem concluídas as obras históricas - Garibaldi na América, Episódios heróicos; O Falcão, lenda sobre a ilha da Trindade; algumas outras, novelas, impressões de província e um romance - A Inglesa.

O gênero que Virgílio Várzea cultiva com aptidão e muito conhecimento é o dos cenários navais; os quadros da vida rústica dos marinheiros nas praias.

Escrevesse em francês, que justamente possuiria a nomeada de Maël ou de Loti, os artistas apaixonados pela imensa monotonia do Oceano.

Mares e Campos é um dos livros mais característicos da índole deste moço escritor e prosador, cujo estilo é ameno e comunicativo; consta de vinte e três produções, contidas em duzen-

tas e quinze páginas.

São páginas que se destacam com brilho, neste livro, as dos contos e novelas intituladas: Núpcias marinhas - A vela dos naufragos - André Canoeiro - A pesca das tainhas - O mestre de redes e a mística - Canção slava, suave, ritmada como um poema de amor.

Leopoldo de Freitas

(Diário Popular, de São Paulo, de 8 de outubro de 1903.)

(13) MARINHISTA

Na atual literatura brasileira o escritor Virgílio Várzea tem o alto valor de ser um original, talentoso e elegante.

Cada um dos seus livros é uma documentação destas qualidades.

E certamente apreciando esta modalidade de sua organização foi que um crítico da Revista de Lisboa, assim se expressou:

"Este escritor tem finas marinhas. Um grande amor pelo mar fá-lo um colorista finíssimo cada vez que nos fala do mar azul e misterioso. Seria interessante ver um livro em que nos desse manchas apenas, uma linguagem fluida, fugitiva como a onda, que por vezes tem nos Contos amorosos ..."

A predileção de Virgílio Várzea pelos motivos de náutica e de impressões da marinha origina-se talvez de outra índole impressionista e devaneadora que se desenvolveu desde a sua infância na terra natal, a belíssima plaga de Santa Catarina.

Foi junto do Oceano murmurante que ele nasceu, os seus ouvidos se habituaram com as enternecidas endeixas das ondas sobre a praia iluminada de sol.

Este impressionismo lhe deu a tonalidade pitoresca do colorido das bizarras paisagens marinhas nos Contos de Amor; em Rose-Castle; nos Mares e Campos, que são lindas quadras da vida rústica e marítima; e ultimamente no Brigue flibusteiro, um encantador e singelo romance de históricos episódios dos navegantes que perlustraram o litoral americano do sul.

Todos estes livros revelam a limpidez da alma e a graça sorridente que o distinto literato não cessa de manifestar. Suas produções têm esse brilho humano, sentimental, e afetuoso, carinhosamente comunicado pelos personagens que se movimentam no cenário dos seus romances, novelas e descrições. Eis porque no conto A vela dos naufragos, pinta com estas cores a aquarela de - Uma madrugada de ouro, uma dessas maravilhosas madrugadas catarinenses no litoral atlântico; vinha resplandecendo feericamente. O céu, no alto arqueava-se todo azul, do

azul ideal e transparente de uma velha faiança holandesa. Prosseguindo a narrativa nos apresenta um ingênuo tipo de marinheiro "O Pedro, com a sua bondade de gigante, a sensibilidade incomparável e santa de todos os marujos, cujas almas vivem perpetuamente carregadas de amor, de ternura da nostalgia sem fim do Oceano, ficará logo com os seus olhos azuis mareados de lágrimas, e atarantado, num enleio, numa perturbação, mal podia dizer meigamente..."

Qualquer dos retalhos da prosa cantante que se apanhem nas pequenas novelas deste livro tem a mesma beleza de ritmo. Ao par da doçura do sentimento o novelista de A noiva de paladino, possui sobriedade no estilo.

Num dos formosos capítulos do Brigue flibusteiro, o altivo Falcão que singrava garboso para as alturas da ilha da Trindade, encontramos estes leves e felizes períodos:

"Clara, suave e alacre manhã azul de pleno mar. O sol dominava gloriosamente o Espaço derramando por tudo a sua luz meiga, ardente, acariciadora, fulva, viva, inefável. O tempo entoava, oceano fora, um largo e sereno hino de bonança. Havia uma imensa doçura sobre as velas.

A popa e a proa toda a maruja sorria satisfeita. A vida de bordo tinha agora uma grande paz, uma grande segurança, fascinando e sabendo bem à realidade."

Sentindo a poesia da majestosa vastidão do Oceano o fluente escritor nos dá em cada página uma sensação bastante nítida dos episódios e do heroísmo da vida náutica.

Trabalhador como é indefectível, ele, nos promete entre outros livros a publicar, esses que serão engenhosos e atraentes: Histórias rústicas - Impressões da província - Três novelas.

Aguardemos estas narrativas, silhuetas e paisagens de um descritivo sonoro e impressionista.

Leopoldo Freitas

(A Comarca , de Mogi-mirim, de 5 de julho de 1904.)

(14) OS "CONTOS DE AMOR"

Ainda o Amor, a grande força impulsora dos sentimentos humanos e que profundamente seduz a imaginação dos artistas para as suas imorredouras criações, foi o assunto escolhido, pelo hábil e talentoso "conteur" dos Mares e Campos, das novelas Rose Castle e Noiva do Paladino, para a confecção do seu livro de bela prosa literária.

Mais uma vez Virgílio Várzea veio confirmar o seu merecimento de prosador que sabe colorir vivamente os detalhes das suas telas de paisagem e animar com o vigor da inspiração os trechos mais impressionistas as suas faculdades de observador.

É exatamente no conto, nesses elegantes retalhos de prosa, se assim nos for consentido classificar a representação imaginosa e vivaz com que o moço e operoso escritor tanto sabe se esmerar na literatura de "tout à l'heure".

A geração literária que então estava se constituindo, poderia contar, na individualidade do moço que estreara publicando os TROPOS E FANTASIAS com uma organização de escritor forte e fecundo.

Nossa previsão parece que se deixou de confirmar, e com abundância de prova. O talento e a imaginação de Virgílio Várzea com o decorrer dos anos foi cada vez mais se manifestando em toda a orquestração do ritmo e da intensidade do seu devotamento pela arte.

Trabalhando sempre na publicidade do jornalismo deste centro de cultura espiritual, ele, fez o seu nome conhecido por todos que não costumam abrir os jornais unicamente para encontrar informações telegráficas, notícias, controvérsia política e pedidos sobre questões escandalosas e pessoais.

Amenizando as folhas diárias com a sua prosa colorida e cheia dos atavios de um bordado caprichosamente impressionista, os literatos da juvenil agrupação em que o nome de Virgílio Várzea começou a se destacar contribuíram muito para a renovação dos recursos de nossa imprensa.

Os moços escritores trouxeram para o jornal a nata vibrante

da estética do seu tempo.

Assim, não se poderá deixar de reconhecer o melhoramento da forma dessa mesma imprensa em que literariamente uma vez por semana inseria o clássico folhetim, em estilo de crônica.

Na atualidade os moços escritores servindo-se do jornal adestram-se na externação do pensamento e na plástica da arte de escrever para o público e com isto popularizam o nome por toda a extensão do país.

Faltam revistas de literatura, falta um contingente de leitores para lhes garantir a estabilidade da manutenção - mas felizmente, o jornal com o seu espírito orientado à moderna substitui as revistas.

Publicando artigos literários, contos e trechos de novela, freqüentemente na imprensa desta capital foi que Virgílio Várzea quando deixou a sua formosa e amada ilha catarinense, vindo instalar-se aqui, que é um meio de emoções mais fortes e variadas, não experimentou desânimo nem se deixou vencer pelo esmorecimento da energia moral que lhe podia inutilizar a ação.

Teve fé, como outros companheiros seus tiveram. E com a tenacidade necessária dos que desejam vencer - produziu; fez-se exclusivamente homem de letras.

Este é o maior elogio que se pode fazer a quem como ele no terreno da literatura tiver semeado com tanto labor e confiança na frutificação do seu esforço.

Nos seus contos emotivamente nostálgicos da grande poesia do Mar e dos alcantilados rochedos insulares apareceu um gênero novo para o nosso meio.

São estes contos e a bem contorneada novela EM VIAGEM que formam o volume cujo aparecimento noticiamos.

Leopoldo de Freitas

(Cidade do Rio, de 25 de julho de 1907).

O trabalho mais especial do Sr. Virgílio Várzea, Santa Catarina, é a obra de um observador erudito e sagaz que, sem pretensões à eloquência, sabe descrever o que vê em linguagem correta e límpida. Este livro acha-se muito bem delineado; o autor não descurou nenhum dos aspectos essenciais do assunto e soube dar a cada um deles a proporção e o relevo que merecia. Por isso se lê com muito interesse, e reconhecidamente agradeço ao Sr. Virgílio Várzea o prazer que tal leitura me deu, prazer que seria completo se o autor não tivesse escrito no exemplar que me ofereceu frases que, por nimiamente elogiosas e imerecidas, me deixaram uma impressão de quase tristeza.

Jaime Séguier

In: Jornal do Comércio, Rio, 5 de agosto de 1900.

(16) LIVROS, FOLHETOS, REVISTAS, ETC...

Há dias, uma folha carioca, referindo-se ao livro Santa Catarina de Virgílio Várzea, lamentou o indiferentismo com que a crítica indígena recebera o finíssimo trabalho do escritor. É a pura verdade. Realmente, injustiça clamorosa foi esse frio acolhimento, por parte de quase toda a imprensa do país, desse valioso estudo do encantador "conteur" catarinense, que escreveu as sugestivas páginas de Mares e Campos.

Mesmo sob um ponto de vista geral, não relutamos em afirmar que Santa Catarina, dentre as publicações do Centenário, é a monografia mais interessante que apareceu.

E bem avisados andaram com certeza o Centro Catarinense e o governo daquele Estado do sul, galardoando os esforços do autor de tão notável trabalho com uma bela edição condigna, de que se encarregou a Companhia Tipográfica do Brasil.

O volume que temos presente é a parte primeira da obra e trata da ilha de Santa Catarina, estando dividido em doze capítulos.

Neles, o autor mostra de quanto é capaz a ductilidade de seu talento, instruindo o leitor na geografia, na história, nos costumes da sua terra, descrevendo as cidades e os lugarejos, os seus valiosos aspectos, a vida do seu povo; e, embora passando das descrições meramente impressionistas à aridez da crônica dos acontecimentos - sempre usando do estilo ameno e loução de novelista senhor de todos os segredos da forma, o que lhe permite colorir brilhantemente a paisagem, dar-lhe a vida, calor e movimento, transmitindo por outro lado, ao leitor todas as emoções estéticas recebidas, sem provocar um leve enfado.

Os capítulos mais interessantes que compõem o livro são, a nosso ver, os que tratam da pesca e da vida rural no Estado natalício do escritor.

Houve quem já chamasse Virgílio Várzea o Castagnetto da prosa, pela felicidade com que mancha, servindo-se dos ricos tons do estilo, as paisagens marinhas, especialidade daquele outro colorista de telas.

Assim, o que mais nos encanta, é vê-lo descrever, por exemplo, cenas da praia: a volta dos barcos da pesca, atulhados de tainhas, as festas dos pescadores, os ritos dessa gente chã; depois a existência virgiliana do camponês, no interior, as mais simples cenas da roça, a intimidade caseira ou os grandes alvoços nos povoados, quando chega a ocasião das farinhadas, das rapaduras, dos beijos - cenas que se não observam por cá e nos fazem lembrar outras congêneres, como as esfolhadas, na terra da alface.

O livro de Virgílio Várzea, mesmo pela sua própria natureza, desnecessita de análise, embora perfuntória: ninguém melhor que o autor, antigo investigador das coisas da sua terra, poderia historiá-la, máxime, quando lhe sobra talento e ilustração. Limitamo-nos, portanto, ao que fica dito, acrescentando mais uma vez: o trabalho do escritor catarinense - útil e agradável como se exige - merece, por certo, a atenção de todos aqueles que lêem.

Correio Paulistano, São Paulo, 6 de agosto de 1900.

(17)

Virgílio Várzea, brilhante criador de Rose Castle e autor de mais alguns livros de verdadeira arte, acaba de enriquecer as letras do seu Estado natal, dando à publicidade este livro de valor inestimável, há muito anunciado, e ao qual deu o título sugestivo que vai, colimando, esta ligeira notícia.

De "Santa Catarina" está publicada apenas a primeira parte - A Ilha - volume que se compõe de 336 páginas.

Este trabalho, de grande atualidade, pois no gênero é o primeiro que se publica, deve se compor de duas partes: - A Ilha e o Continente.

Pela primeira vez que folheamos com satisfação e orgulho, já se pode avaliar o valor da obra do infatigável e distinto patriótico.

Segundo diz a prancheta "Santa Catarina" está sendo publicada pelo Centro Catarinense e auxiliada em parte pelo Governo do Estado.

Os doze capítulos que cuidadosamente folheamos trazem importantíssimas informações de utilidade geral.

Iniciam a obra ligeiras notas históricas, a começar de 1515 até a data da proclamação da República.

Seguem-se as observações étnicas sobre os habitantes, feitas com muito critério e aprofundado estudo.

Vem depois a paisagem da capital, a sua topografia e o estado social e industrial.

Mais adiante, os arrebaldes despontam bordando as praias e os outeiros e neste ponto a pena do escritor cintila com fulgurações estranhas e requintado colorido.

O quinto capítulo trata das CURIOSIDADES - descrição de monumentos que, (...), a passagem de gerações mortas e cujas recordações palpitam ainda na alma do povo.

(...) apurado estudo da capital e arredores, o escritor se dirige para as freguesias e arraiais que alvejam pitorescamente sob as frondes dos arvoredos e ao sopé das montanhas que se elevam pela ilha adentro.

Em seguida vêm as praias, os cômoros, os campos, os rios, as baías, as ilhas, as ilhotas, como se fôra uma mutação de silfora-

ma, em que o pincel do artista tivesse deixado, rapidamente, uma nota viva e eloqüente do seu pulso vigoroso e da sua fibra este-siaca, delicada e fina, como especialista em marinhas.

Outro capítulo é dedicado à pesca: o autor descreve a vida do pescador, os seus trabalhos, os seus perigos, os seus costumes, de uma maneira magistral.

Termina o livro com um longo estudo sobre a vida rural.

Aí vêm os processos agrícolas, o engenho de farinha, as co-lheitas, o fandango, a cultura do café, o milho; e finalmente in-dica as causas do decrescimento e desaparecimento da cultura do algodão e do linho.

Todo esse livro ressumbra de muita força de observação e de estudos delicados, bem assim de informações prestadas com o ri-gor do justo conhecimento das coisas.

Um fato, porém, nos causou bastante estranheza, é o seguin-te:

Sendo a ilha verdadeira exportadora de bananas para o es-trangeiro, o que proporciona ao Estado e ao Município uma exce-lente renda, porque motivo o ilustre escritor deixou de consig-nar semelhante cultura, talvez hoje uma das mais importantes da ilha?

Afora este pequeno senão, o livro é belamente completo.

Saudando com justos aplausos ao talentoso autor de "Santa Catarina", deixamos nestas linhas consignada a gentileza da ofer-ta desse precioso livro, feita à Página pelo Centro Catarinense, por intermédio do estimado cidadão Joel Augusto da Silva; e seja nos permitido recomendar essa obra de grande utilidade à popula-ção catarinense.

Em: A Página, Rio, 23 de setembro de 1900.

(...) que com ele identificou-se a ponto de por assim dizer ter fundado esta religião reconfortante, sublime e ativa, fervoroso culto de seus pósteros: a do supremo amor pátrio! E como não ser assim quando "l'homme est enchainé - la nature par ses besoins et ses passions" conforme sentenciou De Laprade.

O autor escreveu, contou e ensinou as coisas da sua terra com a competência de um verdadeiro historiógrafo, e, além disso, com (...) do estilo, da qual é senhor de todas as graças. Estilo fremente, pelos nervos e pelo sangue, aquele sangue tão vivo como o de que o autor falou uma vez, recordando Brandzen quando a 20 de fevereiro de 1827, também nos campos de Ituzaingo, condecorado pelo fogo brasileiro com a estranha rosa escarlate desabrochada sobre o peito ...

Alcides Cruz

In: Federação, Porto Alegre, 23 de agosto de 1900.

(20) CRÍTICA LITERÁRIA

George Marcial e Contos de Amor de Virgílio Várzea.

Nietzsche, no Humano, muito humano, referindo-se aos livros das pessoas que nos são conhecidas e suas leituras, diz: - "Nós lemos os escritos das pessoas que conhecemos (amigos e inimigos) de duas maneiras, atendendo que o nosso conhecimento, sem cessar de um lado, nos segreda: é dele, é uma notação de seu ser interior, de suas aventuras, de seu talento, e do outro, um novo conhecimento procura, ao mesmo tempo, estabelecer qual o proveito da obra em si, qual o seu mérito geral, abstração feita do autor de que modo ela vem enriquecer à ciência."

Este critério de estudar e julgar as obras que nos caem em mãos, parece-me seguro, porque, outro não deve ser o procedimento de quem se abalança a criticar trabalhos alheios.

No entretanto, na maioria dos casos, assim não acontece. Se temos de falar do livro de um amigo, todos os elogios são poucos, não só pelo receio que temos de magoar, de melindrar a suscetibilidade das pessoas com as quais temos relações de amizade, como porque, essa mesma simpatia faz desaparecer, aos nossos olhos, os senões e as faltas cometidas pelos que nos são íntimos.

Se, porém o autor da publicação de que vamos tratar é nosso desafeto, reunimos uma série de maldades, acumulamos ódios, descarregamos a nossa bÍlis sobre o escritor, amesquinhamos a sua produção, chegamos mesmo ao descoco de dizer: - Isso nada vale. É de fulano, basta. Tenho há muito, juízo formado a respeito. Este sujeito foi sempre muito pulha, seus trabalhos são detestáveis, não os leio nem a instâncias de Deus Padre.

A parcialidade se entroniza desta sorte no espírito humano, sendo precisa, as mais das vezes, uma forte reação para vencer o espontâneo desejo de tecer elogios ou dizer mal.

Desprezei propositalmente as últimas frases do fino escritor alemão, quando entra ele na apreciação e comparação dos dois modos de julgamento, para estabelecer, como método a seguir no juízo que aqui vou deixar sobre Virgílio Várzea a suas últimas brochuras, as palavras do profundo autor de O viajante e sua

sombra.

Virgílio Várzea cuja vida literária acompanho desde que foram expostos nos escaparates dos livreiros os Mares e Campos, é um dos homens de letras da moderna geração a quem o eriticismo indigena sagrou.

(...) planejando a (...) mais ou menos perfeição, o artista que traçou as belas páginas do George Marcial e dos Contos de Amor, soube tirar de sua paleta o colorido preciso para dar vida e alegria às encantadoras paisagens da terra natal, que tão bem delineou.

Não lhe faltaram os tons e meios tons para o realce das cenas, o claro escuro necessário aos relevos e sobretudo a observação segura no apanhar dos detalhes da esplendente natureza pátria.

Mas, a sua especialidade, e seu sinal característico de artista é acentuado pelas marinhas que o seu pincel descreve, com uma tal perfeição que atinge, de quando em vez, as raias do exagero. Dir-se-ia que Virgílio Várzea é um profissional, senhor da técnica marítima, e uma alma que sente a nostalgia do mar e da vida de bordo, como sente a concha a nostalgia da vaga manifestada no sentido queixume que nos deixa perceber o som lamuriento e monótono das vibrações do ar na sua concavidade.

Dá uma prova disto em quase todos os seus escritos, fazendo insensivelmente referências às cousas do mar, mostrando o cunho de sua individualidade, no seu sentir e no seu pensar.

Há momentos em que, quem o lê, fica supondo que ele não sabe fazer outra coisa além da nomenclatura naval e dos delicados painéis de Santa Catarina.

Percebe-se mesmo que, ou lhe domina um bairrismo inveterado, que nada mais lhe apraz senão o torrão catarinense e os seus barcos de pesca, as embarcações veleiras e os possantes navios a vapor.

Talvez eu não o tivesse compreendido bem.

Mas, ali estão os Contos de Amores e o George Marcial, e Santa Catarina e o mar que nos vêm atestar a autoria de sua feitura.

Será isso um defeito?

Em parte o é. É um defeito com atenuantes, é o defeito dos artistas, que se observa no músico que tem sempre a mesma variação para todos os temas, que sucede no pintor que emprega as mesmas tintas em todos os quadros, que se evidencia no poeta que repete as mesmas rimas.

É um defeito que pode não tirar o mérito da obra, mas que se torna monótono e fastidioso.

O espírito humano não suporta as reproduções por muito tempo. Um mesmo prato comido diariamente, pode ser saboroso nos primeiros bocados mas, nos consecutivos estraga o paladar, enjoa, aborrece.

De parte estas considerações descabidas, Virgílio Várzea está só no assunto, ninguém entre nós se lhe avanta nas descrições de marinhas, ele sabe fazer essa pintura literária a que se refere Nietzsche, e faz nascer o desenho das gradações das sombras, dos limites e das transições das cores, dando a cada objeto a sua própria significação.

Definindo a individualidade e a nota distintiva do autor dos Mares e Campos, tenho estudado a sua obra em geral.

Resta-me falar em particular dos dois volumes a que me referi acima.

Que tenho a tratar deles que já não o tenha dito aqui? O enredo do George Marcial? Esse peca por falta de originalidade. O passeio do Comodoro pela baía de Botafogo? A crítica indígena já se exprimiu a respeito. Falta somente o quadro da confeitaria Pascoal, que está esplendidamente esboçado e os galicismos de que abusa o escritor, que lhe enfeiam o texto do livro, onde se destacam páginas soberbas.

Quanto aos Contos de Amor o bondoso leitor, se me quiser acompanhar, não se desgostaria, tenho fé, começando a leitura pelas últimas páginas do livro - a novela Em Viagem.

Finalmente, qual em síntese a sua opinião sobre Virgílio Várzea? me perguntarão os que me lêem. Mais duas linhas e lhes direi: no conto, Virgílio Várzea, firmou-se; no romance apenas estreou.

Getúlio dos Santos

(21)

O outro livro que recebi e do qual quero falar pertence a um gênero bem diverso, mas que se filia, como a verdadeira poesia no sentimento mais enérgico de uma alma de homem, o amor do seu torrão natal. É autor dele o Sr. Virgílio Várzea, que eu saúdo pela sua obra tão bela, como útil.

Intitula-se Santa Catarina. A Ilha. É a primeira parte de uma monografia que será completa quando o segundo volume aparecer, deste interessante Estado da Grande República Brasileira.

O primeiro capítulo é a resumida mas muito bem feita história da primeira colonização. Seguem os capítulos todos, excelentemente documentados, acerca dos habitantes, da capital, dos arrabaldes, das curiosidades que ali mais avultam. Depois vem a pitoresca descrição das freguesias e arraiais, o aspecto exterior das praias, dos cômoros, dos campos; a história e o quadro dos pequenos rios, das baías, das ilhas e das ilhotas. Seguem-se quadros encantadores da pesca e da vida rural e a enumeração das produções agrícolas dessa feracíssima região. Finalmente, é um destes trabalhos de uma transcendente utilidade e que deviam ser feitos em cada zona de cada país, para que este país ficasse sendo conhecido nos seus vários aspectos biológicos, geográficos, étnicos e sociais, para que a gente conhecesse as particularidades de cada região distinta, o modo por que ali se começou a luta da vida, por que meios se venceu, quais os encantos especiais que a tornam aprazível, quais os erros que cumpriria emendar, qual a energia primordial que ali afeiçoou a natureza e a gente, exercendo aquela seleção que resulta finalmente da colaboração entre as leis naturais e a vontade humana, reagindo sobre elas, obedecendo-lhes inconsciente ou servindo-se delas para seus fins.

É feito em linguagem muito agradável este estudo, que ao mesmo tempo que satisfará os homens de ciência, será lido, pelos professores com um interesse vivíssimo. Vê-se que o autor ama a província em que nasceu com um amor profundo; que aspira melhorar mais e mais as suas condições de vida, ao mesmo tempo que se orgulha de descrever os quadros animados e luminosos da sua bela paisagem, da sua agricultura florescente, da pesca dos seus rios da lide afanosa e pitoresca dos seus engenhos, dos seus costumes simples e bons, das suas alegres festas populares.

Hoje, que uma fadiga extrema e dolorosa abate o ânimo dos habitantes das tumultuosas e infectas cidades ultra povoadas, como repousam o espírito estas cenas de graciosa e idílica poesia.

A natureza foi pródiga com o Brasil; deu-lhe tudo que mais encanta o olhar do homem, os rios de majestosa amplitude e cor cerúlea e límpida, os bosques frondosos, onde não penetra a luz do sol, as montanhas soberbas, as amplas pradarias sem fim, as baías de esmeralda ou de safira, ao pé das quais se empalidecem e se humilham, as famosas baías do velho mundo, cheio é verdade, de recordações sublimes, contando histórias longas de lágrimas, de heroicidade, de amores e de grandeza lendária! Mas quando é que foi mal ser moço e ter ainda uma curta história?

Felizes das que têm um longo futuro a encher de glória e de felicidade.

Por isso é que eu lendo a admirável descrição de Santa Catarina, fiquei fazendo votos para que outros escritores, igualmente eruditos, bem informados e patriotas, façam em volumes sucessivos a descrição desse múltiplo cenário majestoso que a natureza encheu de prodígios e em que os homens podem e devem desenrolar esta larga e gloriosa história, hoje ainda em princípio.

Maria Amélia Vaz de Carvalho

Jornal do Comércio, Rio, 15 de julho de 1900.

(22) PUBLICAÇÕES

Contos de Amor - por Virgílio Várzea - um volume de 251 páginas - Lisboa - Livraria Tavares Cardoso & Irmão - 1901.

Este livro de contos do Sr. Virgílio Várzea, cuja edição atraente começa por nos encantar, está escrito, não diremos numa linguagem extreme e castiça, mas num vocabulário sortido, embora aqui e além taxiado de um ou outro neologismo dissonante. Entretanto, o facetamento da frase e, algumas vezes, a correção meticulosa dos períodos, fizeram-nos compreender que o Sr. Várzea é um prosador seguro e que, à parte certas irreverências sintáticas, conhece e sabe o valor da língua portuguesa.

No tocante, porém, a efabulação dramática dos "Contos de Amor" é menos feliz, porque não varia nunca de tema, atacando quase sempre a mesma nota, que é apenas amorosa, com algumas variantes do meio e da descrição em que é notável.

Em geral, estas miniaturas sentimentais repetindo-se pelo livro adiante, excetuando "Em Viagem", a qual, pelo tamanho, chega a ser uma novela, tem como única paisagem - o mar! Dir-se-ia que o Sr. Virgílio Várzea escreveu a sua obra sobre as salsas ondas, apartado dos encantos da terra, numa viagem longa, sempre absorvido e alheiado na limitada visão externa do meio, para cujo plano do livro escolheu apenas os companheiros que tinha ao redor. Porque, a não ser o "Marinero", "A Primeira Entrevista", "A Haetica", "Nerah" e o "Tzar", isto é, cinco ou seis pequenas aquarelas, olhadas de terra, todo o volume composto de vinte e cinco contos, é envolvido pela brisa do mar, bafejados pelos ventos marinos numa quente ilusão de sentimento que define um grande amor pela superfície lisa das águas.

Por aqui se infere que toda essa paixão marítima lhe limite a área dramática dos assuntos e o subordine, ora à contemplação melancólica do céu, ora parecendo os olhos na glauca camada dos mares por onde navega a galera do seu sonho.

E o que falta em psicologia ou análise, que demande o coração das suas figuras, que são uniformes e como que formadas por uma só alma, sobeja na riqueza das molduras destes pequeninos quadros a que o seu autor chama contos, talvez por uma errada com-

preensão do termo.

Eis aqui o que se nos oferece dizer nos limitados domínios desta secção, acerca dos "Contos de Amor", cuja oferta muito penhoradamente agradecemos.

(O Diário Ilustrado, de Lisboa,
de 2 de agosto de 1901.)

(23) MARES E CAMPOS

Virgílio Várzea é o Loti brasileiro. Pintor de marinha, as cenas rústicas da vida dos pescadores ou os episódios de bordo dos consideráveis steamers impressionam-no igualmente e ele os reproduz com amor em pequeninas telas adoráveis. Esses contos, que pela segunda vez são editados, formam um museu pitoresco que a gente percorre com a percepção distinta, nítida, perfeita dos quadros de que se compõe. É um livro simples como são simples os costumes da gente de que ele trata. Campônios e marítimos, rudes, bravos, honestos, raparigas saltitantes e alegres, povoam as suas páginas num suceder sem fim de bailados ruidosos, poéticas novenas e afanosas pescarias à tarde ...

A observação rigorosa sobre que são calcados todos esses contos constitui o maior mérito do livro.

O Molho de Lenha, os Bois Chucros, a Cabra Cega, Miss Sarah, Na Roça ... são páginas de perfeita naturalidade.

O autor de Mares e Campos é um dos nossos escritores mais genuinamente brasileiro. E bem merece por isso. Se neste livro pinta quadros da vida rústica, aí está o George Marcial como reflexo perfeito da sociedade elegante do Rio de Janeiro, no fim do Império. Além de tudo, Virgílio Várzea é trabalhador e fecundo. Agora se volta para a História e a vida agitada e cavaleiresca de Garibaldi merece-lhe atenção e estudo. Garibaldi na América, de que damos um trecho neste número da Paulópolis, há de ser um livro interessantíssimo como é grandemente patriótico.

Aqui ficam ao nosso querido colaborador os agradecimentos - pela remessa do seu livro que - apesar do eterno clamor de que no Brasil não se lê - atinge garbosamente uma segunda edição.

Veiga Miranda

Paulópolis, de outubro de 1903.

Mares e Campos do Sr. Virgílio Várzea é uma reedição. Não há, portanto, necessidade aqui de falar longamente de um livro já noticiado.

Já noticiado, mas muito bom. Nos Contos de Amor e em George Marcial, obras do mesmo autor, havia da sua parte a estranha preocupação de esmaltar a sua prosa com inúmeros vocábulos estrangeiros. Rara era a página em que se não achavam duas ou três palavras francesas, inglesas, espanholas ou italianas—disso estava longe de ser uma beleza, embora a atabulação fosse em geral muito interessante.

Mas em Mares e Campos não há esse defeito. É um livro, em excelente português, com muita vida, muita observação e muita poesia. Merecia a reedição que teve.

Medeiros e Albuquerque

(Notícia de 7 de outubro de 1903.)

(26)

A casa Garnier acaba de nos dar uma edição do livro do Sr. Virgílio Várzea Mares e Campos. O inteligente escritor está hoje na maturidade do seu talento, mas bem se pode dizer que Mares e Campos, livros de contos, dos primeiros publicados pelo autor, é o seu livro fundamental, o livro que reúne a manière do Sr. Virgílio: estudo da alma dos campos catarinenses, retratos da vida das praias e dos mares. A vida dos mares, principalmente obseda o Sr. Virgílio Várzea. Não há volume seu que de dez em dez páginas não se encontre uma descrição de oceano, de steamer, uma recordação aquática, um termo de bordo. O "Comodoro" depois Georges Marcial, seu último romance, é a alma de um homem de mar, Contos de Amor, quando não conta cenas de amor nos tombadilhos, tem cenários de mar, Rose Castle dá-nos a mesma impressão de marinha.

Para alguns pode ser defeito e até pedantismo essa coquetterie náutica do escritor que só salta de bordo entre ingleses e excêntricos para pintar o campo da sua terra como touriste; para nós é uma especialidade como a de Fabre na pintura dos padres, uma especialidade apreciável.

A edição da casa Garnier dispensa elogios.

Gazeta de Notícias, Rio, 13 de outubro de 1903.

(25) Mares e Campos - por Virgílio Várzea.

Editor H. Garnier. 1903. Rio de Janeiro

É uma segunda edição esta dos Mares e Campos de Virgílio Várzea, nome que não mais carece de encomios.

Sobre o livro e sobre a individualidade literária de V. Várzea, já se manifestou, entusiasticamente, toda imprensa carioca.

Mas as segundas edições são feitas não só para os que caem na tolice de emprestar livros bons como também para os que ainda não leram o trabalho e para estes direi que V. Várzea não fez no Mares e Campos um romance, mas uma preciosa coleta de sensibilísimos contos, que ele emoldurou nas mais graciosas e iluminadas paisagens.

São quadros rústicos da vida catarinense, mas o primeiro, o belo Mestre de Redes é bem niteroiense, bem jurujubano.

No gênero descritivo, V. Várzea tem no conto o que Antônio Parreiras tem nas telas, o que Gonçalves Dias tinha em seus poemas: a nota brasílica, a vida nacional, o amor da pátria.

A impressão é boa, salvo alguns descuidos de nonada.

V. Várzea conhece a nomenclatura das profissões que descreve sem discrepar num detalhe.

A linguagem, com todas as influências da vida rústica é primorosa, viva, em qualquer conto.

Se é uma vida de bordo que ele descreve como na Vela dos naufragos V. Várzea é um perfeito marujo; se é uma cena de pesca tal como a do Mestre de redes ele é um perfeito pescador que sabe fazer cerco e atirar um lançaço como um velho jurujubano.

O livro é de encantar e a prova disso é repetir, que está em segunda edição e pela benemérita casa Garnier que tem o condão de só editar os bons livros.

Parabéns.

Niterói: 1903

A. Azamor

(O Fluminense de Niterói - de 19 de outubro de 1903.)

(27) HOMENS E LIVROS

Mares e Campos traz por título o último livro de Virgílio Várzea. Trata-se de uma segunda edição dos quadros da vida rústica catarinense que, se não me atraíça a memória, (sobre eles tive ensejo de dizer), foram publicados a uns nove para dez anos. Vestem-se agora de novo, foram limados, mas não perdem a graça, a simplicidade nativas.

Virgílio Várzea é um nativista no sentido excelente da palavra, pois nunca louvarei bastante quem gosta das coisas e gentes deste belo Brasil. Porque olhai-as sempre de través? Aqui há quem suje a casa, como em toda a parte, aqui há quem a varra, e sumariando benefícios e prejuízos, há coisas bem de prezar em nossa terra.

O mar, Santa Catarina, são as duas paixões que se refletem no livro Mares e Campos; o pensamento, o estilo de Virgílio Várzea são as timiamas postas sobre os altares daquelas duas divindades.

Núpcias Marinhas e o Mestre de Redes, A Vela dos Náufra-gos e os Bois Chucros recomendam o livro de Várzea.

(A Tribuna de 29 de outubro de 1903).

(28) A LIVRARIA

HISTÓRIAS RÚSTICAS - VIRGÍLIO VÁRZEA - PARCERIA MARIA PEREIRA - LIVRARIA EDITORA - LISBOA.

Numa brochura simples, leve, feita com o zelo, o digno carinho dos editores portugueses, Virgílio Várzea, autor de dez livros, pôs, neste farto fim de ano literário, mais um bocado dos seus contos. Porque ele é lido, há muito tempo averiguado pela Crítica e pelo público, já vocês, num saber definitivo, sabem seguramente a precisão forte, a sinceridade, a flagrância pictural e nítida da sua arte. Segundo a sua índole, o seu gênio, que apura e retifica no estudo, no refinamento da idéia e numa tranqüila e deliberante honestidade de trabalho, esse artista tem empurrado os ímpetos do seu talento para a busca dos aspectos que, da natureza, como ninguém na sua língua, ele agarrou e pintou, aos toques largos, com limpidez, com intensidade, nas cores, nas cambiantes, nos traços poderosamente alastrados da sua pena.

Sabe-se o gênero de Várzea e, entre nós, ele o iniciou, cultivou e firmou. Nesse rumo, tem vindo, num trilho certo, o seu tirocínio, ou, na fórmula do clichê, a sua carreira literária.

Pois é um destacado, um excepcional, um definido, fazendo o que deseja e sabendo o que quer, e, melhor, sabe a gente o que ele visiona. Positivamente, isso não é pouco em qualquer parte. Positivamente, isso é muito, é demais bastante, no Brasil, a elucidação duma glória, sob um regime de literatura cambaleante e desmaçada, sem objetiva, sem alcance - Deus me perdôe - vária e indecisa. Todo o mundo dirá que Virgílio Várzea é o nosso artista do mar. A sua obra, o seu essencial, o que prima, o que bole, o que estremece de vivo, de elucidante realidade na sua obra é isto: o mar. Há vinte anos, escreve; há vinte anos trabalha na ânsia santificante desse ideal, na fadiga dessa pintura, imensa, exata, enervada de minúcias, que diga, enfim, ao contemplativo, todas as sensações do mar, os imprevistos da sua cólera, os insondáveis do seus abismos, o mundo das suas opulências, os longes da sua imensidade, os pavores, quase os seus segredos de longínqua melancolia, de fumegantes júbilos, de alegrias ensolaradas, de mansidão

compassiva.

Walfrido Ribeiro.

(Dos Anaes de 22 de dezembro de 1904.)

(29) VIRGÍLIO VÁRZEA

A este distinto homem de letras enviou o ilustre Sr. José Veríssimo a carta que vai abaixo, agradecendo-lhe a dedicatória do Brigue Flibusteiro, o novo e belo romance do novelista catarinense:

"Caro confrade e amigo Sr. Virgílio Várzea - Antes de ter a satisfação de receber o exemplar do Brigue Flibusteiro, que a sua bondade especialmente me destinou, já eu tinha adquirido o livro e o tinha lido com sumo interesse e simpatia. De toda a ocasião lhe agradeço, entretanto, a sua remessa, mas de fato não sei como lhe agradecer a bondade imensa de dedicar-me seu novo livro, e com tão honrosas e benévolas palavras. Creia que as suas generosas expressões me comoveram, vindas de um escritor em quem, sem lhe poupar as censuras, folguei todavia sempre como crítico, de reconhecer talento, estudo e honestidade e bons dotes literários. O seu novo livro não fez senão confirmar esse juízo e eu lhe dou sinceramente os meus parabéns por ele.

Não canse ou desanime de trabalhar, mesmo despremiado dos incentivos a que todo o bom trabalhador tem direito e sobretudo (...) mais longe que a glória do dia. Quem sabe se o melhor prêmio do nosso trabalho não é o próprio trabalho!

José Veríssimo

O Paiz, 20 de abril de 1904.

(30) CRÔNICA

Os livros dos escritores transatlânticos aparecem agora com mais frequência em Portugal, estabelecendo uma certa corrente de tendências e lutando belamente por uma elevada e nobre Comunhão de ideais. Até há pouco, a literatura brasileira, tão cheia de inspiração, de relevo moral e de originalidade, era apenas conhecida de alguns espíritos mais inquietos e mais agitados pela aspiração suprema de saber; hoje, porém, não se ignoram entre nós os nomes de Coelho Neto, artista ilustre de uma fecundidade que nunca se exaure, de Olavo Bilac, lírico admirável, de Luiz Murat, de D. Júlia Lopes de Almeida, de Sílvio Romero e de outros menores, que trabalham com uma crença profunda.

Houve um tempo em que as mais fulgurantes inteligências e os mais exigentes temperamentos estéticos do Brasil se gastavam em composições de um parnasianismo estéril, polindo com paciências beneditinas uma forma preciosa que, à força de trabalhada, nada exprimia e não refletia com brilho inconfundível, luminosamente, nenhuma imagem do mundo. A atividade era constante, no entanto; mas os grandes movimentos artísticos procriadores só triunfam, quando têm a animá-los uma fé transcendente, que maravilhosamente se alarga a todo o universo. Ora, os parnasianos eram inteiramente acéticos e da vida apenas conheciam os aspectos exteriores, as superfícies coloridas, as meias-tintas. Não mergulhavam avidamente na visão interior de cada alma, comunicando à sua arte um sopro potente e humano. O que os interessava, o que absorvia todo o seu ser pensante, era a riqueza das roupagens, a graça dos florões em oiro abertos nos baixos relevos de mármore branco, a beleza efêmera das coisas. Influenciados ainda pelos românticos, atiravam a flecha doirada e cristalina do madrigal às Lauras pálidas que de noite, no mistério das horas solitárias, assomavam aos balcões a embeber-se de lua e a suspirar, deixando cair dos dedos finos, sobre o pó das estradas, flores tristes. Quando muito, denunciando cérebros superiormente organizados, a ironia coriscava com fulgor em rápidas cintilações de luz, num ou noutro poema. Tudo, porém, o que não tiver raízes fundas na verdade augusta, passará sem eternizar

pensamentos ou memórias, como o vão rumor do vento.

Essa escola banal cantou um momento, exalou-se em exclamações, diluiu-se em lágrimas, envelheceu pelos salões aristocráticos, aspirando as jarras onde as rosas cândidas expiravam melancolicamente, cansou o olhar amortecido nas admirações dos bronzes antigos, comparou faces serenas à alvura imaculada dos lírios e extinguiu-se sem ruído - porque sem ruído viveu. Tinha somente um senso: - o da modelagem. Cinzelava com amor, conhecia os segredos da harmonia, do equilíbrio, da plástica. Mas o artista será tanto maior quanto maior for também o número das suas sensações. Enquanto os austeros e secos mestres parnasianos facetavam um soneto - houve uma derrocada colossal, adquiriram-se outras verdades, a consciência libertou-se, os homens de gênio encontraram, como mineiros estranhos, um filão abundante e descobriram infinitos horizontes às ânsias latentes. Quando um dia o parnasianismo despertou do seu êxtase secular, desconheceu a natureza. Durante um sono fez-se uma fabulosa ressurreição, surgiu uma alvorada inovadora e vitoriosa. Foi então que o Brasil começou a reagir, vivamente perturbado pelas conquistas modernas; e os primeiros combatentes que apareceram, investiram denotadamente contra as velhas fórmulas, que tinham a rigidez e a teimosia das múmias, mas que um fogo purificador pulverizou. Coelho Neto, Bilac e outros, influenciados pela clareza que ascendia, foram os renovadores da arte do seu país, que dentro em pouco se afirmava nobremente, ainda que embaciada a princípio na irradiação de sua beleza por exuberâncias bárbaras mas que bem depressa se clarificava.

Virgílio Várzea, o escritor a propósito de quem vão estas palavras, surgiu depois, destacando-se desde logo pela potência do seu talento, pela sua capacidade subjetiva, pelas suas qualidades de observador. O volume de contos com que fez a sua iniciação, era uma tentativa notável, revelando faculdades criadoras admiráveis, uma vontade que nunca experimenta desfalecimentos e uma alma de poeta de um alto vôo lírico. Porque os brasileiros são poetas líricos de uma rara intensidade, talvez por atavismos, de raça e pela opulência da natureza virginal que os rodeia e que é sua fonte inspiradora. É essa natureza tão rica de

tonalidades, de imprevisto, de sedução, que lhes insufla o gênio decoloristas espantosos e os comove de todas as emoções e de todos os sentimentos indefinidos. A arte brasileira é como que uma projeção dos cenários da terra regorgitante de selvas, de torrentes, de vegetações, de rios imensos, e da humanidade que se move nos espetáculos sobrenaturais dessa paisagem; e a sua grandeza nasce precisamente da sua realidade.

Nas suas primeiras novelas, Virgílio Várzea inspirava-se já diretamente na natureza esplêndida e profética; depois, os seus processos de análise afinaram-se mais e adquiriram maior precisão e as figuras arrancadas pelo escritor aos naufragos da vida, ganharam maior relevo e mais naturalidade de expressão. O "Brigue flibusteiro", agora publicado em Portugal, numa dessas belas e simples edições da livraria Lelo, é, portanto, mais do que a revelação de um grande artista, a afirmação de um talento poderoso. Os tipos são perfeitos, movem-se, sentem, amam, sofrem. A alma do escritor animou-se de vida própria, deu-lhes também uma alma que os ilumina. As páginas descritivas são de uma vibração, de uma ardência impetuosa, de uma fluidez, de um esplendor de nuances maravilhosas. Certas marinhas, sobretudo, espelhando o azul dardejante dos trópicos, marulhando de todos os sussurros da floresta, de todos os murmúrios do ar, de todos os sons, resplandecem de limpidez e de frescura e enlevam pelo seu encanto. Virgílio Várzea dá-nos quadros vastos da vida do mar, com pragas e raivas de gente rude, aventuras, clemências, enternecimentos, ambições, crueldades; desenrola-se vertiginosamente numa infinita sucessão de trechos em que os olhos se deslumbram.

É necessário que os escritores e os artistas do Brasil, a quem tantas simpatias e tantas afinidades de sentir prendem os portugueses, se vão celebrizando entre nós, porque a sua arte tão intensa é como a voz da arte lusitana repercutindo-se a distância. O atual movimento de aproximação deve-se incontestavelmente, à livraria Lelo, que vem editando as melhores obras de autores do Brasil. Por isso mesmo essa livraria merecerá o justo aplauso de todos os homens de letras do nosso país.

(João Grave)

Diário da Tarde, Porto, 9 de abril de 1904.

(31) " O BRIGUE FLIBUSTEIRO "

A livraria Chardron acaba de publicar este romance do illustre escritor brasileiro, Sr. Virgílio Várzea.

Ainda há pouco a mesma casa editora nos deu O Sertão, de Coelho Neto, depois Discursos, de Silvio Romero, e outros trabalhos nos promete de autores transatlânticos ...

É esta uma boa nova para todos os leitores de Portugal. As letras brasileiras não eram suficientemente conhecidas entre nós, pela falta lamentável de vulgarização dos seus melhores publicistas. Nomes como os de Machado de Assis, Coelho Neto, Aluizio d'Azevedo, Sílvio Romero, Virgílio Várzea, Alberto d'Oliveira, Raimundo Corrêa e tantos outros, conseguiam apenas a admiração de meia dúzia dos nossos escritores. O público desconhecia-os. A livraria Chardron presta, portanto, com a publicação de livros modernos do Brasil um serviço registrável, e que todos os homens de gosto devem agradecer-lhe.

O novo romance do Sr. Virgílio Várzea confirma brilhantemente as notáveis qualidades do illustre escritor. O entrecho é singelo. Um pedaço da história aventureira de um brigue de piratas, que no mar das Antilhas encheu de assombro e pânico as embarcações surpreendidas pela braveza do assalto. Depois há naturalmente a florir as páginas da narrativa um amor belo e forte. É o caso do rapto de Mercedes, filha de um velho fidalgo espanhol, que o comandante do brigue vai buscar numa sortida noturna, trazendo-a nos braços desmaiada e linda, sob o fulgor amoroso de um largo céu nupcial ... E de novo o brigue se faz de vela, para ser berço errante desses amores.

Entretanto naquela vida de corso é necessária a pilhagem - e há assaltos a galeões, numa fúria invencível, que o Sr. Virgílio Várzea belamente nos descreve, num rico esplendor de tintas, em quadros de movimento e vigor. Terminado o cruzeiro, o Falcão (o brigue flibusteiro), aproa a ilha da Trindade. O casamento de Mercedes e do capitão corsário tem-se realizado no mar: abençoa-os o sacerdote que se salvara da carnagem, no assalto a um galeão português.

O brigue flibusteiro está cheio de quadros formosíssimos, comoventes e dramáticos, ou duma vaga e luminosa poesia. O Sr. Virgílio Várzea é um escritor de altos recursos, de forma clara e sugestiva, e que deixa transparecer, valorizando-o, o seu fino temperamento de poeta. A prosa não traz empastamentos, nem exterioridades de mau gosto, que às vezes prejudica alguns escritores de sua terra. É lúcida como um céu através de que se vêem as estrelas claras; fresca às vezes como um ramo de flores. As suas qualidades de paisagista destacam neste livro: há marinhas inolvidáveis, que se diriam executadas por um pintor de gênero, que fosse ao mesmo tempo um delicado sonhador.

Nós queremos apenas chamar a atenção dos leitores para este livro. O Sr. Virgílio Várzea, cuja obra é já vasta e muito notável, deve ser considerado como um dos prosadores mais cristalinos da sua terra. Em arte, chegar a atingir a pureza da sua forma, é conquistar um lugar invejável entre os melhores escritores contemporâneos.

Júlio Brandão

O Norte, Porto, 31 de março de 1904.

(32) VIRGÍLIO VÁRZEA

Fábio Luz, em um ligeiro e luminoso perfil que, há meses, traçara do estilista vigoroso de Mares e Campos, dizia:

"Creio bem na voluptuosidade intelectual do escritor catarinense; ele tem a volúpia da frase correta e sonora, e goza um belo trecho de prosa como se saboreasse um manjar fino ou uma guloseima, aos poucos, dando estalidos à língua, desafogando-se no colarinho alto."

É isto mesmo.

Virgílio Várzea alia a sua paixão das coisas marinhas, à paixão ardorosa da frase bonita, impecável, radiante, límpida como uma lâmina inteiriça de cristal.

Não é um imitador: tem a imaginação criadora e rica, o característico próprio, a grande independência do artista verdadeiro.

O seu livro que primeiro me veio parar as mãos foi o Georges Marcial. Tive o assombro infinito e alegre de quem visse a luzir, entre calhaus pardos, um precioso diamante.

Li o volume todo, - deliciado, arreouado, incendiado, num colossal entusiasmo por aquelas páginas poderosamente belas, onde a linguagem fluía vervosa, polida, esmerada, na cadente e rítmica harmonia de um pompeante e soberbo hino de glórias.

A figura marcial e distinta do comodoro, ficou-me por muito tempo a dançar na mente, - correta, magnífica, superior, impertinente, provocadora como uma imagem lendária.

Depois li Mares e Campos; e a admiração que sentia pelo autor, subiu, completou-se, ao conhecer a principal e grandiosa face, então nova para mim, da sua obra. Adorei ali, com um fetichismo perdidamente ingênuo, a doce e formosa poesia dos mares azuis de S. Catarina: as velas velejando ao longe, as bóias a flor d'água, os cascos à mostra, as povoações da beira mar, o canto saudoso da maruja, e, enfim, todo o imenso e rico poema das coisas marinhas.

Américo Facó

(Recorte do arquivo particular do autor - sem referências).

Nas mãos de um romancista consumado, nas de Alencar ou de Aluizio, essa passagem seria farta e brilhantemente aproveitada; ao passo que o Sr. Virgílio Várzea perdeu-a por completo: jamais será um romancista.

Isso, porém, de modo algum tira ao livro o seu valor real, o qual deve ser lido e meditado por todos aqueles que lêem, não com o desejo fútil de admirar banalidades ou de matar o tempo, senão com o desejo ardente de apreciar lindas descrições, belas passagens, cenas naturais e históricas, tratadas por mão de mestre, delicadamente, em estilo rendilhado, despretencioso e sadio.

Os homens do mar então nele encontrarão três longas horas de prazer, tantas as belezas, os atrativos e os encantos de O Brigue Flibusteiro.

Liberato Bittencourt

A Tribuna, Rio, 20 de abril de 1904.

Virgílio Várzea enriqueceu a literatura nacional com mais um belo livro - O brigue flibusteiro (lenda da ilha da Trindade) ou antes, uma delicada marinha, em que o escritor operoso faz com a sua pena maleável o que Castagnette fazia com o pincel nos seus adorados quadrinhos.

Gratos à oferta do exemplar que nos foi enviado, registramos o novo trabalho de Virgílio Várzea como mais um bom produto do seu espírito fecundo nessa especialidade que ele adotou, relembrando uma vida de marinha que ainda o apaixona.

A Tribuna, Rio, 7 de abril de 1904.

(...)

Vão para a morte? Salvar-se-ão? Não se sabe. Foi uma cena entrevista um momento, como tantas outras, de que ninguém indaga o final. Mas no Brigue Flibusteiro essa falta é sensível, porque a parte anterior não permite qualquer conjetura sobre o destino dos personagens.

O que há no livro a admirar é a beleza do estilo em páginas excelentes e são sobretudo descrições de um intenso colorido, descrições em que Virgílio Várzea se revela um escritor primoroso.

J. dos Santos

A Notícia, Rio, 25 de março de 1904.

(36) O BRIGUE FLIBUSTEIRO, por Virgílio Várzea,
edição de Lello & Irmão, Porto.

Não é o nome do Sr. Virgílio Várzea desconhecido em Portugal. Mas se a porção do nosso público que lê e para quem ainda é ignorado, vir este romance, bordado sobre uma bela lenda, e tiver seguido com atenção as suas páginas,- o Sr. Virgílio Várzea poderá louvar-se de para si em Portugal ter logrado uma unânime simpatia.

E bem merece o distinto escritor brasileiro. A sua obra já longa é um perdurável monumento do que vale o forte e opimo gênio literário dos nossos irmãos de além mar. Paixão, poder evocador, forma fulgente e vibrante, tudo isto, numa liga admirável, se encontra nela e principalmente na obra que os nossos amigos Lello & Irmão acabam de editar.

Ao acabarmos estas desprezenciosas linhas provocadas pelo livro ardentemente patriótico e ardentemente artístico do Sr. Virgílio Várzea, é justo louvar os seus inteligentes e esforçados editores que, com a edição de algumas obras da literatura brasileira, tão deficientemente entre nós conhecidas, estão prestando um relevantíssimo serviço a Portugal e ao Brasil.

Aos nossos amigos Lello & Irmão os nossos agradecimentos pelo exemplar de O Brigue Flibusteiro.

A Província, Porto, 30 de março de 1904.

(37) O BRIGUE FLIBUSTEIRO

Este original e interessantíssimo romance marítimo de Virgílio Várzea, apesar da conhecida indiferença que há ainda em o nosso meio para as coisas de letras, e especialmente de letras nacionais, vai fazendo o seu caminho, isto é, despertando a atenção daqueles que sabem que o valor, brilho e progresso de uma nação estão exclusivamente na sua feição, no seu assinalamento mental, sendo as suas outras forças vivas a base onde essa força suprema se equilibra.

Em Portugal, sobretudo em Lisboa e Porto, a imprensa e muitos escritores de nota têm-se ocupado honrosamente do livro do escritor brasileiro, que desde *Rose-Castle e Mares e Campos* perfeitamente revelou seu mais característico traço mental: o do conhecimento, pendor e paixão pelas cenas de bordo, pela vida do mar.

E sobre os *Mares e Campos* vem, oportunamente decerto, estampamos aqui a bela carta que, acusando a remessa desse livro, a Virgílio Várzea enviou ultimamente o eminente pensador alemão Max Nordau.

"Paris, 5 de fevereiro de 1904. - Ilustre confrade. Acabo de ler os seus *Mares e Campos* que teve a feliz idéia de enviar-me.

Esses contos e pequenos esboços são talvez desiguais, mas há entre eles uns que constituem verdadeiras obras de arte, cheias de emoção, de sonho, de poesia e de cor local.

Outros, posto que particularmente brasileiros, são geralmente humanos e vibrantes de talento como aqueles. Alguns me parecem demasiado simples.

Na imprensa diária ocuparia admiravelmente o seu lugar e honra-lo-iam muito. Em volume destinado a ficar, se me afiguram "un peu minces". Mas, como um livro deve ser classificado pelos seus pontos fortes, eu coloco o seu muito alto.

Creia, ilustre confrade, na elevada estima de seu. - Max Nordau.

A Tribuna, Rio, 18 de abril de 1904.

(38) "NAS ONDAS"

Este novo livro de histórias marítimas do único autor que possuímos neste impressionante e difícilíssimo gênero literário, é talvez o mais notável de Virgílio Várzea, superior mesmo aos MARES E CAMPOS e ao BRIGUE FLIBUSTEIRO, aliás considerados em Portugal e Brasil verdadeiras obras primas. NAS ONDAS se encontram os mais admiráveis, emocionantes, comoventes e variados quadros do Oceano e da vida de bordo, bem como das nossas praias do sul e da lide dos pescadores. Todas as nossas águas e paisagens litorais, com a sua multidão de tipos humanos, verdadeiros e característicos, estão nele registrados como no encanto dos filmes cinematográficos ou nas imagens de um caleidoscópio.

Damos a seguir a valiosa opinião do notável crítico Dr. Gama Rosa a respeito do livro de V. Várzea:

"A vida prodigiosamente pitoresca das nossas praias há sido apanhada com inexcedível superioridade técnica e vigoroso relevo artístico, pelo nosso grande escritor marinhista Virgílio Várzea. Em seus numerosos contos, saturados de realismo intenso, vivem e movimentam-se ao sol no ambiente de emanções marinhas, as populações do litoral brasileiro, coloridamente descritas em costumes, aspirações e sentimentos - um mundo inédito de marujos, homens, mulheres, velhos e crianças, no cenário do Mar infinito ..."

(Dr. Gama Rosa, Folha do Dia 30 de
Março de 1910).

(39) COMENTÁRIOS

Um livro de Virgílio Várzea

Sob o título *Nas Ondas*, acaba de editar a casa Garnier volumoso livro de contos, sem dúvida alguma dos melhores, senão o melhor, de quantos tem profusamente publicado o nosso grande escritor de marinhas.

E, a tal respeito, convém assinalar que se Virgílio Várzea, por temperamento profissional e por aplauso público, volve com insistência a tratar com interesse artístico e emotivo a vida marítima, litoral e de alto mar, dispõe igualmente de excepcionais aptidões para representações estéticas de qualquer gênero, especialmente referentes a obscuras populações rurais.

Lembrando *Os Simples*, de Guerra Junqueiro, quase toda a sua obra de conteur, já avultada, poderia receber como título genérico *Os Humildes*.

Além dessas tendências psíquicas gerais, caracterizam o trabalho artístico de Virgílio Várzea observações minudentes, argutas, metódicas, dando a impressão nítida perfeita de cenas e fatos descritos.

Nesse sentido, impele os escrúpulos a extremo realismo, conservando integralmente até os nomes dos lugares e personagens que por vezes, lhe tem valido reclamações.

O que confere, geralmente, a contos e romances acentuada frivolidade é o elemento que nessas composições possa existir de intuitivo e imaginado.

Com justa razão procura-se aí sugestivos sustentos humanos e não ociosas descrições arbitrárias.

Empreendida qualquer representação objetiva, Virgílio Várzea não a deixa, sem comunicar, em traços firmes e coloridos, a imagem completa.

Esse pendor imutável, cabalmente se explica por impressões iniciais em matéria de Arte...

Porque Virgílio Várzea, antes de ser o escritor realista que todos admiramos, foi proficiente paisagista e firme apreensor da figura humana, com disposições inatas, nervosas e musculares, verdadeiramente raras.

E ainda na cidade do Desterro, velhos profissionais, lastimam, com chauvinismo, que não houvesse sido o glorioso sucessor do conteur Victor Meirelles.

Crentes, entretanto, que, por influências de complicada psicologia e erudição, daria antes um exatíssimo e impressionante Pedro Américo.

Em assuntos marítimos, Virgílio Várzea, é emérito profissional, por prolongado tirocínio, durante a juventude, como praticante, em viagens de longo curso, a diversos pontos do globo.

Durante muitos anos, foi também secretário da capitania do porto de Santa Catarina, em constantes comissões e excursões marítimas.

A índole psíquica do notabilíssimo observador traduz invariavelmente benevolência e otimismo.

A natureza, os indivíduos, a sociedade, exibem-se sempre, sob aspectos risonhos, amáveis, dignos, complacentes, envolvendo tudo em universal afeto, carinho e piedade.

Como cultor de ideais, o elemento feminino lhe sugere ilimitado fanatismo, - representando, na existência, a suprema beleza, graça, moralidade, abnegação e bondade.

(Gama Rosa)

In: Centenário do Marinheiro - Ed. Alba, Rio 1968 pg. 111

(40) DIFERENTE DE LOTI

A produção literária do Sr. Virgílio Várzea tem variado, abundantemente, nos contos e nas novelas. Entre esses dois gêneros tem o admirado marinheiro brasileiro, à feição do Sr. Pierre Loti, escrito a sua volumosa obra de doze volumes já publicados.

O mar tem realmente um infinito número de aspectos belos, e vários deles têm surpreendido, no maior grau de poder estético, o Sr. Virgílio Várzea cujos hábitos de marinheiro lhe educaram o espírito para as criações a que tem imprimido valor. O ilustre escritor lembra, pelas suas preocupações marítimas, o marinheiro que é o Sr. Pierre Loti. A obra de ambos, pode simbolizar-se no culto do mar, ou marilatria.

O Sr. Virgílio Várzea, em confronto com o Sr. Loti, é soberanamente humanista: prima por uma alma contemplativa menor e por um subjetivismo mais largo. O mar é o vasto cenário para apanhamentos de perspicaz psicologia hominal. No Sr. Loti assim é. Mas no Sr. Várzea é um instrumento da atenção de rigorosa psicologia animal. Num, o mar é meio; noutra é tudo, e também um agente. Ao demais, o estrangeiro cansou-se de perflustrar o mar e penetrou em coisas terretres; o brasileiro olha ainda o mar como o capricho mais constante de sua arte analista. E ambos se parecem, porque não sendo um mesmo, se distinguem.

Também no estilo diferem os dois escritores. O autor de Nas Ondas é vibrante e intenso, mas sem a preocupação do magnificen-tismo estilístico. O autor de Spahi é estranhamente alacre, nos tons de suas paisagens, no que gasta um vocabulário rebuscado aqui, e exótico ali.

Afinal, um, é um psicólogo, o outro, o francês, não o é. Nos romances deste, a psicologia que aparece é toda sua mesma. Os estados de sensibilidade são os do próprio autor. Os seus livros abarrotam-se de nostalgias, de desesperanças, de queixumes, às vezes, não das suas personagens, mas de sua própria alma. Nos estudos do Sr. Várzea, a sua alma não entra senão nas apreciações psicológicas, nas análises que produz sobre as almas alheias. Bem distintos são, pois, ambos eles na sua paixão comum do

mar.

Almachio Diniz

Diário da Bahia, Salvador, 18 de agosto de 1910.

(41) VIRGÍLIO VÁRZEA

O escritor catarinense que se tornou original pelos excelentes trabalhos e que é muito querido entre os melhores que se esforçam para enaltecer as letras pátrias.

Autor de uma dezena de bons livros, Virgílio Várzea, modesto e talentoso, não pertence à Academia.

Arredado de grupos, é um trabalhador infatigável e um operoso.

A sua produção literária é conhecida e popularizada.

O seu Estado natal não tem sido generoso com ele, pois tem se esquecido de fazer justiça ao seu merecimento.

O valor intelectual de Virgílio Várzea é incontestado e agora mesmo a casa Garnier acaba de editar um dos seus magníficos trabalhos - Nas Ondas, preciosa coleção de contos e fantasias, repletos de cousas marítimas e cheios de belezas.

O Subúrbio devia-lhe esta reverência.

(O Subúrbio de 6 de julho de 1910)

OBRAS E AUTORES

A Notícia publicou em sua edição de 20 do corrente um artigo de Virgílio Várzea, o fiel impressionista das paisagens marítimas de Santa Catarina, dedicado a João Grave, o elegante prosador português.

Virgílio Várzea é um dos mais apreciados literatos da novela, do romance e do conto que o Brasil meridional tem produzido nestes recentes vinte anos.

Seus trechos escritos, feitos num estilo vigoroso e cantante, refletem o brilho do sol sobre as ondas do rumoroso oceano que arrebetam nas praias da pitoresca terra natal.

Alguns contos do autor do *Brigue Flibusteiro* já esta folha tem reproduzido e assim facultado aos seus leitores conhecimento do talento e dos dotes literários deste hábil escritor.

Os livros *Mares e Campos* e *Histórias Rústicas* dão um testemunho seguro da sua orientação literária e do seu amorável pendor pelas impressões de província, pois constam de cenas, quadros, silhuetas e episódios cuja observação despertou o espírito e atraiu o sentimento de quem sabe compreender os esplendores da natureza catarinense.

As *Histórias Rústicas* demonstram perfeitamente a maneira pela qual Virgílio Várzea apanhou "as cenas da vida real, enfeixadas neste livro."

São impressões da sua infância e que ainda agora se reproduzem vivazes e encantadoras naqueles amenos lugares, nos mesmos sítios em que se formaram as idéias do moço e operoso escritor.

Os costumes da província, a sua atmosfera às vezes de bonança e noutras de procela; as mulheres, belas morenas de olhos deliciosos e calmos, os intrépidos navegadores da costa e do mar largo, as árvores frondosas e vicejantes, as areias finas e sólidas beijadas a cada instante pela vaga, ele sabe descrever e pintar com alma toda esta complexidade de causas e aspectos diferentes.

Basta ler qualquer das suas novelas para se ficar sabendo como a paixão do oceano influi para caracterizar a estética de

tais produções literárias que conseguem escapar à monotonia da trivialidade da narrativa.

Além disto Virgílio Várzea emprega acertadamente a técnica essencial ao gênero das suas descrições impressionistas; pois adquiriu em estudos náuticos os conhecimentos necessários para tratar dos cenários e dos episódios da vida de bordo e das demoradas viagens, ou mesmo das pescarias alegres e tranqüilas efetuadas a pequena distância do litoral.

É assim que num trecho do canto Marujos descreve-se a viagem da singradora Águia, que se aproximava das brasileiras plagas.

Assim a proa, no interior do vasto rancho talhado em triângulo, cortado o beliche (...) contra as amuradas, os velhos marinheiros e moços de convés, arrumavam as suas caixas de pinho pintado, à chama de ouro de uma lanterna suspensa a um dos pés de carneiro da escada.

E no meio de um cheiro de umidade salitrosa, alcatrão, lona e mialhar, cheiro agradável e higiênico, fundamento peculiar a todos os recantos de bordo dos navios à vela, falando incessantemente, numa voz rude e grossa, enrouquecida em geral pelos ventos frios do mar, cada um dobrava a sua roupa, peça a peça, e acomodava com carinho os variados objetos destinados a presentes à família e comprados aqui e além, nos portos onde haviam tocado.

Apreciador dos estudos históricos, ele sabe também dar ao assunto um feitiço literário, inteiramente ameno. Exemplo desta forma ou desta concepção espiritualizada em cenas evocativas do passado nacional temos na novela Em busca de ouro, que pertence ao século das descobertas dos portugueses, decorrendo a ação no almejado litoral do Brasil que se lhes afigurava, uma imensa barra de ouro.

Infatigável como o fecundo estilista Coelho Neto, o prosador catarinense ocupa-se com diversas produções que aparecerão breve, entre estas a segunda parte do estudo científico acerca de sua terra natal, o romance de costumes A inglesa; Episódios heróicos e os contos O rouxinol morto.

Mas dissemos que Virgílio Várzea aludiu a João Grave. Indagarão os leitores quem é esse escritor de nome francês? Pois ele não é francês, respondemos, porém legitimamente português e da geração nova do reino. Publicou recentemente um formoso romance, intitulado O Último Fauno, tendo-nos distinguido com a gentileza do oferecimento, autógrafo, de um exemplar. A edição desta obra de literatura pertence à Livraria Chardron, do Porto. João Grave foi poeta; em sua estréia deu à publicidade os livros Sonhos e Macieira em Flor, depois ficou jornalista e brilhou na colaboração do Século, nas crônicas semanais do Diário de Notícias e na redação do Diário da Tarde.

Seduzido pelas glórias das letras fez os romances Famintos e Eterna Mentira. Tem grande alento de inspiração e estilo quente com que se acham descritos os capítulos da obra O Último Fauno.

A ação decorre, idealmente, na Grécia antiga.

Foi precisamente um desses deuses de pedra exilados que eu encontrei por um terno e evocador ocaso do outono, num grandioso parque circundado de folhagens e de verdura um castelo senhorial desmoronado, com as muralhas cheias de silvados e de ervas marinhas, os torreões escalavrados, a torre de menagem esboroando pedra a pedra e destruída a ponte levadiça, que outrora descia ao toque de buzina para dar passagem aos condes e cavaleiros das cruzadas quando partiam para as guerras ou iam correr os veados nas noitadas, ao som das trompas de caça.

Era um fauno, um forte e lindo fauno adolescente, que certamente pertencera ao préstito vitorioso de Dyonises e que havia privado, em doce e afetiva camaradagem com o Deus dos poetas, dos músicos, dos estatuários e dos pintores.

Noutra passagem referindo-se aos primores e à verdade da escultura, diz em linguagem (...) colorida, como os escultores fizeram a síntese poderosa da existência e do (...), no bronze e no mármore.

A estatuária tem uma função importante na vida intelectual da humanidade, continuou o fauno: Educa o sentimento artístico e encanta os olhos! A sua influência é muito mais elevada e mais no-

bre. Narra em formas irrepreensíveis, em linhas palpáveis e reais, a história da beleza, dá a imortalidade as figuras humanas através dos séculos imorredouros e por ela podemos reconstituir, num museu, com alguma fantasia e um sensível dom de evocação, as religiões, os costumes, os trajés, as lutas, tudo o que define luminosamente os seres conscientes na sua evolução ascendente. A escultura eternizou os deuses, os heróis, os poetas.

" A Grécia tinha também os jogos florais e as lutas corpóreas, em que os lutadores eram unguídos de cheiros; e os senhores hoje têm ...

- O lawn tênis, o cricket e a equitação, interrompi eu com verbosidade e orgulho de sportman. Aí está! ... "

Este livro tem um tom essencialmente moderno, agradável e de uma crítica muito sagaz.

Leopoldo de Freitas (recorte do arquivo particular do autor)

3. Cronografia do autor

- 1863 - Nascimento na Rua Velha, Canavieiras: 6 de janeiro.
- 1871 - Colega de Cruz e Sousa na escola primária, Desterro.
- 1874-75 - Primeiro prêmio, em desenho figurado, no curso noturno do professor Manoel (Maneca) Margarida. Teatrinhos de adolescentes no Desterro. Adaptação de Macário, de Álvares de Azevedo.
- 1876 - Falecimento do pai, capitão de longo curso João Esteves Várzea, minhoto de São João dos Longos Vales, fronteira da Espanha.
- 1878 - Aluno do Colégio Naval, Rio de Janeiro.
- 1878-79 - Empregado de balcão da papelaria de Esteves Júnior, na Rua do Hospício, Rio de Janeiro, e de casa de pasto na Prainha.
- 1879-81 - Embarque em veleiros de longo curso: moço de convés no lugre Lívia, praça de Santos; praticante de piloto no brigue Teodoro, praça do Rio; piloto na polaca-goleta Mercedes, praça de Barcelona; imediato na barca Amistad, praça de Vigo. Corre o Atlântico, o Mediterrâneo, o Índico e o Pacífico.
- 1881 - Regresso ao Desterro: professor primário na vila da Cachoeira, empregado de balcão no Armazém Medeiros, distribuidor e partidador do Foro. Fundador e proprietário do jornal manuscrito Colombo.
- 1882-83 - Oficial de gabinete da presidência da Província, ocupada pelo Dr. Gama Rosa. Fundador e proprietário do jornal O Moleque, Redator da Regeneração, do Despertador e da Tribuna Popular. Crítico teatral. Plaquete Julieta dos Santos, de parceria com Cruz e Sousa.
- 1882-87 - Chefia contra os românticos a Guerrilha Literária Catarinense, integrada por Cruz e Sousa, Santos Lostada, Araújo Figueiredo, Horácio de Carvalho, Carlos Faria.
- 1884 - Publica Traços Azuis, seu único livro de versos, editado pela imprensa oficial da província. Promotor público em São José.

- 1885-89 - Secretário da Capitania do Porto do Desterro, comandada por João Justino de Froença. Dirige pela imprensa a campanha abolicionista. Seus trabalhos transcritos no Jornal do Comércio, de Porto Alegre. Saem Tropos e Fantasias, de parceria com Cruz e Sousa.
- 1887 - Lança Miudezas, contos.
- 1890 - Chefia pela imprensa a campanha contra Lauro Müller. Colabora no Mercantil de São Paulo, dirigido por Eduardo Salamonde.
- 1891 - Muda-se com a família para o Rio de Janeiro. Passa a trabalhar nas redações das Novidades, da Cidade do Rio e da Gazeta de Notícias.
- 1893 - Publica a novela Rose Castle. Primeira deputação estadual em Santa Catarina. Propõe a mudança do nome Desterro para Ondina, título do romance de Pierre Maël, que traduzira.
- 1894 - Tendo tomado partido contra o marechal Floriano, com Pardal Mallet, Clavo Bilac, e outros jornalistas, resolve unir-se à esquadra em operações, juntamente com Luiz Várzea, o irmão mais moço. Ganha experiência geográfica dos cenários em que se bateram Garibaldi e Anita, motivo de seu grande trabalho histórico.
- 1895 - Publica os Mares e Campos. Volta ao magistério lecionando Português e Literatura no Instituto Henrique Kopke. Correspondente do Democrata Federal, de São Paulo. Reside em Benjamim na Glória.
- 1896 - Consorcia-se com Eurydice Vasconcellos, sua colega de magistério.
- 1897 - Seus contos aparecem em castelhano, em Montevideu.
- 1899 - Redator político, e depois secretário, da Imprensa, de Rui Barbosa. Nomeado inspetor escolar. Colabora na Revista Brasileira, de José Veríssimo.
- 1900 - Publica Santa Catarina - A Ilha, laureada pela Comissão Comemorativa do Quarto Centenário do Descobrimento.
- 1901 - Publica George Marcial, Contos de Amor, A Noiva do Paladino. Passa a colaborar no Correio da Manhã e no Es-

tado de São Paulo.

- 1903 - Sai a segunda edição de Mares e Campos e, diretamente em italiano, Garibaldi in América.
- 1904 - Publica O Brigue Flibusteiro. Sai a terceira edição dos Mares e Campos. Perde sua mãe, nascida Júlia Alves de Brito, de tradicional tronco açoriano. Colabora em Kosmos e nos Anais.
- 1905 - Responsável pela redação final da Comissão Tradutora dos Evangelhos, organizada pela Sociedade Bíblica Americana. Publica Histórias Rústicas.
- 1907 - Embaixador Oliveira Lima traduz para o francês, publicando-os na imprensa oesteuropéia, alguns capítulos de Santa Catarina - A Ilha.
- 1908 - Percorre o sul do Brasil fazendo conferências.
- 1909 - Publica Os Argonautas. Mora na Rua Ipiranga, Laranjeiras.
- 1910 - Publica Nas Ondas.
- 1911 - Dirige a revista Marinha Civil. Seus contos aparecem em francês nas Mille Nouvelles Nouvelles, de Paris.
- 1913 - Inaugura o monumento a Anita Garibaldi, em Belo Horizonte, promoção do deputado Fausto Ferraz.
- 1914-18 - Colabora no Correio Paulistano, no Comércio de São Paulo e em Le Messenger de São Paulo. De parceria com Gama Rosa levanta campanha de imprensa contra Lauro Müller, decisivamente contribuindo para a eleição, ao governo de Santa Catarina, de antigo companheiro do Colégio Naval, Hercílio Luz. Visita Santa Catarina, eleito deputado estadual pela segunda vez.
- 1920 - Representou Santa Catarina, no Congresso de Geografia de Belo Horizonte.
- 1921 - Homenageado pelo governo português como Oficial da Ordem Militar de São Tiago da Espada, diploma assinado, pelo presidente Antônio José de Almeida e pelo troveiro Augusto Gil. Habita na Rua Assunção, Botafogo. Paredes meias com a chácara de Rui Barbosa. Várias manhãs, por cima do muro, o Conselheiro e o escritor

lembraram o tempo de sua atuação no mesmo jornal.

- 1925 - Visita Santa Catarina pela última vez, eleito deputado estadual pela terceira vez.
- 1927 - Seus contos vertidos ao castelhano, em Madrid, pelo erudito polígrafo Rafael Cansinos Assens.
- 1928 - Selma Lagerloff inclui Virgílio Várzea entre os melhores contistas de Natal do mundo.
- 1929 - Colabora no Correio do Brasil, hebdomadário do teatrólogo Serra Pinto.
- 1931-40 - Redige suas Memórias e revê sua obra literária, ordenando os inéditos. Residência em Prudente de Moraes, Ipanema.
- 1941 - Falecimento no Rio, deixando por publicar: Santa Catarina - O Continente, Garibaldi e as Repúblicas Juliana e Riograndense, O Rouxinol Morto (contos), A Inglesa (novela), Impressões da Província (silhuetas e paisagens), A Guerrilha Literária Catarinense, No Sul (aspectos dos quatro Estados meridionais), A Todos os Rumos (crônicas), Personalidades (Sinimbu, Marechal Andréa, Ouro Preto, João Kopke, Glicério, Gama Rosa). A Rosa dos Ventos (crônicas), Cartas da Beira Mar (crônicas). Passamento a 29 de dezembro.

In: Centenário do marinista (adaptação)

DISCURSO NO SENADO: HOMENAGEM DA BANCADA CATARINENSE

O Sr. Ivo de Aquino - Sr. Presidente, a minha presença nesta tribuna traz o propósito de requerer a inserção, na ata dos trabalhos desta Casa, de um voto de pesar pelo falecimento de Virgílio Várzea.

Virgílio Várzea nasceu a 6 de janeiro de 1863, na ilha de Santa Catarina, berço de poetas e marinheiros. O mar que a cinge, disse-lhe, através da infância até a adolescência, vozes de gentes que vieram de muito longe, sobre quilhas aventureosas e tangidas por ansiosas esperanças, para fundarem no Novo Mundo a primeira colônia de açoritas.

Não é de admirar, assim, que a impaciência da sua inteligência predestinada para sentir a beleza e a aventura, se tivesse abeberado na paisagem e no passado, que tantos encantos lhe davam à terra natal.

Em fins do império, cursou o antigo Colégio Naval. E, daí, engajado como simples marujo e, depois, como piloto, em veleiros portugueses e espanhóis, desde o Oceano Atlântico até o Índico, afrontou os ventos e tormentas de todos os quadrantes, provou as largas calmarias e perlustrou o mistério, a balbúrdia e a novidade, sempre renovada, de quase todos os grandes portos do ocidente e do oriente.

A faina diária do marinheiro, a incerteza das velas que lhe conduziam o destino, os cenários que lhe enchiam os olhos e lhe impressionavam o espírito, contribuíram, certamente, para lhe tecerem as fibras morais, amealharem as reservas do lutador e decidirem, mais tarde, a sua vocação literária.

Desengajado de bordo, regressou Virgílio Várzea à sua ilha; e, ali, ao lado de Cruz e Souza, de quem fora companheiro de escola, iniciou na imprensa da antiga cidade do Desterro a campanha da Abolição e da República. Fê-lo esta, deputado estadual; mas, certamente, não era a política o seu pendor. Seu trânsito nela foi breve demais para lhe disputar os triunfos; mas, nem por isto deixou de ser bastante para lhe fazer sentir os travos dos seus desenganos.

Quando Virgílio Várzea iniciou a atividade literária, já Cruz e Souza, flagelando-se no próprio esforço e mordido pela tortura de estar sempre longe de si mesmo, se alçava, em desmedido vôo, para alturas então incompreendidas.

Virgílio Várzea também foi tocado, de começo, pelas estranhas cintilações do simbolismo. E, à sua luz, versou a prosa e a poesia.

Mas, para logo, seu temperamento reagiu, seu passado de marinheiro lhe riscou a estrada do espírito e a sua pena começou a descer, inelutavelmente, as impressões que lhe tinham marcado a sensibilidade mais, talvez, do que ele próprio imaginava.

E surgiu, deste modo, o admirável marinheiro; e, com ele um novo gênero literário no Brasil e no qual não será injustiça dizer que foi o maior representante no continente americano.

O romance, a novela, o conto, condensados em obras como "O brigue - flibusteiro", "Em viagem", "Mares e campos", "Nas ondas", "Contos de amor", "Histórias rústicas" - a par de continuada colaboração nos grandes jornais do país - dão-lhe tão alta primazia naquele gênero, que é sem esforço que o colocamos dentre os de mais merecimentos nas letras brasileiras.

O Sr. Café Filho - Dou a V. Ex.^a o meu testemunho de representante do Rio Grande do Norte, informando que os livros de Virgílio Várzea estão presentes em todas as bibliotecas dos Estados do Norte, o que exalta o merecimento do escritor catariense que V. Ex.^a em nome de sua bancada, homenageia neste instante.

O Sr. Ivo de Aquino - Agradeço o testemunho do nobre colega. E se, para tanto, lhe não bastasse a consagração da crítica brasileira, haveria um pormenor, de si só decisivo, para se lhe não negar este mérito: - páginas suas foram incluídas na seleta de âmbito universal, organizada por Selma Lagerloff, e da qual constam passagens dos escritores de maior renome mundial.

Não é esta, evidentemente, a ocasião de se lhe fazer a apreciação da obra literária, nem a de acompanhar o artista nos

segredos do seu labor, disciplinado a um equilibrado realismo, que, por vezes, se prende à técnica e à minúcia da antiga profissão do mareante, mas para se desatar imediatamente em busca do encanto, que, para ele, sempre residiu nas coisas e nos homens do mar.

Há, porém, um traço a ressaltar em todo o curso da sua obra: Virgílio Várzea foi um escritor eminentemente brasileiro. Os mares e terras, que viu e percorreu, não lograram ausentá-lo do ambiente do Brasil. E, dentro deste, é para Santa Catarina, especialmente, que dirige a enternecida preocupação da sua arte de paisagista do mar e de observador dos seus trabalhadores. As suas melhores páginas estão, assim, embebidas na repousada beleza das praias da sua Ilha, no pacífico porto da sua antiga Desterro, nas procissões religiosas, que, à noite, descem de capelas à beira-mar, crepitantes de iluminadas promessas ...

Virgílio Várzea viveu numa época em que seria temeridade pensar alguém em granjear o sustento no trato das belas letras.

Foi, por isso, burocrata, como grande número dos nossos homens de letras. Mas, ainda assim, se o destino não lhe foi pródigo na recompensa material, reservou-lhe, contudo, a missão de educador, que é uma das formas mais nobres de sentir a beleza, que se irradia da juventude.

Morreu Virgílio Várzea, aposentado no cargo de Inspetor Escolar, onde prestou relevantes serviços ao ensino no Distrito Federal. O provento da aposentadoria mal lhe amparou a velhice. Mas, na eminente dignidade da sua pobreza, encerrou o curso de uma vida, que esteve sempre na intimidade de riquezas espirituais e vibrou com intensidade na opulência de cenários, que a sua pena perpetuou, para a glória do seu país e lustre do seu patrimônio intelectual.

Penso, pois, Sr. Presidente, que Virgílio Várzea merece o voto de pesar desta Casa, pelo seu falecimento, e é o que requero pela bancada catarinense lhe seja submetido a consideração. (Muito bem. Palmas).